

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do
Ensino Básico**

“Criatividade na aprendizagem”

Nome do Autor: Gisela Maria Almeida da Glória

Nomes dos Orientadores: Mestre Maria Ivone Couto Monforte das
Neves/ Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira

Data: fevereiro de 2012

RESUMO

O presente relatório foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Mestre Maria Ivone Couto Monforte das Neves e do Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira, da Escola Superior de Educação de Paula Frasinetti.

Considerando os objetivos definidos para o estágio profissionalizantes em Educação Pré-Escolar e em Ensino Básico – 1º Ciclo, o relatório de estágio foi elaborado de acordo com a prática pedagógica desenvolvida, e com os critérios específicos para a sua fundamentação, com o intuito de relacionar descritivamente a prática com a teoria referida para estas valências.

Neste sentido, a análise documental (Decretos-Lei; Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; Metas de Aprendizagem definidas pelo Ministério da Educação para as valências Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico (1º ano de escolaridade); Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico; Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais); a pesquisa bibliográfica, assim como a análise e tratamento de dados de informações recolhidas em campo, foram os pilares para formular o relatório de estágio.

Summary

The actual report was developed the Mastership in “Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico”, of “Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti”.

Considering the goals established for the professional probation in “Educação Pré-Escolar” and “Ensino Básico – 1º ciclo”, its report was prepared in relation to the developed pedagogical practice and with the specific criteria for its reason, aiming to relate descriptively the practice with the theory mentioned to those valences.

So, the documental analysis (Edicts: Curricular Orientations for “Educação Pré – Escolar”; Apprenticeship Goals determined by the Education Ministry for the valencies “Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico – first year); Curricular Organization and Curricula – “1º Ciclo do Ensino básico; “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais); the bibliographical search, as well as the analysis and the data treatment of all the information, were the essential parts to lay down this probation report.

AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório tornou-se possível graças às contribuições de diversas pessoas, a quem é dedicado os sinceros agradecimentos.

Contudo, não sendo possível citar todos os nomes, gostaria de agradecer, em especial àqueles que participaram mais diretamente no processo de conclusão do mesmo:

Aos professores, Mestre Ivone Couto Monforte das Neves e Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira, supervisores de estágio e de mestrado, respetivamente, pelos conselhos, orientação e oportunidades concedidas.

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, que acompanharam este longo caminho, durante o mestrado, pela dedicação, empenho e coragem.

Às orientadoras do estágio profissionalizante, das instituições de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, por possibilitarem o meu desenvolvimento académico e pelas experiências compartilhadas; ao grupo de crianças e alunos com quem foi possível partilhar momentos únicos de aprendizagem e dedicação.

E a todos aqueles que demonstraram carinho, amizade, amor, apoio, confiança, e motivação, em especial, à Maria da Luz Glória, ao José Augusto da Glória, ao Ilídio Augusto, à Cátia Juliana Marques, ao José Augusto Moreira, ao João Filipe Ribeiro e ao Filipe Martins.

“Mesmo que a palavra “obrigado” signifique tanto, não expressará por inteiro o quanto o seu gesto atencioso e delicado foi importante para mim.” (Lesley Pearse)

ÍNDICE GERAL

Capítulo I	5
<i>Introdução</i>	5
Capítulo II	7
<i>Enquadramento teórico</i>	7
1. Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar	7
1.1 O Papel do Educador	8
1.1.1 Modelos Curriculares que sustentaram a intervenção educativa em Educação Pré-escolar	9
<input type="checkbox"/> Movimento da Escola Moderna – MEM	9
<input type="checkbox"/> Modelo High-Scope – Aprendizagem pela ação.....	10
<input type="checkbox"/> Modelo Reggio Emilia – Relações, interações e cooperação.....	11
1.2 Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo	12
1.2.1 Papel do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico	15
1.2.2 Pedagogias que sustentaram a intervenção educativa no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	17
<input type="checkbox"/> Ensino crítico	17
<input type="checkbox"/> Construtivismo.....	18
<input type="checkbox"/> Pedagogia Relacional	19
<input type="checkbox"/> Aprendizagem cooperativa.....	21
1.3 A importância da criatividade nas aprendizagens no Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico.....	22
Capítulo III	24
<i>Procedimentos metodológicos</i>	24
1. Criatividade na aprendizagem.....	25
1.1 Tratamento de dados	27
Capítulo IV	29
<i>Contexto organizacional</i>	29
1. Caracterização dos contextos – Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.....	29
1.1 Análise comparativa dos contextos – Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.....	29
1.2 Caracterização sociofamiliar do grupo de alunos do 1º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	37
2. Intervenção Educativa.....	37
2.1 Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º ciclo do Ensino Básico ..	37
2.2 Intervenção educativa m Educação Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico.....	38
3. Avaliação das Aprendizagens	47
Capítulo V	56
<i>Construção da profissionalização</i>	56
Capítulo VI	61
<i>Considerações finais</i>	61
Bibliografia	62

CAPÍTULO I

Introdução

No âmbito da unidade curricular, Estágio II em 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi solicitado pelo grupo de docentes da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, a realização de um relatório de estágio, onde seja descrito o percurso desenvolvido ao longo do estágio profissionalizante, durante um período de tempo, tendo início no dia 26 de Setembro de 2011 e término no dia 11 de Janeiro de 2012, sob orientação do Mestre Pedro Ferreira,

Este estágio profissionalizante visou proporcionar uma experiência prática pedagógica, para que fossem reunidas todas as condições necessárias para uma futura atividade profissional.

Neste sentido, em situação de co-docência, cada estagiário responsabilizar-se-ou por uma turma de 1ºCiclo do Ensino Básico, que neste caso, do 1º ano de escolaridade, consoante o Projeto Educativo do estabelecimento, onde decorreu a sua prática educativa, e o Projeto Curricular de Turma.

A intervenção educativa foi realizada através da observação, identificação, e conhecimento dos ideais da instituição, como também, dos alunos, da equipa pedagógica, do ambiente familiar, e comunidade. Sendo assim, a mesma deverá ser planificada, organizada, concretizada e avaliada, de acordo com os objetivos definidos para o perfil de professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (segundo critérios definidos pelo Ministério da Educação).

Nesta índole, e tendo em conta o conceito de professor crítico e reflexivo, cada estagiário munuiu-se de instrumentos de observação, métodos e técnicas adequados. O bom ambiente educativo também foi promovido para que fossem desenvolvidas aprendizagens integradas, diversificadas, significativas e socializadoras colocando em prática atividades dinâmicas e projetos.

As situações de envolvimento entre família e comunidade; participação e colaboração ativa em atividades de organização e gestão; assim como, nas reuniões da instituição; da equipa pedagógica; reuniões de pais; e atividades de divulgação do trabalho realizado; visitas de estudo dos alunos; também foram atividades integradas na prática educativa.

Dando a importância da continuidade pedagógica entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, os alunos compararam estes dois contextos, refletindo sobre as suas semelhanças e diferenças, para uma intervenção educativa adequada, descrevendo também, as suas limitações, constrangimentos que fora encontrando e como as ultrapassou; as suas aprendizagens, os seus métodos e as suas técnicas utilizadas, articulando os conhecimentos anteriores com a prática desenvolvida.

Neste sentido, para que cada estagiário descreve-se a sua experiência, neste estágio profissionalizante, assim como, as suas evidências, teve de organizar o seu relatório, segundo uma ordem pré-estabelecida, encontrando-se o mesmo organizado por sete capítulos.

O primeiro capítulo – *Introdução*, refere-se à apresentação da instituição, dos objetivos de estágio; do percurso de formação desenvolvido; e as finalidades, organização e estrutura do relatório. Já o segundo - *Enquadramento Teórico*, descreve quais as perspetivas teóricas sobre o contexto da Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico; assim como, à abordagem sobre pedagogia diretiva, não diretiva e relacional). No terceiro capítulo - *Procedimentos Metodológicos*, descreve o tipo de estudo (estudo de natureza qualitativa, estudo de caso, estudo-piloto...); amostras, instrumentos (recolha de informação e tratamento de informação) e procedimentos (faseamento do percurso – definição de uma estratégia) utilizados durante a prática desenvolvida. No quarto capítulo - *Contexto Organizacional*, o mesmo contém diversos aspetos, respetivamente: Caracterização do contexto Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico (análise comparativa dos dois contextos, sustentada pela reflexão acerca do que justifica as eventuais semelhanças e diferenças); Intervenção Educativa (tendo em conta a experiência dos dois contextos e as opções metodológicas, evidenciando o processo observar/preparar; planear/planificar; agir/intervir e avaliar. A avaliação das aprendizagens alcançadas pelos alunos, descreve os tipos de avaliação, as opções nas estratégias avaliativas e os instrumentos utilizados). A *Reflexão sobre a Construção da Profissionalização – Capítulo V*, explicita o processo de ligação entre a teoria e a prática desenvolvida, a sua justificação do processo evolutivo, assim como, a narrativa pessoal sobre as vivências durante a prática (fazendo realce aos objetivos que se pretendeu atingir, refletindo sobre o crescimento ao longo do processo). No sexto capítulo - *Considerações Finais*, onde se descreve a reflexão crítica sobre a experiência de estágio, mencionando os contributos deste,

para o desenvolvimento pessoal e para a construção do seu modelo profissional, evidenciando limitações e obstáculos encontrados no estágio profissionalizante.

Por último a *Bibliografia* consultada para articular a teoria com a prática.

CAPÍTULO II

Enquadramento teórico

1. Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

Segundo o *Decreto-lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro, Lei Quadro da Educação Pré-Escolar*, o mesmo define que a Educação Pré-escolar:

“(...) é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Capítulo II, Artigo 2º, pp. 1)”.

O documento das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, definido pelo Ministério da Educação, constitui um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática (...) para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997:13).

O mesmo serve como referência comum para todos os educadores, destinando-se à organização da componente educativa, adotando uma perspetiva mais direcionada para o educador, com o intuito de promover uma melhoria da qualidade da educação pré-escolar.

Neste sentido, a Educação Pré-Escolar deve reconhecer a criança como sujeito do processo educativo, o que pressupõe uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, em que cada criança beneficia do processo educativo. Sendo assim, a articulação do saber irá desenvolver a construção da aprendizagem como vertentes indissociáveis. (*Idem, Idem*:14).

A Educação Pré-Escolar deve criar condições para que o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, promova a sua autoestima, autoconfiança, desenvolvendo as suas competências, como forma de reconhecimento dos seus progressos.

Nesta índole, um dos objetivos da Educação Pré-escolar, é também proporcionar “ (...) ocasiões de bem-estar e de segurança [...] no âmbito da saúde individual e coletiva.” (Ibidem, Ibidem:20).

Sendo assim, de forma a complementar a ação educativa, a participação da família também deve ser assegurada, entre o estabelecimento educativo e a mesma, no sentido de dar resposta ao desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos.

1.1 O Papel do Educador

O educador deve ter em conta que a Educação Pré-escolar não se organiza em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que se desenvolva no sentido da educação ao longo da vida, subjacente a uma pedagogia estruturada, contribuindo para uma maior igualdade de oportunidades.

Neste sentido, é necessário que o educador tenha em conta os objetivos definidos para a Educação Pré-escolar nomeadamente;

“Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania; Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais (...); Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo; Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências [...] promovendo a melhor orientação e Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar, 1997:15).

Desta forma, é essencial articular cada vez mais competências e destrezas, para que o educador reflita sobre o seu processo educativo para que as crianças aprendam normas e valores, mobilizando o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, articulando com o processo do ensino-aprendizagem entre os objetivos gerais, já acima referidos.

Sendo assim, é essencial que o mesmo organize o ambiente educativo (como suporte de trabalho curricular e da sua intencionalidade educativa); as áreas (definidas segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, como referências gerais a considerar no planeamento e avaliação das aprendizagens); a continuidade educativa (processo que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, de forma a criar condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes) e a intencionalidade

educativa (que parte do processo de observação, planeamento, ação e avaliação, tendo em conta as necessidades das crianças) (*Idem, Idem* :14).

Sendo assim, é importante que o educador promova “*atitudes úteis para o futuro aluno do Ensino Básico, secundário e superior e úteis para o futuro cidadão*” (FORMOSINHO, 1996:11) com o intuito das crianças na Educação Pré-Escolar aprendam a aprender, no sentido da educação ao longo da vida, para que o sucesso escolar seja alcançado.

1.1.1 Modelos Curriculares que sustentaram a intervenção educativa em Educação Pré-escolar

- **Movimento da Escola Moderna – MEM**

Uma das condições que fundamenta este modelo curricular, fundamenta-se na dinâmica social da atividade educativa no jardim-de-infância, relativamente à constituição dos grupos de crianças “*não por níveis etários, mas [...] integrando de preferência as várias idades para que se possa assegurar a heterogeneidade geracional e cultural*” (FORMOSINHO,1996:123).

De acordo com o trabalho desenvolvido por Freinet, é importante, manter permanentemente, um clima de “livre expressão” da criança reforçando as suas opiniões, ideias e experiências de vida.

Neste sentido, o educador deve mostrar-se sempre disponível para o seu grupo, estimulando o diálogo, dinamizando atividades lúdicas, promovendo assim, a comunicação entre o mesmo.

Na escola de *Freinet*, são realizados Diários, “ (*...*) *folha de dimensões variáveis dividida em quatro colunas.*”, onde nas duas primeiras colunas recolhiam os juízos negativos e positivos da educadora e dos alunos, sobre as atividades mais significativas ao longo da semana (“Gostei” e “Não Gostei”); a terceira coluna (“O que fizemos”) apenas destinava-se ao registo das realizações consideradas mais importantes, e por última a quarta coluna (“*Queremos*” e “*Desejamos*”) destinada ao registo das sugestões, e projetos a realizar.

É no diálogo com as crianças que “Assim, se caminha da avaliação para o planeamento, como convém ao processo formativo. (*Idem, Idem*:150).

Em consonância com a prática educativa desenvolvida foi pertinente a realização de uma investigação, no âmbito da Educação Artística, com o intuito de compreender melhor a influência da mesma nas aprendizagens das crianças em contexto de Jardim de Infância.

- **Modelo High-Scope – Aprendizagem pela ação**

O currículo High-Scope situa-se numa perspetiva desenvolvimentista para a educação de infância [...] e reconhece que o poder para aprender reside na criança, o que justifica o foco nas práticas de aprendizagem através da ação. (HOHMANN e WEIKART, 2007:1).

Tendo em conta os princípios básicos do currículo High-Scope adquire um conjunto de aquisições, no sentido de proporcionar ao educador a centração no desenvolvimento intelectual da criança; a opção pela aprendizagem ativa; o desenvolvimento de uma rotina diária, com um Ciclo de planeamento-trabalho-revisão e a conceptualização do papel do adulto como menos diretivo e mais autonomizante da ação da criança. (FORMOSINHO, 1996:60).

Neste sentido, a aprendizagem pela ação depende das interações positivas entre adultos e crianças, quer em conversas ou em brincadeiras com as mesmas, adotando uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito social.

A organização do ambiente educativo, é um aspeto fulcral a ter em conta, que segundo uma orientação construtivista, promova a vida em grupo, assim como a escolha da criança.

Quanto à sua organização, deve ser permitido à criança a transmissão social, como fator fulcral do desenvolvimento da inteligência e da construção do conhecimento, como apoio constante e comum do seu interesse.

“É o desenrolar do jogo educativo quotidiano que vai requerer a sua organização e reorganização” (Idem; Idem:68).

O investimento em materiais diversificados e apropriados, permitem a ação independente e estimulante, para que a criança construa o seu próprio conhecimento.

A organização do tempo, nomeadamente, da rotina diária, permite à criança gerir o tempo diário, fazendo com que a mesmas varie de situações de jogo com os outros (pequeno ou grande grupo), com os pares, com os adultos e sozinha na realização do projeto individual, assim como, em situações de ambientes diferenciados ao nível das potencialidades.

Tal como afirma Júlia Oliveira Formosinho, (1996:67), *“a rotina da pré-escola é constante, e estável, e previsível pela criança”*, onde a mesma, sabe o que a espera, conhece o que antecedeu, como conhece o tempo da rotina em que está no momento, conhecendo as finalidades deste tempo de rotina como apoio de uma aprendizagem ativa.

- **Modelo Reggio Emilia – Relações, interações e cooperação**

Considerando que este modelo assenta nas relações, interações e cooperação, onde se *“(...) considera que os educadores e as famílias são o centro da educação das crianças” (FORMOSINHO, 1996:101)*.

Neste sentido, a educação é considerada uma atividade comum de partilha, onde os educadores, famílias e crianças participam ativamente, dividindo tarefas e em comum assumindo responsabilidades.

Consequentemente, em Reggio Emilia o trabalho de grupo desenvolvido pretende que todas as crianças atinjam o mesmo nível ou eliminar diferenças individuais e muito menos potenciando a competitividade e o individualismo.

Com o intuito de criar um ambiente acolhedor e familiar, promove-se às crianças a sua capacidade de expressão, assim como, a possibilidade das mesmas desenvolverem o **saber observar**, o **saber colocar questões** e o **saber representar** novas situações.

Neste sentido, a criança adquire conhecimentos *“(...) numa variedade de formas que vão desde o jogo ao desenho. [...] promovendo o desenvolvimento intelectual da criança através de uma focalização sistemática na representação simbólica” (Idem,Idem:101)*.

Neste contexto, a importância da arte e das experiências artísticas, promove às crianças o encorajamento de representar uma ideia através de diversas formas de representação, não podendo a arte ser vista como parte separada do currículo.

O trabalho em projeto, também é considerado importante, no desenvolvimento das aprendizagens das crianças, visto que, em Reggio Emilia,

“Os projetos providenciam a parte do currículo no qual as crianças são encorajadas a fazer as suas próprias escolhas e decisões, geralmente em cooperação com os pares, acerca do trabalho que é preciso realizar. Nós consideramos que este tipo de trabalho promove a confiança da criança acerca do seu poder intelectual e fortalece as suas disposições para continuar no processo de aprendizagem.” (Ibidem, Ibidem:123).

1.2 Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo

O Ensino Básico, respetivamente o 1.º Ciclo, constitui-se como uma etapa da escolaridade em que se concretiza, e que se desenvolve numa perspetiva de progresso das primeiras aprendizagens dos alunos, promovendo a realização individual dos alunos, consoante as suas capacidades e interesses. Sendo assim, o aluno será preparado para uma intervenção e responsabilidade na sua comunidade envolvente.

Segundo o *Decreto-lei nº 49/2005 de 30 de Agosto*, Lei de Bases do Sistema Educativo, define o conjunto de objetivos gerais que devem ser procedidos no caminho ao alcance das finalidades.

Nos artigos 7º e 8º (Capítulo II, Secção II, Subsecção I, pp. 3/4) do mesmo, são definidos os seguintes objetivos, sendo alguns deles:

“a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente interrelacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios; g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura, portuguesas; h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e socioafetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante; i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária; j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades; o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.”

Em prol do que foi mencionado anteriormente, o Ensino Básico assenta em três grandes objetivos gerais, que são dissociados em objetivos específicos, nas vertentes *da dimensão pessoal, das aquisições básicas e intelectuais fundamentais, e para a cidadania* definidos pelo MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2004:13), presentes na *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo*:

“Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social; Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes; Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.”

Ao longo da escolaridade básica, os objetivos que são propostos têm como grande finalidade prosseguir o seu cumprimento, de forma gradual ao longo da mesma.

Com o intuito de evitar a compartimentação e ruturas no processo formativo/ensino das aprendizagens, “ [...] não foram definidos objetivos específicos (...)” apesar do Ensino Básico se encontrar dividido em três Ciclos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004:16).

A cada um dos Ciclos, correspondem etapas psicopedagógicas, nas quais haverá a necessidade de adequar o nível de execução dos objetivos aos estádios de desenvolvimento dos alunos, que são característicos nas diferentes fases.

Tal como se profere na *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo (2004:16)*, foi considerada a preocupação na conceção dos planos de estudo de cada disciplina ou área disciplinar, “[...] sem se perder de vista a linha de continuidade que conduz às metas finais.”

Neste sentido, para conseguimento dos objetivos, já mencionados anteriormente, deve subordinar-se ao desenvolvimento das competências essenciais, gerais e específicas, que são definidas no currículo nacional do Ensino Básico, *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO).

De acordo, com o *Decreto-lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro*, no âmbito da Organização Curricular da Educação Básica, a mesma submete-se a nove princípios orientadores, respetivamente:

“a) Coerência e sequencialidade entre os três Ciclos do Ensino Básico e articulação destes com o ensino secundário; b) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem; c) Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes; d) Integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares; e) Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas, em particular, e com carácter obrigatório, no ensino das ciências, promovendo a integração das dimensões teórica e prática; f) Racionalização da carga horária letiva semanal dos alunos; g) Reconhecimento da autonomia da escola no sentido da definição de um projeto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu contexto e integrado no respetivo projeto educativo;

h) Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e atividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspetiva de formação ao longo da vida; i) Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, por forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes definidas para cada um dos Ciclos e concluir a escolaridade obrigatória.” (Capítulo I, Artigo 3º, pp.6).

Para além das áreas curriculares disciplinares, componentes do Plano Curricular do 1º Ciclo do Ensino Básico, de frequência obrigatória – (Língua Portuguesa; Matemática; Estudo do Meio; Expressões Artísticas e Físico-Motoras), existem também as áreas curriculares não disciplinares: Área de projeto, Estudo Acompanhado e Formação cívica.

Estas últimas visam responder a necessidades identificadas no processo de formação e desenvolvimento dos alunos, segundo objetivos, segundo a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo (2004:17)*, definido pelo **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**:

- **Área de projeto** *“visando a conceção, realização e avaliação de projetos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos”*;

- **Estudo acompanhado**, *“visando a aquisição de competências que permita a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens”*;

- **Formação cívica**, *“espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.”*

As áreas curriculares não disciplinares devem ser abordadas em articulação com as áreas curriculares disciplinares, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, para que as aprendizagens dos alunos, ao longo do processo ensino-aprendizagem sejam coesos e determinantes no seu desenvolvimento.

Desta forma será permitido ao aluno o direito ao sucesso escolar, uma vez que os programas propostos para o 1º Ciclo do Ensino Básico, encontram-se subjacentes ao desenvolvimento da educação escolar.

Contudo, os mesmos constituem oportunidades de promoção de *aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras*, cabendo assim, ao professor integrar em conjunto com as mesmas, valores profissionais que mobilizem estratégias e atitudes consequentes (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004:24).

1.2.1 Papel do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico

O professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no seu longo processo formativo, deve assumir um papel de investigador, dinamizador, e cooperante, sabendo comunicar com os mais diversos membros da comunidade educativa.

Neste sentido, no desenvolvimento da sua prática pedagógica, a sua postura reflexiva permitir-lhe-á tomar uma posição perante a escola, assumindo capacidades investigativas.

Em articulação com as suas potencialidades poderá assim, construir permanentemente o seu pensamento, focando a sua ação. (ALONSO e ROLDÃO, 2005:9).

A atitude de flexibilidade, que deve considerar iminente em todo o processo de ensino-aprendizagem, estimula e possibilita a utilização de estratégias de adequação ao currículo, de forma a articular com os interesses dos alunos. Neste sentido, a diferenciação pedagógica deve resultar conforme as necessidades, valores e crenças dos mesmos.

O profissional em educação deve valorizar a aquisição de instrumentos conceptuais e de metodológicos para fundamentar, interpretar e orientar as suas decisões, uma vez que, com o disposto na alínea a), do n.º 1 do artigo 8º, da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, o ensino no 1.º Ciclo é globalizante e da inteira responsabilidade de um professor único, o qual pode coadjuvado em áreas especializadas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2005:3).

Neste sentido, e segundo o *Decreto-lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto - Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico*, um professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, um professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

“a) Coopera na construção e avaliação do projeto curricular da escola e concebe e gere, em colaboração com outros professores e em articulação com o conselho de docentes, o projeto curricular da sua turma; b) Desenvolve as aprendizagens, mobilizando integradamente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem; c) Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens; d) Utiliza os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os obstáculos e os erros, na construção das situações de aprendizagem escolar; e) Promove a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1.º ciclo com as da educação pré-escolar e as do 2.º ciclo; g) Promove a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola; h) Avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização [...]; j) Promove a participação ativa dos alunos na construção e prática de regras de convivência, fomentando vivência de práticas de colaboração e respeito solidário no âmbito da formação para a cidadania democrática; l) Relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afetivo que predisponha para as aprendizagens.” (INAFOP, Anexo II, Ponto II, pp.7/8).

A competência científica e pedagógica do professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é um fator decisivo para a qualidade da educação das escolas.

Sendo assim, é cada vez mais importante investir na formação contínua, refletindo, de forma crítica e sistemática, sobre as suas práticas.

Desta forma, a formação procura estimular nos professores o interesse pelo conhecimento do contexto em que trabalham, a atenção às situações de diversidade no quotidiano e os problemas de interação.

Consequentemente, a partilha de experiências e saberes com os outros, principalmente com os alunos, reflete a capacidade de abertura à inovação e à mudança, pois o professor assume um papel mais libertador, facilitando a conceção das aprendizagens (BERNSTEIN cit in ALARCÃO,2001:73).

“Os bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo. Acreditam na importância da profissão docente para construção de uma sociedade melhor, alicerçada ao conhecimento e valores” (ESTANQUEIRO, 2010:121).

Neste sentido, cabe a estes profissionais em educação, formar pessoas, e despertar vocações, para que futuramente os seus educandos construam o seu percurso formativo.

“Ensinar é um exercício de imortalidade.” (ALVES, Rubem cit in Idem, Idem:121).

1.2.2 Pedagogias que sustentaram a intervenção educativa no 1º Ciclo do Ensino Básico

- **Ensino crítico**

O ensino crítico, é também denominado por ensino pela descoberta e aprendizagem pela descoberta, onde o professor coloca problemas, faz perguntas e promove o diálogo.

Neste sentido, este tipo de ensino não pode desenvolver expectativas na sala de aula, enquanto *“os professores e os alunos não souberem aplicar técnicas de discussão e enquanto não existirem normas dentro da sala de aula que permitam um troca de ideias aberta e honesta, através do diálogo e da discussão.”* (ARENDS, 1995:395).

Jerome Bruner (1960 cit in Idem, Idem:395), atribui grande importância à aprendizagem pela descoberta e à forma como os professores deveriam ajudar os educandos a tornar-se “construtivistas” ou construtores da sua própria aprendizagem.

Os objetivos gerais do ensino crítico são ajudar os alunos a aprender a colocar questões, a procurar respostas e soluções para satisfazerem a sua curiosidade e construir as suas próprias ideias e teorias acerca do mundo.

O modelo do ensino crítico não foi concebido para abranger uma grande quantidade de materiais de aprendizagem ou transmitir enormes quantidades de informação aos alunos, mas sim, para alcançar três efeitos da instrução:

“ 1) ajudar os alunos a desenvolver as competências intelectuais necessárias à formulação de questões importantes e à procura de respostas; 2) ajudar os alunos a adquirir as competências do processo de pesquisa associadas aos vários domínios de aprendizagem humana; 3) ajudar os alunos a tornarem-se aprendizes autônomos e independentes, confiantes e capazes de aprenderem por si próprios.” (Ibidem.Ibidem:398)

O ambiente de aprendizagem durante uma aula de pesquisa ou crítica caracteriza-se por uma instrução para toda a turma, pela utilização de processos abertos e por um papel ativo por parte do aluno. Sendo assim, os educandos tornar-se-ão aprendizes autônomos e independentes, contribuindo para que se sintam confiantes nas suas próprias competências intelectuais, exigindo um envolvimento ativo.

A sequência geral de uma aula, subjacente a este modelo, desenvolve-se em várias fases da aula (Estabelecer o contexto e explicar os procedimentos; Apresentar

aos alunos a situação problemática; Ajudar os alunos a recolher dados acerca da situação problemática; Formular hipóteses em conjunto com os educandos; e Explicar a situação ajudando-os a analisar o seu pensamento e os seus processos de pesquisa), de forma estruturada e previsível, subjacentes a normas de pesquisa aberta e liberdade de pensamento e de expressão. (*Ibidem, Ibidem:398*)

Todavia, para colocar em prática este modelo, é fulcral tomar decisões específicas durante os estádios, *prévio à instrução, o interativo e o posterior à instrução da aula.*

As principais tarefas prévias à instrução associadas a uma aula de pesquisa consistem em clarificar os objetivos e em planear uma situação problemática interessante e apropriada para apresentar aos alunos:

Quanto à condução da aula, é essencial que os docentes sejam facilitadores e guias da pesquisa dos alunos (*Estabelecer o contexto e explicar os procedimentos de pesquisa; Apresentar a situação problemática; Recolha de dados e experimentação; Formular hipóteses e explicar; e Analisar o processo de pesquisa*). (*Ibidem, Ibidem:406*)

Por último, nas tarefas posteriores à instrução o professor deve encontrar técnicas alternativas de avaliação para avaliar as competências de pesquisa e os processos intelectuais dos alunos.

“O papel do professor não é debitar conhecimento e verdade, mas sim o de agir como guia e facilitador.” (Ibidem, Ibidem:398)

- **Construtivismo**

“ O construtivismo é fundamentalmente não-positivista e, como tal, posiciona-se num campo totalmente novo. O construtivismo, enquanto teoria psicológica tem a sua origem no campo das ciências cognitivistas [...]” (FOSNOT,1996:26)

Esta teoria sobre a aprendizagem comporta diversos princípios, para que as práticas educativas sejam reformuladas.

Sendo assim, o professor deve permitir que os alunos levantem as suas próprias questões, gerindo as suas próprias hipóteses e modelos como possibilidades e os testarem de forma viável. Entender que os erros facilitam a aprendizagem, é outro ideal que o profissional em educação deve reter, visto que, os mesmos devem ser entendidos como resultado das concepções dos alunos, não devendo de ser evitados

ou minimizados, mas sim, estimulando aos alunos a possibilidade de os explorarem e criarem diversas possibilidades.

A sala de aula deve ser encarada como uma “(...) comunidade de debate empenhada em atividade, reflexão, e conversação” (*Idem, Idem:53*), para que, seja dada a oportunidade de reflexão através da discussão entre o grupo de alunos, onde os mesmos sejam responsáveis por explicar e comunicar as suas ideias à comunidade da aula, elevando o nível do “tomado-como-partilhado”.

Neste sentido, a aprendizagem progride num processo de construção interpretativo e recursivo por parte dos alunos em interação com o mundo físico e social.

Na perspetiva do construtivista, a noção de ambiente possui significados distintos, daí que, quando se pretende estimular e desenvolver a aprendizagem dos alunos, “ [...] não nos podemos dar ao luxo de esquecer que o conhecimento não existe no exterior do espírito de uma pessoa” (*Ibidem, Ibidem:18*).

No ensino construtivista são focados o desenvolvimento do conceito e a compreensão aprofundada, onde os estádios não são aqui compreendidos como resultado de maturação, mas sim como construções de uma reorganização ativa por parte do aluno.

Assim, a aprendizagem emancipa-se numa atividade construtivista que os próprios alunos têm de realizar.

Deste ponto de vista, a tarefa do professor “(...) não é a de dispensar o conhecimento, mas sim, a de proporcionar aos alunos oportunidades e incentivos para o construir. (*Ibidem, Ibidem:20*).

• **Pedagogia Relacional**

Na *Pedagogia Relacional*, “O professor, além de ensinar, passa a aprender, e o aluno, para além de aprender, passa a ensinar” (*FREIRE, 1979:172*).

Neste sentido, o profissional em educação deve ter em consideração que o aluno é construtor da sua aprendizagem, tendo em conta, o que o mesmo já construiu até ao momento (condição prévia das aprendizagens futuras). Contudo, os alunos apreendem que o professor tem de ensinar.

Estes ideais, segundo *FREIRE (1979:172)*, irão refletir-se na intencionalidade educativa do professor, ou mesmo provocar um desequilíbrio “[...] que exigirá ao aluno respostas complementares ao nível de conteúdo e estruturas” (*PIAGET, 1986:389*).

Neste sentido, o profissional em educação que acolhe na sua sala de aula a inclusão de uma *Pedagogia relacional*, admite que tudo o que o aluno constrói na sua vida até hoje, é um acréscimo nas suas aprendizagens, que o auxilia na aquisição de novos conhecimentos, “ [...] pois a mente do aluno não é uma tábua rasa, pois comporta consigo uma herança genética/biológica” (*Idem,Idem:389*).

Contudo, Jean Piaget defende que o processo de maturação de um indivíduo não se manifesta em idades previsíveis, segundo estágios de desenvolvimento estabelecidos, considerando a importância da “*bagagem hereditária*”, não como um interesse social, mas sim, como uma epistemologia relacional.

Defende também, que o indivíduo refaz os seus instrumentos de assimilação (*processo de acomodação*), em função da novidade, comportando consigo algo de novo para a aquisição de novos conhecimentos, diferentes dos anteriores (*equilíbrio majorante*). “*Este processo de assimilação, inicia-se quando o recém-nascido age assimilando algo do meio físico/social.*” (*Ibidem,Ibidem:389*).

A este processo, está subjacente o conceito de construtivismo, no qual o aluno assenta a construção do seu conhecimento, em duas dimensões, em que ambas se complementam; tanto em conteúdo e forma/estrutura e/ou como conteúdo/condição prévia de assimilação de qualquer conhecimento a adquirir.

Neste sentido, numa *Pedagogia relacional*, o docente crê que os seus discentes só construirão algum conhecimento novo, apenas se agirem e problematizarem a sua ação no ensino, considerando imponente a relação estabelecida entre aluno/professor e professor/aluno. (*Ibidem,Ibidem:839*).

A descoberta pelo novo e a construção de um sentido de educação, assume para com os alunos e o professor uma atitude excepcional de coragem e mudança, realçando o papel do construtivismo no ensino.

A condição prévia de aprender é desenvolvida com êxito, a qual possibilita a construção de capacidades, quer aos níveis, físico, cognitivo, e afetivo/emocional, em consonância com a prática educativa que lhe é proposta.

Consequentemente, Jean Piaget (*Ibidem:839*) profere que se quebra o ênfase do dogmatismo do conteúdo, e que o professor assume um papel menos autoritário, sem ausência de regras de convivência/*laissez-faire* (regime de anomia).

Sendo assim, o professor pode dinamizar na sala um ambiente que proporcione as relações, assim como, o processo de aprendizagem mais enriquecedor, quebrando a monotonia, onde todos aprendem com todos, novos conteúdos.

- **Aprendizagem cooperativa**

“A aprendizagem cooperativa é única entre os modelos de ensino porque utiliza uma estrutura da tarefa e da recompensa diferente para promover a aprendizagem do aluno.” (ARENDS, 1995:369).

As suas origens intelectuais sobrevalorizam-se sob uma tradição educacional que realça o pensamento e a prática democráticos, a aprendizagem ativa e o respeito pelo pluralismo em sociedades multiculturais. Neste sentido, vários estudos demonstraram os efeitos positivos da aprendizagem cooperativa na realização escolar, nas relações entre as raças, no comportamento cooperativo e nas atitudes face aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (*Idem, Idem:372*).

Neste sentido, os *efeitos da instrução da aprendizagem cooperativa* ultrapassam a *aprendizagem escolar*, que pretendem promover a relação intergrupar, ampliando os padrões de ligação entre o pares e a autoestima.

Todavia, a estrutura da recompensa valoriza o esforço tanto coletivo como individual, uma vez que a estrutura da tarefa da aprendizagem cooperativa exige que os alunos, organizados em pequenos grupos, explorem tarefas dinâmicas escolares (*Ibidem, Ibidem:367*).

Uma aula de aprendizagem cooperativa, comporta três características essenciais, respetivamente: os alunos **trabalham em equipas**; sendo que as mesmas devem ser **formadas de forma heterogénea**, recebendo cada elemento, o mesmo **sistema de recompensa pelo trabalho que desempenham, independentemente da tarefa que são incumbidos de realizar**. (*Ibidem, Ibidem:384*).

Para que a sintaxe de uma aula de aprendizagem cooperativa decorra de forma coerente e dinâmica, a mesma deve abranger seis fases imprescindíveis para a sua execução, e que o professor deve considerar fulcral, aquando implemente este tipo de aprendizagem nas suas aulas:

“Estabelecer os objetivos e o contexto; Dar informação aos alunos através de uma apresentação oral [...]; Organizar os alunos em equipas de aprendizagem; Proporcionar tempos e assistência ao trabalho de grupo, à medida que este vai realizando trabalho; Avaliar os resultados, testando o conhecimento dos materiais de aprendizagem; e Reconhecer tanto a realização individual como a grupal, isto é, reconhecer o esforço e a realização realizado do indivíduo e do grupo” (Ibidem, Ibidem:373).

O ambiente da sala de aula, também é um meio essencial que o docente deve requerer na sua planificação, uma vez que a sua utilização rege-se por processos

democráticos, possibilitando aos alunos que sejam eles a assumir um papel ativo e responsável, e autónomo, nas suas próprias aprendizagens.

O sucesso requer igualmente boas relações de trabalho entre o professor e os especialistas de recursos na escola, para que seja possibilitado ter o acesso a diversos materiais para a consecução da tarefa de grupo. (*Ibidem, Ibidem:375*).

Muitas das funções de planificação do professor, descritas previamente, podem ser aplicadas às aulas de aprendizagem cooperativa. Neste sentido, a descrição das tarefas prévias; durante essas tarefas; e das tarefas posteriores, devem ser sucintas, para que a sua decifração seja colocada em prática de forma coerente e assertiva. (*Ibidem, Ibidem:376*).

As tarefas prévias à instrução incidem na escolha das melhores estratégias de organização dos alunos em pequenos grupos de trabalho, assim como, na recolha de uma variedade de materiais/recursos apropriados para poderem ser utilizados durante a realização das tarefas propostas.

Consequentemente, durante a realização destas tarefas, o papel do professor, inclui ajudar os alunos “a fazer a transição de um contexto da turma enquanto um todo, para equipas à medida que elas trabalham” (*Ibidem, Ibidem:378*). Na orientação de uma aula de aprendizagem cooperativa, o docente deve tomar uma posição-chave, modificar o seu papel de “figura principal numa peça, para o de coreógrafo” de uma atividade para pequenos grupos. Sendo assim, o tempo é apenas desbasto a ajudar os alunos a trabalhar juntos e “não a apresentar e a demonstrar os materiais de aprendizagem” (*Ibidem, Ibidem:379*).

Por último, após a finalização das tarefas do trabalho em grupo, o professor deve recompensá-lo, como também a todos os elementos que o constituem, demonstrando o seu reconhecimento (avaliação das tarefas posteriores à instrução).

“Aprendizagem cooperativa é um processo educacional onde os participantes ajudam e confiam uns nos outros para atingir um objetivo definido.”
(DEWEY, John 1916 cit in ARENDS 1996:365)

1.3 A importância da criatividade nas aprendizagens no Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico

No presente Decreto-lei 49/2005 de 30 de Agosto, Lei de Bases do Sistema Educativo, o sistema educativo organiza-se segundo princípios, que no âmbito da educação artística, definem que se deve “Contribuir para a realização do educando,

através do pleno desenvolvimento da personalidade [...] preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos [...] “ (Capítulo I, Artigo 3º, alínea b), pp.1).

A promoção e a renovação do ensino das aprendizagens, deve abandonar os princípios pedagógicos rígidos e pré-concebidos para compreender a criança/aluno nas suas emoções, nos seus desejos, nos seus interesses e na sua procura da felicidade, do modo cientificamente mais correto e eficaz.

Em contexto Pré-Escolar, e segundo a *Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar*, existem vários objetivos, encontra-se explícito que a mesma deve “*Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo.*” (Capítulo IV, Artigo 10º, alínea e), pp.2/3).

A ação vivenciada pela criança, é uma das formas pelas quais o educador/professor pode efetuar um esforço educativo a todos os níveis de desenvolvimento do ser humano, explorando a liberdade de iniciativa, de opção e escolha das atividades que são propostas, e na utilização de material inovador e lúdico na expressão da criatividade.

Partindo deste pressuposto, a educação artística deve ser a base da educação, usando como metodologia a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação, proporcionando ao educando, de forma lúdica, expressiva, criativa, um ambiente de inspiração, que motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade.

Com bases psicopedagógicas da sua ação, a educação pela arte criativa, utiliza sobretudo os princípios da espontaneidade, da atividade, do ludismo, da criação e da expressividade, “ (...) *não apenas numa ou noutra, mas em todas as áreas artísticas, globalizadamente; Expressão Musical, Expressão Dramática, Expressão Dançada, Expressão Verbal, Expressão Plástica, Expressão Literária...entre outras.*” (SOUSA, Alberto, 2003:83).

As experiências criadoras pressupõem o incremento das relações e o refinamento das descobertas pessoais, uma vez que, a criatividade é a função da relação transacional entre o indivíduo e o meio em que se encontra envolvente.

Em prol do que foi referido anteriormente, na *Lei de Bases do Sistema Educativo (Capítulo II, Secção II, Subsecção I, Artigo 7º, alíneas a) e c)*, em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, apenas se refere que no processo de ensino-aprendizagem, o **professor** deve:

*“a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, **criatividade**, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; e c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e **promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios.**”*

Neste sentido, as crianças/alunos são encorajadas a desenvolver a criatividade, desenvolvendo um ponto de vista próprio que não depende da opinião dos outros. Só assim, conseguem desenvolver e ter consciência de si próprias.

Uma educação com sentido criador deve *“(...) visar não só a coordenação dos diversos modos de perceção e sensação entre si e com o meio-ambiente, mas também a expressão dos sentimentos de forma comunicável.”* (NOVAES, 1971:116).

CAPÍTULO III

Procedimentos metodológicos

No seguimento do capítulo anterior, serão abordadas as diferentes etapas realizadas ao longo desta investigação, descrevendo sucintamente o tipo de estudo efetuado, a amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados no decorrer da prática profissionalizante.

No âmbito da Educação Pré-Escolar foi desenvolvido em sala, uma metodologia com características de um trabalho de projeto, que *“(...) deverá corresponder a uma iniciativa das crianças, tendo como ponto de partida os seus interesses ou decorrendo de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade.”* (MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO, 1998:102). Sendo assim, foram promovidas ao grupo de crianças diversas atividades relacionadas com as diferentes Expressões Artísticas (Arte Culinária, Arte Dramática, Arte Musical e Arte Plástica) de acordo com o projeto lúdico desenvolvido em sala, *“Museu das Artes”*, que contribuiriam para o enriquecimento das suas aprendizagens.

Por conseguinte, no 1.º ano de escolaridade, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na planificação das diversas atividades, foi tida em consideração o princípio de que o processo educativo tem por objetivo desenvolver as potencialidades do indivíduo,

utilizando recursos que favoreçam não só a aquisição de conhecimentos, mas também, a capacidade criadora dos alunos (NOVAES, 1971:117).

Neste sentido, achou-se pertinente elaborar um trabalho investigativo, sobre a “*A criatividade na aprendizagem*”, visto que a mesma é uma grande potenciadora de situações de aprendizagem, assim como, do desenvolvimento integral das crianças/alunos, objetivo este efetuado pelos profissionais em educação.

A criatividade na *Educação Artística* centra-se nas diferentes artes, consistindo na sua inclusão no contexto Pré-Escolar e Escolar “[...] possuindo como bases psicopedagógicas o autodesenvolvimento, a ação, o ludismo, a expressão, a criatividade, a espontaneidade e a relação emocional-sentimental” (SOUSA, 2003:111).

Nesta índole, a criança deve evoluir num sentido criador, quando o educador/professor incrementa um tipo de ensino que combine o esforço de pensar com o aprender, procurando que a criança/aluno descubra por si, ideias, como potenciador do pensamento produtivo.

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, foi considerado de grande importância explorar e aprofundar conhecimentos neste campo, realizando uma análise documental detalhada, de forma a caracterizar o tipo de estudo, e adotar os instrumentos e procedimentos mais corretos para o mesmo.

“*A arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento.*” (EINSTEIN cit in ESTANQUEIRO, 2010:11).

1. Criatividade na aprendizagem

O tipo de estudo realizado, baseou-se numa metodologia qualitativa, ao longo do trabalho investigativo acerca da “*Criatividade na aprendizagem*”, tendo em conta, a sua importância no processo do ensino-aprendizagem. Neste sentido, o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico deve promover a continuidade educativa, facilitando a transição dos alunos do Pré-Escolar para esta valência.

Segundo QUIVY & CAMPENHOUDT (1998:20) a metodologia qualitativa, “(...) costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento [...]”, procurando a compreensão das perceções individuais do mundo, onde os investigadores duvidam da existência de factos «sociais» e colocam em questão a abordagem científica quando se trata de estudar situações concretas mediante o contacto direto e interativo da situação-objeto em estudo.

No que concerne à amostra em estudo, foram selecionadas duas professoras do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo uma delas a professora cooperante, que acompanhou a prática pedagógica, participando de forma direta na mesma. A outra profissional em educação, participou com o seu grupo de alunos, em algumas atividades, que promoveram experiências criativas e imaginativas.

Neste sentido, para dar resposta ao trabalho investigativo, foi elaborada uma entrevista às professoras, do 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (anexo 1), com o intuito de recolher as suas opiniões, relativamente à importância de promover aprendizagens que possibilitem o desenvolvimento da imaginação e criatividade dos alunos, em contexto de sala de aula.

Relativamente, à entrevista aplicada foi explicitada a sua intensão era para fins académicos, nomeadamente, para a formulação do relatório de estágio, no Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, sob orientação do Mestre Pedro Ferreira, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, salientando ainda, a confidencialidade dos dados fornecidos pelos entrevistados.

As entrevistas foram elaboradas em função das problemáticas pré-estabelecidas, concebidas para elaboração de cada pergunta.

Neste sentido, as entrevistas direcionadas às docentes remetiam para cinco problemáticas, nomeadamente: *“A opinião acerca do 1º Ciclo do Ensino Básico e a promoção de aprendizagens dos alunos no âmbito da imaginação e da criatividade”*; *“O desenvolvimento das capacidades das crianças no âmbito das aprendizagens criativas em contexto sala de aula ”*; *“Relação entre pedagogia criativa e elaboração das planificações das atividades de aprendizagem”*; *“Qual o papel do educador/professor quando promove experiências de aprendizagem criativas aos alunos ”* e *“Integração das expressões artísticas, implícitas na Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo, nas experiências de aprendizagem curricular - Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio”*.

Sendo assim, a entrevista estruturada, foi o instrumento de observação utilizado, elaborada com base num questionário (entrevista diretiva), formada por questões padronizadas, sendo as mesmas para as docentes interrogadas, verificando que existe “ (...) uma ordem das questões preestabelecida, tratando-se de questões fechadas ou abertas” (ALBARELLO, DIGNEFFE, HIERNAUX, et al, 1997:87/88).

Tal como refere BELL (1997:120/121) o facto de recorrer à entrevista diretiva, *“permite que seja completada pelo entrevistador, o que facilita a análise dos resultados, tendo a garantia que todos os tópicos são focados.”*

Neste seguimento, Luc Albarello (Idem, Idem:97/98), profere que a metodologia da entrevista requer três fases essenciais para a sua elaboração, as quais foram colocadas em prática no estágio profissionalizante, relativamente: focalização do objeto de estudo: neste caso, a “*Importância a criatividade nas aprendizagens no 1º Ciclo do Ensino Básico*” (utilizando um procedimento dedutivo), realizando revisões literárias e de decretos-lei, antes de elaborar a entrevista; criação de condições interpessoais e condições sociais (exercida na relação social entrevistador/entrevistado, considerando o quadro espaço-temporal - local onde se realiza a entrevista; e a relação quer com a investigação quer com o entrevistador e com o seu modo de intervenção).

Por conseguinte, os procedimentos de investigação requereram que fossem colocadas em prática as etapas definidas por, QUIVY e CAMPENHOUD (1998:181), sendo elas, **Pergunta de partida** (formular a pergunta de partida, respeitando as qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência); **Exploração do tema** (tendo em conta as leituras realizadas e as entrevistas exploratórias); **Construção do modelo de análise** (construir hipóteses relacionando as mesmas com os conceitos adquiridos); **Observação** (concebendo instrumento de observação, e procedendo, posteriormente à recolha de dados), **Análise das informações** (descrição dos dados, medindo as relações entre as variáveis, comparando os resultados analisados) e **Tratamento de dados** (apresentando os resultados, colocando em evidência os novos conhecimentos adquiridos).

1.1 Tratamento de dados

No âmbito da análise das entrevistas, quer das professoras do 1.º ano de escolaridade, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quer da educadora do Pré-Escolar (anexos 2 e 3), as entrevistadas concordaram que nas valências educativas, devia-se promover atividades que estimulassem a imaginação e o pensamento criativo em cada criança. Sendo assim, as crianças eram confrontadas com diversas situações que lhes iriam exigir competência e capacidade de reflexão.

As aprendizagens devem apelar à imaginação das crianças para que as mesmas a treinem de forma a aprender a pensar. Neste sentido, as atitudes criativas levam a criança/aluno, não só a uma maior independência e autoconfiança, estimulando-a a desenvolver as suas aptidões como a conhecer as suas características individuais e os seus próprios limites. (NOVAES,1971:49)

Segundo KNELLER (cit in *Idem,Idem* :52/53/) as características básicas do comportamento criativo, são o desenvolvimento da capacidade de ver coisas de uma forma nova; a aprender com as experiências passadas e aplicar esta aprendizagem em novas situações; a pensar de forma ortodoxa e quebrar as regras; e criar o único e original. De forma a completar estes ideais, as entrevistadas em 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das aprendizagens criativas, em contexto sala de aula, as mesmas permitem estimular também a segurança, a individualidade, a sensibilidade estética, a curiosidade, e a comunicação, levando as crianças/alunos a novas descobertas.

Porém, a criatividade e a elaboração das atividades de aprendizagem, fazem o professor planifique atividades que estimulem a criatividade da criança, para alcançar os êxitos desejados. Sendo assim, os educandos devem estar motivados e conscientes das atividades que vão desenvolver, o que deve requerer a habilidade de resolver problemas, desenvolvendo um tipo de pensamento criativo e flexível, capaz de responder às exigências do dia-a-dia. Este ideal proferido pelas entrevistadas, vai ao encontro do argumento por NOVAES (1971:69), que “ (...) defende que se deve “favorecer a mobilização do potencial criativo em todas as disciplinas e assuntos, dando valor ao pensamento produtivo (...).”

Por conseguinte, o papel do professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na opinião das entrevistadas, devia apresentar novos conceitos sob a forma de jogos uma vez que constituem uma forma de cativar e motivar os alunos para realizar determinadas atividades. O mesmo ainda devia ainda apoiar a iniciativa indo ao encontro das necessidades das crianças para resolverem as atividades em que estão inseridas. A aprendizagem tem a necessidade de facilitar, não só pelo o que lhe é proposto, mas também pela sua iniciativa e criatividade para resolver as tarefas com imaginação, assim como:

“ a) Promover de forma integrada, o desenvolvimento das expressões artísticas e das competências criativas e utiliza estratégias que integrem os processos artísticos em outras experiências de aprendizagem curricular; b) Desenvolver a aprendizagem de competências artísticas essenciais e de processos de pensamento criativo, utilizando os materiais, instrumentos e técnicas.” (Decreto-lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto, Anexo n.º 2, Parte III, Ponto 6), pp.11

Contudo, o professor também deve alertar os alunos, para o cumprimento das regras de saber-estar na sala de aula, quer no trabalho individual, quer no trabalho em grupo.

Em conformidade com as entrevistadas, a Educação Artística deve estar mais integrada nas várias experiências de aprendizagem curricular, sendo possível desenvolver atividades desta natureza em trabalhos de qualquer área curricular

disciplinar e não disciplinar, tal como é conferido na Organização Curricular e Programas, 1998:14).

CAPÍTULO IV

Contexto organizacional

1. Caracterização dos contextos – Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

1.1 Análise comparativa dos contextos – Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Com os objetivos de conhecer melhor as instituições e de atuar conforme os seus princípios, ideais e valores, em contexto de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como, o grupo das respetivas valências onde foram realizadas as práticas profissionalizantes, foram analisados pormenorizadamente os documentos do regime de autonomia, administração e gestão, referentes ao Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades, e Projeto Curricular de Turma.

Neste sentido, o Decreto-lei n.º 75/2008 de 22 de Abril, aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, regular e especializado, considerando-os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas (Capítulo I, Secção I, Artigo 2º, alíneas 1/2).

A Instituição onde foi realizado o estágio em Educação Pré-Escolar, era uma *Instituição Privada de Solidariedade Social* (ISS), e encontrava-se situada no concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto.

Comportava diferentes valências: Creche; Jardim-de-Infância; Atividades de Tempos Livres (ATL) 1º Ciclo, dividida na vertente do Estudo Acompanhado e na vertente do Atelier; e ATL/Salas de Estudo do 2º e 3º Ciclo.

A mesma regia-se pelo de Decreto-lei n.º 75/2008 de 22 de Abril, regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-

escolar e dos ensinos básico e secundário, uma vez que detinha os instrumentos de autonomia referidos no mesmo, respetivamente, Projeto Educativo, o Regulamento Interno, e os Planos Anual e Plurianual de Atividades.

Em prol do que fora mencionado acima, entende-se por *Projeto Educativo* o documento que:

“(...) consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Decreto-lei Nº 75/2008 de 22 Abril, Capítulo II, Artigo 9º, Alínea 1ª, pp.4.)

Sendo assim, o Projeto Educativo torna-se o eixo fundamental da administração e gestão da escola, tendo em conta mudanças estruturais, organizacionais e culturais organizadas de forma coerente, como conjunto de procedimentos que sejam notórios para todos os intervenientes nas instituições, implícitas no mesmo (professores, alunos, pais, pessoal não docente, comunidade local). Tendo em conta as finalidades educativas definidas neste documento, as mesmas devem ser realizadas no âmbito da sua consecução correta.

Consequentemente, no Projeto Educativo ainda era referida a realidade educativa em que a instituição, à qual o mesmo se destinava, estava inserida.

A instituição onde foi realizada a prática educativa, deveria ascender como um projeto com ideário, ou seja,

“(...)entendido mais no sentido de um plano anual de escola, diretamente orientado para a prática através da apresentação dos objetivos pedagógicos a atingir, das atividades a desenvolver, do calendário escolar, sem se preocupar[...] com a definição de identidade própria da instituição educativa.” (Rodriguez, 1985, 432-434 e Díez, 1980:24, cit in COSTA, 1994:24).

A instituição do 1.º Ciclo do Ensino Básico, era um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo (EPC), e situava-se na mesma freguesia e concelho da instituição de Educação Pré-Escolar.

A mesma funcionava em regime de paralelismo pedagógico com dois níveis de educação, nomeadamente, Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com *“os normativos sobre esta matéria e autorização concedida pelo Ministério da Educação.” (Projeto Educativo da Escola, pp.8).*

Como princípios básicos da instituição, a mesma visava a formação integral e a construção progressiva do homem como ser original, livre e responsável, capaz de

tomar decisões pessoais coerentes com o seu projeto de vida na perspectiva do respeito e desenvolvimento dos valores humanos e cristãos. Neste sentido, a proposta educativa assentava “(...) numa conceção cristã do homem do mundo(...)” de acordo com a tradição pedagógica de Paula Frassinetti. (Projeto Educativo da Escola, pp.7).

Considerando que a instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico mantinha em funcionamento os dois níveis educativos, pretendia:

“ Concretizar um projeto pedagógico global que tenha em conta os objetivos gerais das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e do Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico; Usar modelos educativos multidimensionais que nos dêem uma visão mais alargada e rica das capacidades e potencialidades do aluno; Utilizar metodologias ativas e inovadoras em que se estabeleça a relação entre "saber", "saber ser", "saber estar" e "saber fazer", de forma lúdica, a fim de desenvolver a capacitação do aluno na sua autonomia do aprender, do investigar, do estudar e do pensar; e Medir a qualidade dos projetos pedagógicos construídos. (Projeto Educativo da Escola, pp.8).

Segundo a estruturação definida por Antúñez (cit in Idem,Idem:25), os projetos educativos das instituições, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, respondem a questões fulcrais para as suas posteriores análises, respetivamente: **“Quem somos?”**; **“Onde estamos?”**; **“Que pretendemos?”**; e **“Que meios dispomos?”** (Ibidem,Ibidem:25).

Neste sentido, pôde-se constatar que nos Projetos Educativos, onde decorreram as práticas pedagógicas, a resposta à questão **“Quem somos?”**, em Educação Pré-Escolar, referia que a instituição era de cariz católico, pertencendo à igreja diocesana do Porto, sendo uma instituição de solidariedade social ao serviço da comunidade e sem fins lucrativos, enquanto que em 1.º Ciclo do Ensino Básico, a mesma era um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo (EPC), de cariz católico, a funcionar em regime de paralelismo pedagógico com dois níveis de educação: Pré-Escolar e o 1.ºCiclo do Ensino Básico (Projeto Educativo da Escola, pp.8).

Relativamente à questão **“Onde estamos?”**, a mesma remetia a resposta para a localização geográfica da instituição; contexto e retrospectiva histórica; contexto económico e social; para o contexto cultural; e ainda para a distribuição da população. Pôde-se averiguar que ambas as instituições, referenciavam a mesma localização geográfica, diferenciando-se nos contextos e retrospectivas históricas, económico e social, assim como, na distribuição da população.

Quanto ao **“Que pretendemos?”**, referente aos princípios, valores, visão e missão da instituição), as instituições apresentavam diferentes ideais. Sendo assim, em contexto da Educação Pré-Escolar *“(...) a principal missão [...] é a promoção da*

educação e do desenvolvimento integral da criança e jovens e o apoio à integração socioprofissional dos adultos da comunidade de Vila Nova de Gaia, através dos serviços de qualidade” (Projeto Educativo, pp.13). Pôde-se também constatar que, a instituição educativa contribuía para a construção de identidades particulares e para formas dominantes de conhecimento nos jovens e crianças.

Contudo, em 1.º Ciclo do Ensino Básico, a sua ação visava a formação integral e a “*construção do homem como ser original, livre e responsável [...]*”, promovendo uma educação global que implicava o desenvolvimento harmonioso do ser humano em três dimensões: individual, comunitário e transcendente (Projeto Educativo da Escola, pp.7). O mesmo ainda referia que, segundo a sua ação educativa, desde 1879, tinha como intenção contribuir para que “*(...) o desenvolvimento da educação escolar nestas idades constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam efetivamente o direito ao sucesso escolar de cada aluno*” (Organização Curricular e Programas do Ensino Básico-1º Ciclo do, 1996 cit Projeto Educativo da Escola, pp.8).

Por fim, a questão “**De que meios dispomos?**”, referia-se à caracterização física e humana das instituições e à organização interna das mesmas.

A instituição em Educação Pré-Escolar, referente à sua caracterização física, comportava *serviços pedagógicos, socioeducativos - Projeto Educativo pp.14;* e à caracterização humana referia a *distribuição de funcionários por género, idades, habilitações literárias, e valências - Projeto Educativo pp.15 a 17).*

Quanto à sua organização interna da instituição (*dos órgãos de gestão aos órgãos pedagógicos - Projeto Educativo, pp.7 a 12*) para o seu correto funcionamento, a existência de um Regulamento Interno na instituição, com complexidade organizacional, deve definir, segundo, Jorge Adelino Costa (1992:31), “*(...) de forma clara, as regras de comportamento, os vários direitos e deveres de todos os intervenientes no processo educativo.*” O mesmo remetia aos diferentes espaços que esta comportava, os quais foram ao encontro das necessidades inerentes às crianças, tendo sempre uma educadora e auxiliar de ação educativa, para que se salvaguardasse o período em que estas usufruíam da instituição, dividido em horários pedagógicos e não pedagógicos, de forma a orientar e a desenvolver atividades de acordo com o plano anual de atividades.

Relativamente aos Órgãos Sociais, os quais foram nomeados pela Sé do Porto, de quem dependiam hierarquicamente o *Conselho de Administração e o Conselho Fiscal* (Regulamento Interno, Capítulo I, Artigo 2º, Alíneas a/b, pp.3), a instituição

abrangia o **Conselho de Administração** (formado pelo Presidente, Secretário, Tesoureiro e Vogais (Regulamento Interno, Capítulo I, Artigo 4º-7º, pp.4).

Quanto ao **Conselho Fiscal**, o mesmo ficava incumbido de controlar e de fiscalizar a instituição (competências definidas, segundo, o Regulamento Interno, Capítulo I, Artigo 3º, pp.5).

A **Coordenação Pedagógica** possuía o papel de desenvolver e articular as ações que detinham em conta a qualidade do processo educativo (Projeto Educativo, pp.17). Esta era constituída pelo *Diretor Pedagógico* (Regulamento Interno, Capítulo I, Artigo 10º, pp.7) e pelo *Coordenador Pedagógico* (Regulamento Interno, Capítulo I, Artigo 11º, pp.8).

Por conseguinte, a instituição em 1.º Ciclo do Ensino Básico, também foi possível analisar a sua caracterização física (meios que detinham ao nível do rés-do-chão, no 1º e 2º piso da instituição - in Projeto Educativo da Escola, pp.13) e humana (referente à distribuição dos docentes e não docentes pelos diversas categorias profissionais - Projeto Educativo da Escola, pp.14/15).

Contudo, num ponto à parte, fazia também referência à organização interna da instituição (órgãos fundamentais e as sus competências –Projeto Educativo da Escola, pp. 23/24), assim como, à Estrutura Escolar (refere quais as valências que a instituição comporta: Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico Projeto Educativo da Escola, pp. 25); Estrutura Curricular (que se encontra definida segundo as orientações definidas pelo Ministério da Educação – Projeto Educativo da Escola, pp. 25), e a Estrutura de Apoio e Complemento Educativo (que contempla as Atividades Extracurriculares e Atividades de Enriquecimento Curricular e Prolongamento (Projeto Educativo da Escola, pp.26/27).

Com o intuito de esclarecer quais as regras de comportamento e os diversos direitos e deveres de todos os intervenientes no processo educativo, a instituição, tal como a da Educação Pré-Escolar, detinha um Regulamento Interno.

Tal como referia no Projeto Educativo da Escola (pp.23/24), os órgãos fundamentais da mesma, eram: *Entidade Titular, Diretora Pedagógica, Administradora, Direção, Conselho Escolar, Serviços de Apoio e Organismo Autónomo – Associação de Pais (SARDAPE)*. Contudo, no *Regulamento Interno*, a divisão dos órgãos, encontrava-se explícita, segundo as suas funções.

Sendo assim, faziam parte da Comunidade Educativa da instituição: a *Entidade Titular* (responsável pela definição e aplicação dos princípios que definem a educação da instituição –Regulamento Interno da Escola, artigo 12º,pp.8), o *Conselho Escolar*

(constituída pela Diretora Pedagógica, por todos os docentes em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, e cuja função era refletir e tomar decisões sobre os aspetos de ordem pedagógica e disciplinar – Regulamento Interno da Escola, artigo 16º, pp.8), *Serviços de Apoio* (cujas funções eram a realizar tarefas e assumir responsabilidades muito diversas ao serviço da Comunidade Educativa, colaborando com a Direção, professores, alunos e famílias – Regulamento Interno da Escola, artigo 14º, pp.8) e *Organismo Autónomo – Associação de Pais (SARDAPE – o qual tinha o direito de decidir a educação que desejavam para os seus educandos – Regulamento Interno da Escola, artigo 15º, pp.8).*

Quanto aos *Órgãos de Governo* do estabelecimento, os mesmos subdividiam-se em duas categorias, sendo elas, singulares (formadas pela Diretora Pedagógica e Administradora) ou colegiais (constituída pela Entidade Titular e pela Direção) (Regulamento Interno da Escola, Capítulo I, Secção I, artigo 17º, pp.9).

Relativamente aos *Órgãos Singulares* (nomeados pela Entidade Titular), cabia, como principais funções, à *Diretora Pedagógica* “*Representar a instituição perante os organismos oficiais, as instâncias civis e os diversos elementos da Comunidade Educativa (in Regulamento Interno da Escola, Capítulo I, Secção II, Artigo 18º, Ponto 2b), pp.9*); enquanto que à *Administradora*, “*Responsabilizar-se pela gestão económico-financeira da instituição*” (Regulamento Interno da Escola, Capítulo I, Secção II, Artigo 19º, Ponto 2a), pp.10).

Quanto aos *Órgãos Colegiais*, à *Entidade Titular*, competia “*Definir os objetivos da instituição, a sua estrutura orgânica, a forma de governo, Gestão e Organização que adota [...]*” (Regulamento Interno da Escola, Capítulo I, Secção III, Artigo 20º, Ponto 2a), pp.12.). Por conseguinte, a *Direção* (constituída pela Diretora Geral da Instituição, Diretora Pedagógica, dois leigos docentes com funções de Direção e pela Administradora) tem como missão específica “*Coresponsabilizar-se pelo funcionamento da mesma e pela dinamização de toda a ação educativa.*” (Regulamento Interno da Escola, Capítulo I, Secção III, Artigo 21º, Ponto 1, pp.12).

Todavia, no *Regulamento Interno da Escola*, ainda fazia referência ao *Plano Anual de Atividades* (elaborado pelo *Conselho Escolar*), que em função do Projeto Educativo de Escola, surgiu como um documento mais importante para definição da Programação da ação educativa (Regulamento Interno da Escola, Capítulo II, Secção I, Artigo 22º, Pontos 1 e 2, pp.14).

Segundo Stenhouse (1984 cit in DIOGO E VILAR, 1999:15) “O currículo representa uma cultura e constitui um dispositivo mediador das relações entre a escola e a sociedade e entre a teoria e a prática”.

Na Plano Anual de Atividades, definido “(...)em função do Projeto Educativo, os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades, procedendo também à identificação dos recursos necessários à sua execução.” (Decreto-lei 75/2008 de 22 de Abril, Capítulo 2, Artigo 9º, Alínea C, pp.4).

Tal como consta no Decreto-lei 75/2008 de 22 de Abril (Capítulo II, Artigo 9º, Alínea 1c), pp.4), as instituições garantiam que este documento de autonomia, fosse fiel ao Projeto Educativo da Escola, assim como, que fosse divulgado entre todos os membros da Comunidade Educativa, com o intuito de todos se empenharem na sua realização (Regulamento Interno da Escola, Capítulo II, Secção I, Artigo 23º, Pontos 2e 3, pp.14).

Na análise do Plano Anual de Atividades da Instituição do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pôde averiguar-se que os documentos comportavam todos os elementos, anteriormente descritos, descrevendo ainda a faixa etária a que determinadas atividades se destinavam, tendo em conta o tipo de estratégias a colocar em prática, assim como, a data de realização das mesmas.

Considerando este documento de autonomia como um instrumento de organização e gestão da escola, segundo o *Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos*, (Capítulo 2, Artigo 9º, Alínea C, pp.4) “(...) define-se, em função do Projeto Educativo, os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades, procedendo também à identificação dos recursos necessários à sua execução.”

Neste sentido, o Plano Anual de Atividades ao contrário do Projeto Educativo (documento de planificação de carácter mais geral), é mais específico, visto que os princípios apresentados e os objetivos propostos pelo mesmo são aspetos que se deverão ter em conta, fundamentais à sua elaboração (*Idem, Idem:27*)

Os conteúdos contidos nos Planos Anuais de Atividades das instituições, encontravam-se, de acordo com as características (humanas, materiais, legais), de cada realidade escolar. Contudo, também se encontravam, de acordo com os seus Projetos Educativos e opções que os intervenientes determinaram, considerando o tipo de estratégias a colocar em prática, assim como, a data de realização das mesmas.

Porém, só em 1.º Ciclo do Ensino Básico foi possível aceder, de forma recente ao Projeto Curricular de Turma. Quanto à sua organização, este documento, encontrava-se estruturado consoante os procedimentos para a sua construção, segundo cinco dimensões, respetivamente: *Principais objetivos; Caracterização da turma; Principais problemas a resolver; Ação do Conselho de turma e Avaliação* (FERNANDES, GOMES e LEITE, s/data: 23).

Neste sentido, a adequação o currículo como criação, na escola, de condições de sucesso encontram-se relacionadas com a existência de um trabalho em equipa e que facilite a articulação de conteúdos e de modos de ação. Sendo assim, e tendo em conta estas dimensões concebem-se Projetos Curriculares de Turma.

Estes constituem um dispositivo de gestão curricular importante para a concretização de uma educação de qualidade "(...) que seja significativa para os diversos alunos e que lhes permita desenvolver competências para enfrentar os desafios da sociedade (Idem, Idem:21).

Os Projetos Curriculares de Turma encontram-se relacionados com o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Escola, e como consta no *Decreto-lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, Novos Currículos do Ensino Básico*:

"As estratégias de concretização e desenvolvimento do currículo nacional e do projeto curricular de escola, visando adequá-los ao contexto de cada turma, são objeto de um projeto curricular de turma, concebido, aprovado e avaliado pelo professor titular de turma, em articulação com o conselho de docentes, ou pelo conselho de turma, consoante os ciclos." (Capítulo I, Artigo 2º, ponto 4, pp.2).

Como se pôde averiguar, tanto a instituição da Educação Pré-Escolar como a do 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde decorreram as práticas profissionalizantes, regem-se por documentos legislativos em comum, respetivamente, *Decreto-lei n.º 75/2008 de 22 de Abril, que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, regular e especializado*; e *Decreto-lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto –Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Só a diferenciação dos programas formativos e das condições em que são confinados, poderá adequar a ação, enquanto futuros educadores/professores, aos diferentes grupos de crianças/alunos, apoiando-os no trabalho cooperativo, tendo por base a flexibilidade dos processos organizativos.

1.2 Caracterização sociofamiliar do grupo de alunos do 1º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico

O grupo de alunos do 1º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o qual foi possibilitado a oportunidade de intervir era constituído por vinte e seis alunos, sendo que dez eram do sexo masculino e dezasseis do sexo feminino.

Com intuito de recolher informações acerca do grupo, para que a sua caracterização fosse a mais fidedigna, caracterizando o seu desenvolvimento a todos os níveis (Psicomotor, Cognitivo, Moral e Social), foi realizada a análise dos registos das fichas pessoais de cada aluno, e tidas em conta, as informações essenciais obtidas em conversação com os seus pais.

Neste sentido, procedeu-se à análise dos gráficos (circulares, colunas e barras), procedendo posteriormente ao tratamento dos dados (anexo 4).

Referente aos alunos, constatou-se que maioritariamente a idade dos mesmos era de seis anos de idade, havendo apenas um com cinco. Também se pôde averiguar que apenas cinco alunos comportavam problemas de saúde.

Quanto à informação relativa aos pais dos alunos, verificou-se que, relativamente às suas idades, as mesmas variavam entre os 30/40 anos.

Referente às habilitações académicas, maioritariamente os pais adquiriam a licenciatura. Contudo, também se pôde averiguar que alguns dos pais detinham o mestrado, doutoramento e outros, sendo que minoritariamente, possuíam o 9º ano (dois pais), o 11º ano (dois pais) e o 12º ano (dois pais).

No que diz respeito à profissão, os mesmos envolviam diversos sectores de trabalho.

Por último, referente ao grau de parentesco dos encarregados de educação dos alunos, observou-se com a análise do do gráfico circular, que era maioritariamente a mãe.

2. Intervenção Educativa

2.1 Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º ciclo do Ensino Básico

“A transição das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico [...], revela grande diferença quanto ao número de anos a frequentar da

Educação Pré-Escolar, e à situação em que cada um se encontra.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997:89).

Por conseguinte, algumas dificuldades de transição decorrem, do desconhecimento mútuo, caracterizada por cada uma das etapas do sistema educativo, assim como, os fatores que facilitam a continuidade entre eles.

Neste sentido, a possibilidade das crianças contatarem com a escola antes da sua entrada são condições facilitadoras num processo de transição, entre contextos divergentes.

Em prol do que fora mencionado anteriormente, assume grande relevância, enquanto elemento facilitador da continuidade educativa, o Processo Individual da Criança, que a acompanha na mudança da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico. (*Idem, Idem:91*)

Neste sentido, a articulação entre as várias etapas do percurso educativo implica uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada uma, a função de completar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspetiva de continuidade e unidade global de educação/ensino.

2.2 Intervenção educativa em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Considerando fulcral a análise do Decreto-lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, que aprova os *Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º Ciclo do Ensino Básico*, para posterior análise da atividade profissional, pôde-se constatar que a nível da conceção e desenvolvimento do currículo, cabe ao educador e ao professor promover aprendizagens integradas e enriquecedoras ao grupo de crianças e alunos, respetivamente:

Na educação pré-escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas. (anexo n.º1, II, ponto1, pp.3); que por sua vez, o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos. (anexo n.º2, II, ponto1, pp.7).

A construção das aprendizagens integradas requer que a intervenção educativa presuma uma reflexão prévia da intencionalidade ao longo das práticas pedagógicas.

Neste sentido, é relevante que seja realizada uma avaliação, antecedente ao planejamento, para que seja possível “(...) louvar o que as crianças já sabem e conseguem fazer, (...) e apreciar o contributo dos adultos que tiveram um papel mais importante nesta aprendizagem”. (HULTCHIN, 1996 cit in ARENDS, 1995:51).

Sendo assim, quer em contexto Pré-Escolar, quer em 1º Ciclo do Ensino Básico, foi considerado importante certificar os conhecimentos das crianças/alunos, adquiridos em momentos de observação presencial no decorrer da ação, assim como, das características do seu contexto sócio familiar, para que posteriormente fossem planeadas diferentes atividades.

Neste aspeto, considerou-se que as crianças já comportavam consigo uma vasta gama de experiências, quer das aprendizagens do seu quotidiano, quer as que já tinham vivenciado em atividades anteriores.

Consequentemente, a observação direta foi um instrumento fulcral para que caracterizar o grupo de crianças/alunos a todos os seus níveis de desenvolvimento, cognitivo, linguístico, sócio-afetivo e psicomotor. Sendo assim, na planificação das atividades específicas para cada grupo, nas diferentes valências, sobrevalorizou-se as capacidades, interesses e conhecimentos dos mesmos.

O conhecimento da criança/aluno e da sua evolução constituem fundamentos da diferenciação pedagógica que partem do que esta sabe e é capaz de fazer alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades. Tal como afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:25), “Este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências tais como, produtos das atividades propostas e diferentes formas de registo”.

Cada criança tem ritmos de aprendizagem diferentes, e é por esta razão, que o educador/professor deve conjugar o respeito pelos ritmos e percursos individuais com a necessidade de objetivos bem definidos.

Neste sentido, “A promoção do sucesso educativo implica a necessidade de algumas referências sobre as expectativas sociais [...] e enumerar algumas condições favoráveis para que cada criança possa iniciar o 1º Ciclo com possibilidades de sucesso.” (Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, 1997:90).

A observação direta, adotada ao longo das práticas profissionalizantes, facilitou a organização do ambiente educativo; a organização do tempo essencial para proporcionar diferentes atividades de aprendizagem; a planificação das atividades (tendo em conta as *Metas de Aprendizagem – Educação Pré-Escolar e Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*, documentos definidos pelo Ministério

da Educação) sobrevalorizando os interesses e necessidades de aprendizagem das crianças/alunos.

Sendo assim, foi imprescindível numa primeira fase, caracterizar os grupos nas diferentes valências do ensino.

Em contexto Pré-Escolar, o grupo era misto (3/4 anos), e encontrava-se no estágio pré-operacional, segundo os estágios de desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (CANAVARRO, PASCOAL, PEREIRA, s/data:25), adquirindo com facilidade a função simbólica, a compreensão de identidades, assim como, a capacidade de classificar e a compreensão do número.

Outra característica deste grupo, subjacente a estágio de desenvolvimento pré-operacional, é o egocentrismo, que segundo FELDMAN, OLDS e PAPALIA (2001: 316) é "(...) a incapacidade para ver as coisas de um ponto de vista que não o próprio". Contudo algumas crianças já o teriam ultrapassado, mostrando o desejo de partilhar com os outros e o que os rodeava.

Relativamente ao desenvolvimento da linguagem, o grupo conseguia exprimir-se oralmente de uma forma clara, salientando que no grupo existiam crianças (anexo 5) que utilizavam um vocabulário rico e expressivo, havendo no entanto, algumas que detinham muitas dificuldades em exprimir algum tipo de mensagem.

Quanto à leitura, as crianças deste grupo gostavam de escutar histórias que lhes despertasse o seu interesse, assim como, canções (anexo 6).

Algumas crianças, a nível da escrita, já conseguiam escrever o seu nome corretamente sem ter que recorrer aos cartões com os nomes. Todavia, é de salientar que algumas crianças (anexo 6) já adquiriam a noção espacial necessária para uma correta escrita, sabendo que se escrevia e se lia da esquerda para a direita, identificando por vezes algumas letras, fazendo a relação com palavras começadas pela mesma letra (anexo 7).

Referente à Expressão Plástica, e segundo as *Fases do Desenho* de Jean Piaget (cit in CANAVARRO, PASCOAL, PEREIRA, s/data:33), no que diz respeito ao desenho a maioria do grupo encontrava-se no *estádio pictográfico*, encontrando-se algumas, ainda no *estádio da forma*. O desenho, a colagem e a pintura eram áreas que a maioria das crianças tinha uma especial preferência, realizando, desenhos e pinturas, características da fase do *Pré-Esquematismo*, pois retratavam o que para elas era a realidade. Caracteriza-se assim, a nível plástico, um grupo muito criativo, que gostava de experimentar novas situações de aprendizagens proporcionadas..

Quanto à Expressão Musical, as crianças facilmente decoravam as letras da música e demonstravam interesse por aprender novas.

A nível da Expressão Dramática, esta era vivenciada pelo grupo nas diferentes áreas da sala. Porém, era na área da casinha, onde desempenhavam diversos papéis que retratavam a realidade que viviam, em situações faz-de-conta, focalizando a importância do núcleo familiar, utilizando adereços adequados de acordo com as personagens que retratavam (anexo 8).

Referente à Matemática, o grupo já distinguia as formas geométricas. Em relação aos números, todas as crianças já reconheciam não só o símbolo (anexo 9) mas também a noção de quantidade (anexo 10). As noções de pesos e tamanhos ainda teriam que ser mais desenvolvidas com o grupo.

As crianças já se encontravam na fase da memória autobiográfica, memória esta que se refere a episódios ou momentos da vida que formam a história da vida da pessoa em questão, “(...) os acontecimentos são guardados e memorizados durante mais tempo do que na memória episódica, aumentando com a evolução da idade” (FELDMAN, OLDS e PAPALIA, 2001:329).

Ao nível sócio-emocional, segundo os estádios definidos por Erikson, o grupo de crianças encontrava-se no estágio *Iniciativa versus Culpa*, onde o mesmo começa a sentir “a necessidade de lidar com sentimentos conflituosos acerca do self” (*Idem. Idem*:355), isto é, acerca de si e da sua personalidade. Encontravam-se na fase das representações simples, que segundo Fisher (*cit Ibidem. Ibidem*:355) “(...) as crianças caracterizam-se, descrevendo as suas características individuais (evidências aquando realização do portefólio individual da criança”. No geral, caracterizava-se como um grupo decidido e participativo, no que dizia respeito às decisões a serem tomadas na sala, sugerindo ideias para a elaboração de atividades, demonstrando entusiasmo e interesse pelas mesmas.

Na relação entre pares, as crianças já eram capazes de nomear os seus melhores amigos, explicando as suas razões de forma crítica (anexo 11). A relação entre criança-adulto, caracterizava-se numa relação de diálogo e compreensão.

No desenvolvimento psicomotor, a partir da observação das sessões de movimento, a maioria das crianças encontravam-se bastante desenvolvidas, conseguindo saltar uma distância de 50cm a 70cm; dar cerca de quatro saltos num só pé; contar os paços que dão até determinado ponto e saltar num só pé (anexo 12). Quanto à estruturação espacial, tinham a noção de sequência e de lugar, pois conseguiam voltar ao lugar inicial à atividade (anexo 13). Relativamente à lateralidade,

o grupo apresentava bastantes lacunas, não diferenciando os lados direito e esquerdo, mesmo com pontos de referência (anexo 14). O esquema corporal encontrava-se bastante desenvolvido a todo o grupo, não apresentando dificuldades de nomear e indicar as partes do corpo. Na elaboração de um boneco tridimensional colocavam os elementos corporais no local correto (anexo 15).

Ao nível da motricidade, todas as crianças conseguiam segurar de forma correta no lápis e cortar com a tesoura (adquirindo o movimento de pinça).

De acordo com a caracterização diagnóstica do grupo de crianças (descrição das suas capacidades, personalidades e características), foi possível, assim, melhor organização da sua prática, considerando importante a aplicação das competências definidas, no planeamento das atividades/aprendizagens, em Educação Pré-Escolar (definidas no *Decreto-lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto - Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico*).

Por conseguinte, em contexto 1º Ciclo do Ensino Básico, o grupo encontrava-se no estágio de desenvolvimento *pré-operatório*, uma vez que, já detinham aptidões para organizar o seu pensamento/inteligência através de processos de assimilação, acomodação e adaptação.

Utilizando diferentes significantes, a maioria dos alunos já representava as suas vivências e realidades.

Na partilha social das aprendizagens o grupo era muito comunicativo e interessado na aquisição das suas aprendizagens, questionando.

Segundo os estádios de desenvolvimento moral, segundo *Kohlberg* (LOURENÇO, 1992 cit CANAVARRO, PASCOAL, PEREIRA, s/data:27), o grupo situava-se no nível *pré-convencional*, uma vez que não conseguiam distinguir nem coordenar perspetivas, hierarquizando-as apenas, do seu ponto de vista.

Apresentavam um comportamento inconstante, e não cumpridor das regras de saber-estar na sala de aula, necessitando assim, da imposição de um “*Quadro de Comportamento*”.

Na realização das atividades, os alunos participavam com interesse, sendo bastante comunicativos e realizavam assiduamente os trabalhos de casa.

Referente às áreas curriculares disciplinares, pôde-se constatar que, os alunos a nível da *Língua Portuguesa*, detinham maiores dificuldades, quer na *escrita* ou na *leitura* de palavras (facto que se devia ao grupo de alunos se encontrar num período

de iniciação a novas aprendizagens/conteúdos), principalmente na associação do grafema ao fonema, e na associação da letra de imprensa à manuscrita.

Neste seguimento, na Matemática não se registaram grandes dificuldades na aquisição das aprendizagens, verificando-se o mesmo, a nível do Estudo do Meio. Nesta última área curricular disciplinar, não foi possível averiguar os seus conhecimentos relativos à unidade, “*À descoberta dos materiais e objetos*”, uma vez que não fora realizada nenhuma experiência em contexto sala de aula.

No que concerne à área curricular disciplinar das Expressões Artísticas, relativamente à Expressão Plástica, o grupo encontravam-se no geral, entre as fases do esquematismo/realismo, segundo as *Fases do desenho de Piaget (Ibidem, Ibidem:27)*, uma vez que representavam esquemas representativos, e detinham um conceito definido quanto à figura humana. Quanto à área curricular de Expressão Dramática, não foi possível averiguar nenhuma evidência, ao longo do tempo de observação direta.

A reflexão das condições, por parte do professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, principalmente no 1º ano de escolaridade, deve ser favorável, para que cada criança possa iniciar o 1º ciclo com possibilidades de sucesso. Estas condições dizem respeito ao “*(...) comportamento da criança no grupo; as que implicam determinadas aquisições indispensáveis para a aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática, e as que se relacionam com atitudes.*” (*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997:90*).

Sendo assim, observar cada criança e o grupo, constitui um aspeto essencial, para que o educador/professor adequar o currículo de acordo as exigências do processo educativo. Por conseguinte, o educador/professor planejará as atividades consoante os interesses e motivações do grupo, para que posteriormente, a avaliação das mesmas seja ajustada às transgressões/regressões de cada criança/aluno ao longo do seu processo de aprendizagem.

Como suporte da intencionalidade educativa, planejar o processo educativo, de acordo com as informações acerca do grupo e de cada criança/aluno, do seu contexto familiar e social é a condição para que se “*(...) proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.*” (*Idem, Idem:26*).

Neste sentido, durante as práticas pedagógicas, nos dois contextos de ensino, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, a planificação implicou refletir sobre as intenções educativas e as formas de as adequar a cada grupo, planeando

novas situações e experiências de aprendizagem, organizando recursos humanos e materiais para a sua execução. A organização do ambiente educativo, também foi um aspeto tido em consideração, pois possibilitou que as crianças/alunos explorassem e usufríssem dos diferentes espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição “(...) proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e [...] interagir com o adulto.” (Ibidem, Ibidem:26).

Desta forma, nas diferentes valências educativas, a reflexão dos objetivos pedagógicos, a serem desenvolvidos por cada criança/aluno, foi um dos aspetos fulcrais, para a planificação de aprendizagens significativas, ativas e diversificadas. Consequentemente, em contexto de Educação Pré-Escolar (anexo16), foram planificadas atividades integradas no âmbito das *Áreas de Conteúdo* (Formação Pessoal e Social; Expressão e Comunicação – Domínio das expressões motora, dramática, plástica e músicas, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e Domínio da Matemática; Conhecimento do Mundo); enquanto em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, do 1.º ano de escolaridade, as mesmas foram planificadas em conjunto com o par pedagógico e individualmente, sendo adaptadas de acordo, com as Áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Expressões Artísticas – anexos 17 e 18).

Todavia, a participação das crianças/alunos também foi delineado estratégias, permitindo ao grupo, beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências das suas aprendizagens “(...) num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma” (Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 1998:23).

Contudo, durante a intervenção pedagógica, no 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a definição de diversas estratégias sobrevalorizaram-se, uma vez que ocorreu a necessidade de refletir sobre a prática profissionalizante em sala de aula. Sendo assim, foi necessário analisar a relação dos objetivos/conteúdos com a situação do grupo de alunos, uma vez que o mesmo, advertia um comportamento menos bom em sala de aula; para que cada aprendizagem e experiência fosse integrada na aquisição dos novos conhecimentos. Desta forma, foram colocadas diversas hipóteses na elaboração das diversas atividades, selecionando as que oferecem-se maiores possibilidades de sucesso, dinamização e dinâmica (anexo19). Posteriormente, foram consideradas como um gestor do currículo, indo ao encontro dos objetivos visados.

Durante a concretização da ação pedagógica, as intenções educativas, foram adotadas com o intuito de promover a participação de todos as crianças/alunos nas suas aprendizagens, proporcionando interações positivas entre adulto-criança/aluno.

Neste sentido, a participação ativa de todo o grupo, permitiu desenvolver diversas capacidades, a nível da criatividade, autonomia, expressividade, contribuindo assim, para uma melhor aquisição de conhecimentos.

A cooperação entre pares, em grande ou pequeno grupo, foi outro aspeto que foi privilegiado ao longo das práticas educativas, que, segundo os princípios básicos do currículo escolar High-Scope, promove a autonomia da criança. Este facto, vai de acordo com o que ARENDS (1995:372), que profere que os efeitos da instrução da aprendizagem cooperativa ultrapassam a aprendizagem escolar, promovendo a relação intergrupar, ampliando os padrões de ligação entre o pares e a autoestima.

Neste âmbito, foram promovidas também atividades que incentivassem o trabalho em grupo (tendo em conta a integração de pequenos grupos heterogéneos – de acordo com o modelo M.E.M), garantindo assim, o respeito pelas diferenças individuais, a colaboração e cooperação (anexo 20).

O ensino experimental também foi estimulado nas aprendizagens das crianças/alunos, através da realização de atividades no âmbito do Projeto Lúdico de sala (Educação Pré-Escolar), e da área curricular disciplinar de Estudo do Meio (referente ao 1.º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico – anexo 21). Tal como, afirma Jerome Bruner (1960 cit in ARENDS, 1995:395), o ensino crítico, é também denominado por ensino pela descoberta e aprendizagem pela descoberta, onde o professor coloca problemas, faz perguntas e promove o diálogo, ajudando os educandos a tornar-se “construtivistas” ou construtores da sua própria aprendizagem.

De acordo com os ritmos de aprendizagem do grupo de crianças/alunos, segundo os objetivos pedagógicos e), f), g); definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:15); assim como os que se encontram no Decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto, relativo ao perfil do professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (anexo n.º2, II, pp.7), nas alíneas c), d), e), foi pertinente respeitar as rotinas diárias implícitas em cada contexto educativo (anexo 22).

Não menos importante, a organização do ambiente educativo, foi outro aspeto a considerar, que segundo uma orientação construtivista (relativo ao modelo High-Scope, e o ideal de construtivismo no ensino, segundo FOSNOT, 1996:26), promove a vida em grupo, assim como a escolha da criança/aluno.

Quer em contexto Educação-Pré-Escolar, quer em contexto 1.º Ciclo do Ensino Básico, o ambiente educativo sofreu algumas alterações (anexos 23 e 24), considerando sempre o sucesso da construção do conhecimento, apoiando constantemente os interesses e necessidades educativos das crianças/alunos.

Neste âmbito, o recurso a materiais diversificados e apropriados, aquando das planificações de atividades permitiu que a ação educativa, promovesse situações de aprendizagem estimulantes, diversificadas e enriquecedoras para que cada criança/aluno construísse o seu próprio conhecimento.

Com a elaboração do portefólio reflexivo, ainda foi possível promover uma aprendizagem individualizada, proporcionando atividades orientadas para uma criança, e não para todo o grupo, recorrendo à observação das suas brincadeiras, assim como, à atenção e desempenho que a mesma demonstrava na realização das atividades propostas/iniciativa própria.

A participação das famílias das crianças/alunos também foi colocada em prática, com o intuito de incentivar a participação em atividades de sala, do grupo de crianças/alunos nas valências educativas de Educação Pré-Escolar (participação das famílias no desenvolvimento do Projeto Lúdico de Sala, “*Museu das Artes*”), e 1.º Ciclo do Ensino Básico (participação na festa de Natal e em atividades propostas, como a construção das árvores genealógicas das famílias de todos os alunos, no âmbito da área curricular disciplinar de Estudo do Meio – anexo 25).

Sendo assim, é possível ao educador/professor refletir se o processo educativo “ (...) *contribui para o desenvolvimento e aprendizagem (...)*” de forma a corrigir e adequar o mesmo à “(...) *evolução das crianças e ir aferindo com os pais os seus progressos.*” (Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar, 1997:94).

A avaliação realizada no âmbito das aprendizagens dos educandos, implicou a reflexão da tomada de consciência da ação, com o intuito de adequar o processo educativo às necessidades das crianças/alunos e do grupo, assim como, à sua evolução.

Neste sentido, em Educação Pré-Escolar, foi tida em conta a avaliação realizada com as crianças, uma vez que, eram realizadas assembleias Semanais (anexo 26), comparadas com os “Diários” de Freinet. As atividades realizadas em sala (anexo 27) e das sessões de movimento (anexo 28), também foram avaliadas, assim como, os comportamentos e aprendizagens do grupo de crianças, de forma a “(...) *estabelecer a progressão das aprendizagens desenvolver com cada criança.*” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997:27).

Em 1.º Ciclo do Ensino Básico, semanalmente, eram realizadas avaliações de acordo com as aprendizagens desenvolvidas, e registadas, no âmbito das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Expressões Artísticas – anexo 29).

Todo este processo, permitiu reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, estimulando o desenvolvimento de todas e de cada uma das crianças/alunos, tendo em conta os seus interesses, curiosidades e desejo de aprender.

3. Avaliação das Aprendizagens

“A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.” (Despacho Normativo n.º1 de 2005/5 de Janeiro – Princípios e os Procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências aos alunos dos três ciclos do ensino básico, Capítulo I, Ponto 2, pp.1).

Neste sentido, a avaliação é um recurso importante na melhoria do processo ensino/aprendizagem, considerando todos os elementos deste processo (alunos, professor, objetivos, estratégias e metodologias). Sendo assim, a utilização da mesma, facilita o conhecimento das competências e das atitudes do grupo, numa avaliação inicial; assim como, possibilita averiguar se os objetivos estão bem definidos, se a metodologia é adequada e se as atividades motivam e despertam o interesse dos alunos.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* a avaliação consiste:

“avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997: 27).

Porém, a *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*, refere que:

“A avaliação [...] terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas,

diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.” MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998:24).

Neste sentido, devemos considerar que a avaliação desempenhada pelo educador/professor tem como objetivo recolher a informação necessária para tomar decisões corretas e conscientes sobre a sua instrução e sobre os seus alunos, tendo consciência que estas poderá ser importante para a vida dos mesmos (ARENDS, 1995:228).

Neste contexto, a avaliação a realizar ao longo das aprendizagens dos educandos, não deverá traduzir-se em juízos prematuros e definitivos que os discriminem desde logo, impedindo-os de alcançar o sucesso, influenciando, porventura, o seu futuro escolar.

“É a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar” (PERRENOUD cit in ESTANQUEIRO, 2010:83).

Segundo, o Decreto-lei n.º 18/2001 de 2 de Janeiro – Organização Curricular da Educação Básica, “ A avaliação das aprendizagens compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa”. (Capítulo III, Artigo 13º, pp.7)

No decorrer da intervenção profissional em Educação Pré-Escolar e Ensino Básico – 1º ciclo, foram utilizados diferentes tipos de avaliação, respetivamente:

avaliação diagnóstico *“que conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno [...]” (Despacho Normativo n.º.1 de 2005 de 5 de Janeiro, Capítulo II, Artigo 18, pp.4);* avaliação formativa *“principal modalidade de avaliação do ensino básico, que assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem” (Despacho Normativo n.º.1 de 2005 de 5 de Janeiro, Capítulo II, Artigo 19, pp.4);* avaliação contínua (direta e indireta) *“obriga os alunos, a acompanhar a matéria que vai sendo dada, refletindo a permanente interação entre docentes e alunos. Também incide sobre diferentes tipos de trabalhos, escritos e orais, e sobre a participação dos alunos nas atividades letivas.” (Despacho Normativo n.º.1 de 2005 de 5 de Janeiro, Capítulo II, Artigo 20, pp.4);* auto e heteroavaliação.

Neste sentido, a observação direta foi um aspeto essencial para avaliar a progressão que os educandos estavam a desenvolver ao longo das suas aprendizagens.

Com base no que foi mencionado acima, foi possível adotar estratégias mais adequadas aos conhecimentos e aos interesses das crianças/alunos, sobrevalorizando-as nas planificações das atividades, considerando imponente as intencionalidades/objetivos pedagógicos definidos para os diferentes grupos educativos, reverenciando as suas capacidades e características individuais.

No início da prática educativa, foi realizada uma avaliação diagnóstica do grupo de crianças/alunos, e individualmente, com o intuito de identificar as características, as competências adquiridas, as necessidades e os interesses de cada uma. Sendo assim, procedeu-se à análise das fichas individuais dos discentes e ao registo de observações diretas, com o intuito de os caracterizar (Educação Pré-Escolar), assim como, à avaliação diagnóstica da leitura e da escrita - área curricular disciplinar de Língua Portuguesa - anexo 30), e alguns conteúdos abordados - área curricular disciplinar de Matemática – anexo 31 (1.º ano do 1.º Ciclo, do Ensino Básico).

No processo de aprendizagem contínua, a implementação da avaliação formativa foi fulcral para a intervenção educativa e para as aprendizagens em grupo (aprendizagem cooperativa) /individual, que as crianças/alunos foram adquirindo ao longo do tempo.

Na Educação Pré-Escolar, a realização das Assembleias Semanais, com o educador em conjunto com o grupo de crianças, e a realização dos trabalhos de grupo orientados, em sala de aula do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico; pressupuseram que os educandos refletissem sobre as atividades/tarefas solicitadas, de forma a autoavaliarem as suas aprendizagens mais significativas.

Neste sentido, é proporcionado que os mesmos tomem consciência dos seus conhecimentos/capacidades, assim como, das suas limitações, para que, com o auxílio do educador/professor as superem com sucesso. Sendo assim, a criança/aluno torna-se protagonista das suas aprendizagens, em prol de todo o processo do ensino em vez da obtenção dos resultados.

Referente à avaliação individual, decorreu a elaboração do portefólio reflexivo de criança em Educação Pré-Escolar (pressuposto de uma auto e heteroavaliação); das grelhas de acompanhamento das aprendizagens individuais dos alunos (grelhas de observação no âmbito das áreas curriculares disciplinares: Língua Portuguesa – leitura e escrita; Matemática; Estudo do Meios e Expressões Artísticas) do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, promovendo uma aprendizagem individualizada.

Todavia, todos os educandos tiveram a oportunidade de acompanhar o processo de evolução/regressão das suas próprias aprendizagens, realizando juízos de valor

das mesmas, criticando-as construtivamente, e promovendo a superação de dificuldades que os mesmos apresentavam.

A avaliação visa apoiar o processo educativo, permitindo o reajustamento dos projetos curriculares de escola e de turma, quanto à seleção de recursos e de metodologias, de acordo com as necessidades educativas dos educandos.

Considerando que as crianças/alunos devem ser participantes ativos nas suas aprendizagens, é fulcral adequar as estratégias, aquando das intervenções com o grupo, considerando imprescindível as suas características globais, assim como, individuais. Neste sentido, deve-se entender a avaliação como um “processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo educando [...]”. (Decreto-Lei nº. 18/2011 de 2 de Janeiro, Capítulo III, Artigo 12º, alínea 1, pp.7).

Para que a tomada de consciência seja realizada no quotidiano escolar, e constitua um valor formativo para a criança/aluno, considerando como um progresso profissional para o educador/professor, é fulcral a construção de instrumentos de registo sistemático e partilhado.

Tais registos permitiram uma melhor análise do desenvolvimento das aprendizagens de cada criança/aluno, e uma adequada gestão e realizações do mesmo, aquando da avaliação do 1º período letivo (anexo 32)

Neste sentido, foram considerados importantes os processos de ensino que os profissionais em educação devem utilizar ou corrigir para o sucesso da cooperação, imprescindível ao êxito das crianças/alunos e do educador/professor.

Sendo assim, foi possibilitado tomar consciência das dificuldades no processo ensino-aprendizagem que fora desenvolvido, com o objetivo de alcançar o êxito.

Com base na análise documental, *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Metas de Aprendizagem, Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais e a Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico*; foram utilizados diversos instrumentos de avaliação, com o intuito de planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa.

Nos Projetos Curriculares de Escola dos dois contextos, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontram-se definidos os instrumentos de avaliação que devem ser utilizados pelo educador/professor titular da turma (1.º ano), sendo a sua execução realizada ao longo do ano letivo.

Neste sentido, foram utilizados diferentes parâmetros que serviram como base para fundamentar a prática profissionalizante, como os trabalhos diários individuais e

de grupo das crianças/alunos (anexos 33 e 34); registos de observações (Diários de bordo – anexo 35; Incidente Crítico, Descrições Diárias – remeter para anexos 8 e 15, respetivamente); listas de verificação (avaliação da sessão de movimento - remeter para anexo 28); registos de autoavaliação (anexo 36), assim como, registos estruturados de avaliação (grelhas de avaliação da leitura, escrita, entre outros – remeter para anexo 29); o registo fotográfico (remeter para anexo 7) e em vídeo.

Por conseguinte, a utilização dos mesmos, foi pertinente para averiguar/analisar a evolução das crianças/alunos nas suas aprendizagens.

No contexto da Educação Pré-Escolar, constatou-se que a *nível cognitivo*, numa primeira fase, algumas crianças ainda eram muito egocêntricas, revelando dificuldades a nível da partilha, embora numa fase posterior, estas mesmas, na sua maioria, foram superadas. Quanto ao *desenvolvimento da linguagem*, as três crianças que tinham dificuldades em exprimir algum tipo de mensagem, tornaram-se mais participativas nas atividades que eram propostas, construindo frases coerentes, e formulando, por iniciativa própria, palavras que iam sendo corrigidas no seu diálogo (registo do relatório narrativo do portefólio individual da criança). Com a introdução do tema do projeto lúdico, que fora desenvolvido na sala dos 3/4anos, “*Museu das Artes*”, o grupo tornou-se mais crítico, no que se refere à análise das obras de arte, mostrando confiança e segurança sobre a sua opinião de um determinado pintor e das suas obras, reproduzindo-as de forma idêntica, demonstrando satisfação nos seus trabalhos. A construção do fantocheiro e dos fantoches, motivaram as aprendizagens das crianças, que demonstraram interesse e satisfação na dramatização com os mesmos de forma criativa, espontânea e dinâmica. Com a confeção das receitas, o grupo desenvolveu noções de espessuras e tamanhos, o que anteriormente não era possível verificar. A nível psico-motor, as crianças já controlavam melhor diversos movimentos, tais como: virar, parar e iniciar na execução de uma dança. Quanto à lateralidade, trabalhada essencialmente em sessão de movimento, algumas das crianças já identificavam o lado direito e o lado esquerdo, com pontos de referência. Relativamente ao nível sócio emocional, o grupo conseguiu superar com êxito algumas das dificuldades nas relações com os pares, quando realizavam trabalhos de forma autónoma e em grupo. Outras estratégias, como a realização das avaliações semanais, e das Assembleias Semanais, fomentaram um melhor conhecimento do grupo de crianças, a nível das suas capacidades e conhecimentos adquiridos.

Em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, para além de serem utilizados os instrumentos de avaliação acima referidos, foi considerado pertinente ter como suporte

outros, como a organização do caderno diário; a participação e cooperação nas atividades da aula; o sentido de responsabilidade e sociabilidade; a autonomia na execução das tarefas que eram propostas; o interesse na aquisição de novos conhecimentos; o comportamento na sala de aula e o respeito pelas regras de bem-estar na sala de aula (introdução do *Quadro de Comportamento*); e a pontualidade/assiduidade.

Segundo Jean Piaget (cit in CANAVARRO, PASCOAL e PEREIRA, 2001:25) , o grupo de alunos do 1º ano, encontrava-se no estágio de desenvolvimento *pré-operatório*, uma vez que, já detinham aptidões para organizar o seu pensamento/inteligência através de processos de assimilação, acomodação e adaptação. Neste estágio de desenvolvimento, é fundamental desenvolver competências em que os alunos aprendam de forma flexível e rápida, iniciando assim, o pensamento simbólico, “[...] em que ideias dão lugar a experiências concretas”.

Aos seis anos de idade, caracterizada como a “*idade de transição*”, surgem novas expectativas, sentimentos e impulsos na criança. Sendo assim, neste grupo de alunos a forma como aprenderam não se pôde limitar a um tipo formal de ensino de conteúdos e programas, definidos no currículo da escola, o que influenciava a planificação de atividades motivadoras, dinâmicas, e ativas, assim como, experiências motoras/sociais.

Utilizando diferentes significantes, a maioria dos alunos já representava as suas vivências e realidades: no jogo simbólico, onde predominava a assimilação; nos desenhos (onde representavam a realidade em que viviam, segundo os seus esquemas de ação); na linguagem (considerando que ainda se encontravam numa fase egocêntrica, pouco socializada); na imagem (mental, que funciona como suporte do pensamento) e no pensamento pré-concetual (onde os desejos se tornam realidade). Recorriam também ao animismo, atribuindo características humanas a seres inanimados (como se pode verificar nos desenhos dos alunos (anexo 37). No *desenho*, alguns alunos já conseguiam representar de forma mais criativa e diversificada as suas ideias à sua maneira e gosto, como foi possível averiguar com a ilustração da época festiva preferida pelos mesmos, na atividade relacionada com a área curricular disciplinar de Estudo do Meio (anexo 38).

A partilha social das aprendizagens encontrava-se num processo de constante evolução, visto que o grupo era muito comunicativo e interessado na aquisição das suas aprendizagens, questionando constantemente, quando tinham dúvidas. A tomada de iniciativa de participação por parte de cada aluno nas diferentes atividades

sugeridas; a maior capacidade de compreensão (no entanto, ainda demonstravam algum grau de abstração em algumas situações); a discussão de situações emocionais; o aumento da concentração e de atenção; e a maior capacidade de participação em grandes e pequenos grupos de trabalho, foram outras características evidentes no grupo.

Segundo, os estádios de desenvolvimento interpessoal de *Selman e Selman* (1979 cit in *Idem, Idem*:32), o grupo encontrava-se no *estádio 0*, uma vez que encaravam com verdade absoluta as suas percepções, sem se aperceberem que podiam existir outros pontos de vista, dando ênfase, apenas às suas percepções subjetivas, desprezando assim, as relações objetivas. Neste sentido, nos estádios de desenvolvimento moral, segundo *Kohlberg* (LOURENÇO, 1992 cit *Ibidem/Ibidem*:27), o grupo situava-se no nível *pré-convencional*.

Uma vez que apresentavam um comportamento inconstante, foi necessário definir regras de saber-estar na sala de aula, necessitando de momentos de relaxamento para sossegarem em períodos de transição aula/intervalo. Todavia, a turma foi melhorando, mas revelando-se ainda muito conversadora.

No geral, os alunos revelavam bom aproveitamento, realizando os trabalhos de casa assiduamente, participando ativamente nas atividades propostas em sala de aula, e sendo maioritariamente pontuais.

Considerando iminente o que foi descrito acima, foi fulcral delinear uma avaliação mais pormenorizada, em termos das áreas curriculares disciplinares de *Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões artísticas*.

Em termos gerais, a área curricular disciplinar de *Língua Portuguesa*, apresentava-se como a área curricular de maior dificuldade, nomeadamente aos níveis da leitura e da escrita, uma vez que se encontravam num período de iniciação.

Relativamente à **Comunicação Oral**, todos os alunos conseguiam identificar com muita facilidade as letras aprendidas (*vogais; ditongos; e letras “P”, “T”, “D”, “M”, “C”, “V”, “R”, N*); assim como, os ditongos e associação do grafema ao fonema. Neste sentido, considerou-se que a maioria dos alunos já lia com alguma proficiência pequenas palavras e frases.

Contudo, outras observações foram pertinentes de mencionar, para que os alunos progredissem nas suas aprendizagens, as quais foram observáveis durante a atividade de leitura individualizada (remeter para anexo 32). Porém, na análise da grelha de observação, ainda se pôde constatar que mais de dez alunos, conseguiam com facilidade alcançar os parâmetros que eram definidos na vertente da leitura.

Relativamente à **Comunicação escrita**, verificou-se que todos os alunos identificavam as letras aprendidas. De acordo com os registos de observação (remeter para anexo 32), pôde-se constatar que alguns alunos ainda revelavam algumas dificuldades, principalmente na associação do grafema ao fonema, e na associação da letra de imprensa à manuscrita.

No seguimento deste componente, ainda se aferiu que dez alunos, conseguiam com facilidade alcançar os objetivos determinados.

Relativamente, à área curricular disciplinar de *Matemática*, na unidade *Números e Operações*, no parâmetro Estabelecer relações de ordem entre números, todos os alunos comparavam com facilidade quantidades; identificavam o conjunto com maior, menor e igual número de elementos; verificando-se o mesmo no parâmetro Ordem crescente e decrescente, que em termos globais, os alunos conseguiam com leitura e escrita dos números por ordem crescente e decrescente. Quanto ao parâmetro Utilizar a respetiva simbologia >, <, =, maioritariamente os alunos alcançaram este objetivo, quer em atividades lúdicas, que posteriormente nas que foram realizadas na mediateca, quer ainda na resolução de exercícios. Contudo, existiam, ainda alunos que demonstravam algumas dificuldades na utilização da respetiva simbologia “>, <, =” (remeter para anexo 32).

Referentemente, ao parâmetro Efetuar contagens, em termos gerais, todos os alunos escreviam com grande facilidade os números até 5 (cinco) e somavam números para obter o resultado correto. Na decomposição de números, a maioria dos alunos também realizavam com sucessos os exercícios propostos, à exceção de alguns, que ainda revelavam alguma dificuldade.

No que diz respeito à área curricular disciplinar de *Estudo do Meio*, relativo à unidade O seu corpo, todos os alunos identificavam as partes constituintes do corpo, assim como a sua identidade sexual; e representavam o seu corpo, comparando-se com os outros; na unidade A saúde do seu corpo, em termos gerais, averiguou-se que todo o grupo, reconhecia quais as normas de higiene essenciais para o corpo, da higiene alimentar, assim como, a importância de posturas corretas, do exercício físico e do repouso para a saúde; nas unidades O seu passado próximo e Os aspetos físicos do meio local, descreviam a sucessão de atos, reconhecendo o dia, e a semana como unidades de tempo, descrevendo também, as características e a sucessão do dia e da noite e, relacionando-os com o movimento (de rotação) da Terra. Por último, nas unidades Os seus gostos e preferências e As suas perspetivas para o futuro próximo, todos os alunos sem exceção, descreviam com sucesso lugares, atividades, dias

festivos ao longo do ano (Natal, Passagem de Ano, Dia dos Reis, Carnaval, Magusto, S.João), jogos e brincadeiras que mais apreciavam, assim como, acontecimentos que planeavam realizar no dia seguinte, no fim de semana e nas férias.

Não menos importante, há que referenciar que na unidade *À descoberta dos materiais e objetos*, aquando da realização de experiências, todos os alunos compreenderam a conclusão dos resultados das mesmas, revelando interesse e atenção durante a execução das mesmas.

Relativamente à área curricular de *Expressão Plástica*, quando proposta a realização de desenhos de *expressão livre* e de *atividades gráficas* sugeridas de acordo com um tema abordado, todos os alunos participavam com grande satisfação e motivação. Contudo, e através da observação de trabalhos realizados por alguns alunos, constatou-se que os mesmos já demonstravam mais destreza, aperfeiçoamento, e maior desenvolvimento da motricidade fina e global.

Neste sentido, estes alunos situavam-se, segundo as *Fases do desenho de Piaget (Ibidem, Ibidem:27)*, entre as fases do **esquematismo/realismo**, uma vez que representavam esquemas representativos, começando a construir formas diferenciadas para cada categoria de objeto; utilizavam a linha de base, assim como, já relacionavam cor/objeto nas suas ilustrações e pintura de desenhos. Verificou-se também que já tinham um conceito definido quanto à figura humana tomando uma maior consciência dos géneros, assim como, uma maior acentuação das roupas, diferenciando-o.

Oito alunos ainda revelavam alguma ineficiência nestes aspetos, posicionando-se entre as fases **pré-esquematismo/esquematismo**, visto que, ainda se verificava nos seus trabalhos a relação entre desenho, pensamento e realidade, onde os elementos eram dispersos e não relacionados entre si, utilizando por vezes cores que não tinham relação com a realidade (dependendo, em algumas situações, do interesse emocional dos mesmos).

Quanto à área curricular de *Expressão Dramática*, todos os alunos demonstravam o gosto pelos **jogos de exploração** (do corpo, do espaço e dos objetos); **pela linguagem verbal/não verbal e gestual** (em atividades realizadas como o teatro de fantoches – “Halloween”; e teatro de sombras).

“As decisões tomadas são importantes, pois é crucial que a informação utilizada pelos educadores/professores para fazerem julgamentos seja correta em termos qualitativos” (ARENDS, 1995:256).

CAPÍTULO V

Construção da profissionalização

“ A profissionalização em educação, é uma aventura coletiva, mas que se desenrola também, [...] através das opções pessoais dos educadores/professores, dos seus projetos e das suas estratégias de formação.” (PERRENOUD, s/data:178).

A continuidade educativa entre Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico alude-se a um processo de desenvolvimento contínuo, ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:90), é proferido, que, se cada ciclo tem em conta as aprendizagens realizadas pelas crianças, então também é preciso considerar que cada uma delas tem ritmos de aprendizagem diferentes.

Sendo assim, o educador deve proporcionar condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso, na fase seguinte, competindo-lhe, em colaboração e articulação com o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico, facilitar a transição das crianças para a escolaridade obrigatória.

Por sua vez, o professor terá de criar condições favoráveis aos alunos, para que estes iniciem o 1.º Ciclo do Ensino Básico, com a possibilidade de sucesso nas suas aprendizagens. Por conseguinte, esta transição deve favorecer atitudes positivas que promovam aprendizagens, que desenvolvam a curiosidade e o desejo de aprender, para que se promova *“(...) a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1.º Ciclo com as da Educação Pré-Escolar [...]”* (Decreto-lei n.º 241/2011, de 30 de Agosto, Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do Ensino Básico, Anexo II, Parte II, Ponto, 2e), pp.7).

Concebe-se então, a condição fundamental para que a transição da criança seja mais fácil, *“(...) permitindo atenuar e resolver eventuais dificuldades que esta possa encontrar.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997:90)*

O papel do profissional misto, encontra-se subjacente a estes ideais, que promovem a realização de projetos comuns entre os diferentes contextos de ensino. Nesta índole, cabe-lhe compreender o que se realiza na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, analisando as diferentes propostas curriculares para cada uma das valências de ensino. Em prol do que foi mencionado anteriormente, é fulcral que os planos de intervenção educativa sejam orientados pelo profissional em

educação, e que este considere a articulação entre os objetivos definidos nas Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar e na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste sentido, durante os estágios profissionalizantes, as práticas educativas que foram desenvolvidas nos dois contextos educativos, tiveram por base a reflexão sob o perfil de um profissional misto, tendo em conta o crescimento das aprendizagens, como futuro profissional, assim como, da ação interventiva perante os diferentes grupos de crianças/alunos.

Sendo assim, foi considerado pertinente a análise do Decreto-Lei n.º 241/2001, Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, com o intuito de definir objetivos específicos a atingir ao longo do estágio profissionalizante. Contudo, as competências definidas, pela equipa pedagógica, para a prática educativa foram tidas em consideração, uma vez que, ao longo da mesma, eram realizadas autoavaliações, quer da própria estagiária, quer do seu par pedagógico (anexo 39).

Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente, e para uma melhor perceção do contexto educativo, das instituições de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi considerado pertinente analisar os seus documentos de autonomia (Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades, e Plano Curricular de Turma, sendo este último coadjuvado na sua elaboração – anexo 40), para intervir em conformidade com os seus princípios e ideais, em conjunto com toda a comunidade escolar envolvente.

Segundo as finalidades implícitas nos Projetos Educativos das diferentes instituições, foi promovido a participação em atividades de envolvimento parental (participação na realização do projeto lúdico de sala – Educação Pré-Escolar; e em atividades de ensino, no âmbito da área curricular disciplinar de Estudo do Meio, assim como na festa de Natal – 1.º Ciclo do Ensino Básico – remeter para anexo 25). Contudo, também foi vivenciado momentos coletivos, nas diferentes comunidades escolares, tais como a celebração do Dia do Pai e do Dia da Mãe (Educação Pré-Escolar), e visita à “*Terra dos Sonhos*”, em Santa Maria da Feira, em conjunto com outra turma do 1.º ano de escolaridade (anexo 41).

Tal como se constata no Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto, respetivamente, Anexo I, Parte II, ponto 4d), pp.4/ Anexo II, Parte II, Ponto 2L), pp.8), o educador/professor deve promover relações/interações

com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projetos de vida e de formação/aprendizagens das crianças.

No âmbito da intervenção no grupo de crianças/alunos, a organização do ambiente educativo, respetivamente, a organização dos materiais, do espaço e do tempo, foram considerados aspetos fulcrais para que a intervenção educativa decorresse no âmbito de uma aprendizagem construtivista.

Contudo, uma das maiores dificuldades sentidas ao longo das práticas educativas, foi a organização do espaço-sala. Todavia, em Pré-Escolar, o espaço não era suficientemente abrangente para afixar as diversas evidências das aprendizagens das crianças, sendo para isso, necessário solucionar com a implementação/organização dos placares, sugerindo ainda que os trabalhos fossem guardados nas gavetas individuais de cada criança, desde que fossem elaborados outros novos.

Por conseguinte, em 1º Ciclo do Ensino Básico, o facto dos alunos demonstrarem alguma dificuldade no cumprimento das regras de bem-estar na sala de aula, fez com que a organização da sala sofresse uma contínua mudança, com o intuito de os colocar a trabalhar em pares/grupos. Primeiramente, os alunos encontravam-se sozinhos por carteiras, fazendo com que o decorrer de atividades mais dinâmicas não resultasse. Sendo assim, foi necessário, e após vários diálogos com a turma, e várias tentativas falhadas de organizar a sala de diferentes formas, para que os alunos convivessem mais uns com os outros sem perturbar o decorrer das aulas, conseguiu-se modificar a sala, colocando as carteiras em cercadura, e algumas no seu interior (remeter para anexo 24).

Inicialmente a gestão do tempo, também foi outra limitação encontrada na realização das atividades propostas. Todavia, a mesma foi encarada, não como um obstáculo, mas sim como um desafio. Sendo assim, quer em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, 1.º ano, foi considerado pertinente a reorganização das atividades, de acordo com as rotinas diárias estabelecidas, respeitando neste último contexto educativo, o horário semanal da turma.

Tal como, profere FERNANDES (2001:34) *“A contínua procura de novos dados, de resolução de problemas, de mudança, faz-se através de um movimento contínuo entre ação e reflexão que exige intervenção, implicação e participação.”* Porém, no 1.º ano, do Ensino Básico, na fase inicial da prática pedagógica, o grupo ainda não tinha interiorizado as regras de saber-estar a sala de aula, o que levou a

uma melhor reflexão do tipo de estilo de liderança a ter perante o grupo, assim como, repensar nas estratégias de ensino/aprendizagem a adotar na sala de aula.

Neste sentido, foi fulcral desenvolver a capacidade de usar diferentes estilos de liderança de forma coerente, de acordo com as situações que se proponham. Por vezes era necessário adotar um estilo diretivo, quando o comportamento dos alunos não era o mais correto em sala de aula, enquanto que, em algumas situações, maioritariamente, foi assumido um estilo participativo como suporte da prática pedagógica, uma vez que a participação do grupo era valorizada, assim como, os seus interesses e decisões, de acordo com os objetivos a alcançar. Desta forma, a didática do ensino, tal como afirma, ESTANQUEIRO (1992:97), não correu o risco de promover a desmotivação dos alunos na aquisição dos seus conhecimentos, imprescindíveis no seu desenvolvimento integral, e nas suas relações afetivas/sociais com os outros (colegas de sala e educador/professor) e consigo mesmo.

Quanto à definição das estratégias, adotadas nas planificações semanais, as mesmas tiveram de ser repensadas, consoante as necessidades, características, conhecimentos e aptidões individuais de cada aluno, de acordo com as atividades que eram propostas. Nas mesmas, eram descritas estratégias de bem-estar na sala de aula, a serem colocadas em prática, que combatessem o comportamento menos aceitável de alguns alunos.

A planificação foi um elemento essencial para a orientação da intervenção educativa, considerando importante tomar como referência os objetivos definidos no Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto, nos Anexos N.º 1 e 2, Parte III), no âmbito da integração do currículo, relativo às Áreas de Conteúdo – Educação Pré-Escolar e às Áreas Curriculares Disciplinares. Na elaboração das mesmas, os objetivos definidos segundo as Metas de Aprendizagem, Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e a Organização Curricular e Programas, foram a base para planificar as diversas atividades a serem propostas ao grupo de crianças/alunos, de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas pelas crianças, as diferentes temáticas e situações imprevistas que podem ocorrer, no processo educativo. Nesta índole, e como a prática educativa era desenvolvida num 1.º ano de escolaridade, eram planificadas atividades de acolhimento/relaxamento, organizando os diversos conteúdos programados das áreas curriculares disciplinares, de forma interdisciplinar (remeter para anexo 18).

Por conseguinte, a seleção dos recursos humanos e materiais (como o quadro interativo), teve que ser apurada e adaptada aos interesses dos alunos e às capacidades dos mesmos. Sendo assim, em algumas situações, houve a necessidade de criar outros recursos materiais, como estratégias, para os alunos que terminavam mais cedo as tarefas propostas, quebrando assim a existência dos “tempos mortos” (remeter para anexo 18). Contudo, no 1.º ano, do Ensino Básico, a dinamização das atividades tinha que se seguir, de acordo com o Plano Curricular, definido pelo Ministério da Educação (Organização Curricular e Programas, 1998:19), limitando por vezes a realização de atividades mais lúdicas, relacionadas com as Expressões Artísticas (Expressão Plástica e Expressão Dramática), assim como, no Ensino Experimental. Contudo, foi possível dinamizar algumas atividades deste género, fomentando assim, a criatividade e as aprendizagens ativas, significativas, socializadoras, diversificadas e integradas no currículo. Também se promoveu o trabalho cooperativo entre os alunos, em pequenos e grandes grupos (remeter para anexos 20 e 34). Sendo assim, foi proporcionado, um ambiente de aprendizagem onde “(...)os educandos tornar-se-ão aprendizes autónomos e independentes, contribuindo para que se sintam confiantes nas suas próprias competências intelectuais, exigindo um envolvimento ativo.” ARENDS, 1995:398).

Na relação pedagógica foi garantida, com o grupo de crianças/alunos, a sintonia de comunicação adulto-educando/educando-adulto/educando-educando, criando assim, um clima de otimismo num ambiente tranquilo e caloroso, com o intuito de captar a atenção do mesmo. O desenvolvimento social, afetivo e emocional das crianças/alunos, foi assim, tidos em consideração, no sentido de promover a qualidade nas relações intergrupais. Por conseguinte, na realização das diversas tarefas propostas, foi gerida a crítica construtivista ao auxiliar cada criança/aluno, a reconhecer as suas dificuldades e motivá-la para proceder melhor na conquista das suas aprendizagens, tal como se define no *Decreto-Lei 241/2001 de 30 de Agosto, Anexo 1, II, ponto 4a*). A mesma atitude foi tomada perante todo o grupo, aquando das repreensões coletivas, por exemplo, na realização de trabalhos de grupo, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento pessoal e social entre os mesmos, assim como, a segurança afetiva e a promoção da sua autonomia.

“No processo de profissionalização podem ser consideradas duas dimensões essenciais: o desenvolvimento de um corpo de saberes e de saberes-fazer e um conjunto de normas e de valores característicos da profissão.” (CARDONA, 2006:35).

CAPÍTULO VI

Considerações finais

Na construção da prática profissional foi considerada pertinente a análise do Decreto-Lei n.º 241/2001, com o intuito de definir objetivos específicos a atingir ao longo do estágio profissionalizante. Neste sentido, pôde-se constatar que o perfil do educador/professor tem de desempenhar o papel de um profissional que deve abranger a consciencialização da sua prática educativa.

Sendo assim, o docente deve utilizar diversos recursos, tais como, instrumentos teóricos, técnicos e práticos que lhe sejam mais precisos para o desempenho da sua prática reflexiva, dando resposta, às exigências com que a escola de hoje é confrontada. Neste sentido, um futuro profissional na educação, deve estimular aprendizagens significativas nos alunos, tendo em conta o seu desenvolvimento integral, enquanto indivíduos e cidadãos, mobilizando conhecimentos, capacidades e atitudes a vários níveis de ensino, exigindo *“sobretudo uma grande capacidade reflexiva, investigativa, criativa e participativa para se adaptar e intervir nos processos de mudança”* (AFONSO e ROLDÃO, 2005:49).

Neste seguimento, a articulação dos parâmetros anteriormente referenciados, contextualizados em perspetivas construtivista, interpretativa e crítica, nos quais os desafios da realidade cultural das escolas se sobrepõem à profissão docente, pressupõem a reestruturação dos saberes. A consciência progressiva das práticas educativas permite, assim, refletir sobre a ação investigativa do processo ensino-aprendizagem.

Futuramente, não sabemos o que nos está reservado, mas é pretendido atingir com eficácia competências que permitirão agir e reagir de forma adequada perante as situações da prática profissional, mobilizando saberes, atitudes e capacidades pessoais, para que a formação contínua se oriente no sentido de uma gestão de sala de aula mais integrada, flexível e participativa, com o intuito de ocorrer *“[...] a transformação dos saberes práticos em saberes comunicacionais”* (ALONSO, 1991:966 citado por *Idem, dem:50*).

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.” (citado por Rubem Alves ESTANQUEIRO, 2010:121)

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Isabel (2001), “*Professor – investigador. Que sentido? Que formação?*”, Revista Portuguesa de Formação de Professores , Volume 1, Número 1, pp. 21-30;
- ALBARELLO, Luc, DIGNEFF, Françoise, HIERNAUX, Jean Pierre et al. (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva Publicações;
- AFONSO, Luisa; ROLDÃO, Maria do Céu (2005), *Ser Professor do 1ºCiclo: Construindo a Profissão*, Coimbra, Edições Almedina;
- ARENDS, Richard I. (1995), *Aprender a Ensinar*, Amadora, Editora McGraw-Hill;
- BELL, Judith (1997), *COMO REALIZAR UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO – Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*, Gradiva;
- CAMPENHOUDT, Luc, QUIVY (1998), Raymond, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva;
- CANAVARO, José Manuel P.; PASCOAL, Patrícia; PEREIRA, Ana Isabel Freitas (2001), *Diferenciação Pedagógica*, Porto;
- CARDONA, Maria João, *Educação de Infância – Formação e Desenvolvimento Profissional*, Chamusca, Edições Cosmos, 2006;
- COSTA, Jorge Adelino (1994), *Gestão escolar – Participação, Autonomia, Projeto Educativo de Escola*, Lisboa, Texto Editora;
- DIOGO, Fernando, VILAR, Alcino Matos(1999), *Gestão Flexível do Currículo*; Edições ASA;
- ESTANQUEIRO, António (2010), *BOAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO – O papel dos professores*, Lisboa, Editorial Presença;
- FELDMAN, Ruth Duskin, OLDS, Sally Wendkos, PAPALIA, Diane E. (2001), *O Mundo da Criança*, McGraw,;
- FERNANDES, Preciosa; GOMES, Lúcia e LEITE, Carlinda (sem data), *GUIAS PRÁTICOS – Projetos Curriculares de Escola e Turma – Conceber, gerir e avaliar*, Porto, Edições ASA.
- FORMOSINHO, Júlia Oliveira (1996), *Coleção Infância - Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, Porto, Porto Editora,
- FOSNOT, Catherine Twomey (1996), *Construtivismo e Educação – Teria, Perspetivas e Prática*, Lisboa, Coleção Horizontes Pedagógicos;
- FREIRE, Paulo (1979), *Conscientização - Teoria a prática da libertação, Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Cortez e Moraes;
- HOHMANN, Mary, WEIKART, David P. (1997), *Educar a Criança*; Fundação Calouste Gulbenkian;
- NOVAES, Maria Helena, (1971), *Psicologia da criatividade*, Brasil, Editora VozesLtdA;
- PERRENOUD, Phillipe (s/data), *10 Novas Competências para Ensinar*, Artmed;
- PIAGET, Jean (1986), *O Nascimento da Inteligência na Criança*, Lisboa, Publicações Dom Quixote;
- SOUSA, Alberto B. (2003), *EDUCAÇÃO PELA ARTE E ARTES A EDUCAÇÃO – Bases Psicopedagógicas - 1º Volume*, Horizontes Pedagógicos;

Legislação:

- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar – Ministério da Educação;
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA (1997), Decreto-lei 5/97 de 10 de Fevereiro – Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, Diário da República: 1ª Série-A, 97-2-10, pp. 4-2/3
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001), Currículo nacional do ensino básico: competências essenciais, Lisboa: DGIDC - Ministério da Educação;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001), Decreto-lei n.º6/2001 de 18 de Janeiro – Novos Currículos do ensino básico, Diário da República: 1ª Série, 2001-1-18, pp. 6-2;
- INAFOP (2001), *Decreto-lei nº 241/2001 de 30 de Agosto – Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo d ensino básico*, Lisboa, Ministério da Educação, p.11-7/8;
- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2004), *Organização Curricular e Programas – 1º ciclo do Ensino Básico*, Lisboa, Ministério da Educação;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2005), Despacho Normativo n.º 1 de 2005 de 5 de Janeiro – Princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências as alunos dos três ciclos do ensino básico, 2005-1-5, pp.13-1/4;
- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2005), Decreto-lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto –Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005-8-30, p. 17-3/4;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2008), Decreto-lei n.º 75/2008 de 22 de Abril, aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, regular e especializado, Diário da República: 1ªSérie, 2008-4-22, pp. 16 – 3/4;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011), Decreto-lei n.º 18/2011 de 2 de Janeiro – Organização Curricular da Educação Básica, Diário da República: 1ª Série, 2011-2-2 ,pp. 11-6/7.

ANEXOS

Anexo 1

Entrevista

A presente entrevista será utilizada somente para a formulação do relatório de estágio, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, sob orientação do Mestre Pedro Ferreira, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

A finalidade da entrevista consiste em compreender a sua opinião relativamente à importância da criatividade implícita nas aprendizagens, do grupo de alunos do 1º ano do Ensino Básico, desenvolvidas em sala de aula

Desta forma, solicito a melhor colaboração, e agradeço que responda a todas as questões de forma objetiva e com sinceridade.

Agradeço a sua participação, garantindo que confidencialidade dos dados fornecidos.

O entrevistador:

Gisela Maria Almeida da Glória

Aluna da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Formação de professores: Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

1. Concorda que a Educação Escolar deve promover aprendizagens que permitam desenvolver a imaginação e a criatividade dos alunos? Explique a sua opinião.

2. Na sua opinião, quais as capacidades que a criatividade pode desenvolver nos alunos?

3. Considera que a pedagogia criativa deve estar presente na elaboração das planificações das atividades? Fundamente a sua opinião.

4. Na sua opinião, qual o papel que o educador/professor deve adotar, quando proporciona experiências de aprendizagem criativas e imaginativas aos alunos?

5. Concorda que no âmbito da Educação Artística, o desenvolvimento das expressões artísticas, implícitas na Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo, são integradas em outras experiências de aprendizagem curricular (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio).

Obrigada pela sua participação!

Anexo 2

Análise das entrevistas distribuídas às professoras do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico

SINOPSE DA ENTREVISTA DAS PROFESSORAS DA SALA DO 1.º ANO

Problemáticas	Entrevista 2		Análise
	Entrevista 1	Entrevista 2	
<p>A opinião acerca do 1º Ciclo do Ensino Básico e a promoção de aprendizagens dos alunos no âmbito da imaginação e da criatividade</p>	<p>“ (...) a Educação Escolar deve promover atividades onde as crianças sejam estimulados a pensar, a refletir, a conceber projetos onde possam usar e desenvolver a sua própria imaginação ”.</p>	<p>“ Na escola é possível promover a criatividade realizando várias atividades que estimulem a imaginação e o pensamento criativo em cada criança. O professor deve estimular a criatividade no contexto escolar, porque os seus alunos são e serão confrontados com uma multiplicidade de situações que lhes vão exigir esta competência.”</p>	<p>De acordo com as respostas das entrevistadas podemos aferir que:</p> <p>A Educação Escolar deve promover atividades que estimulem a imaginação e o pensamento criativo em cada criança. Sendo assim, as crianças são confrontadas com diversas situações que lhes vão exigir competência e capacidade de reflexão.</p>
	<p>O desenvolvimento das capacidades das crianças no âmbito das aprendizagens criativas em contexto sala de aula</p>	<p>“ A criatividade desenvolve essencialmente a imaginação. A imaginação é que permite formar ideias abstratas e está associado à capacidade de criar. Uma criança criativa tem níveis de consciência e</p>	<p>“ (...) a criatividade estimula a inteligência, a segurança e a individualidade de cada criança. Prepara as crianças para serem mais independentes e comunicativas. A criatividade quando se encontra</p>

<p>Relação entre pedagogia criativa e elaboração das planificações das atividades de aprendizagem</p>	<p>atenção maiores do que as demais. Isto dá-lhes uma grande sensibilidade e estão sempre dispostas a descobrir novas possibilidades e buscar novas relações entre as coisas. Estas crianças desenvolvem a capacidade de escrever, o raciocínio, a curiosidade, levando-as a novas descobertas. “</p>	<p>desenvolvida na criança, abre-lhe muitas portas e contribui para melhorar a sua qualidade de vida e a qualidade de vida dos que a cercam.</p>	<p>curiosidade, a comunicação levando-as a novas descobertas.</p>
	<p>“(…) acho que tudo deve ser devidamente planificado, para alcançar os êxitos desejados, e para tal, os seus intervenientes devem estar motivados e conscientes da atividade que vão desenvolver.”</p>	<p>“(…) o professor deve planificar as suas atividades tendo em conta o estímulo da criatividade da criança, porque ela faz parte de uma sociedade complexa, onde lhe será exigido a habilidade para resolver problemas que requerem um tipo de pensamento criativo e flexível, capaz de responder às exigências do dia-a-dia.”</p>	<p>O professor deve planificar atividades que estimulem a criatividade da criança, para alcançar os êxitos desejados. Sendo assim, os educandos devem estar motivados e conscientes das atividades que vão desenvolver, o que deve requerer a habilidade de resolver problemas desenvolvendo um tipo de pensamento criativo e flexível, capaz de responder às exigências do dia-a-dia.</p>

Qual o papel do educador/professor quando promove experiências de aprendizagem criativas aos alunos

“ O professor/educador deve auxiliar e apoiar a iniciativa indo de encontro às necessidades das crianças para resolverem as atividades em que estão inseridas. Deste modo, facilita-se a aprendizagem não só pelo o que lhe é proposto, mas também pela sua inovação e criatividade para resolver e dar seguimento ao sabor da sua imaginação”.

“O professor pode apresentar novos conceitos sob a forma de jogos uma vez que constituem uma forma de cativar e motivar os alunos para realizar determinadas atividades. Embora deva dar liberdade de expressão, no exercício das mesmas, deve demonstrar, aos alunos, que existem algumas regras a cumprir, quer no trabalho individual, quer no trabalho feito em grupo.”

O professor deve apresentar novos conceitos sob a forma de jogos uma vez que constituem uma forma de cativar e motivar os alunos para realizar determinadas atividades.

O mesmo ainda deve apoiar a iniciativa indo ao encontro das necessidades das crianças para resolverem as atividades em que estão inseridas.

A aprendizagem deve ser facilitada, não só pelo o que lhe é proposto, mas também pela sua iniciativa e criatividade para resolver as tarefas com imaginação.

Contudo, o professor também deve alertar os alunos, para o cumprimento das regras de saber-estar na sala de aula, quer no trabalho individual, quer no trabalho em grupo.

<p>Integração das expressões artísticas, implícitas na Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo, nas experiências de aprendizagem curricular - Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.</p>	<p><i>“(...) acho que a Educação Artística deveria estar muito mais integrada nas várias experiências de aprendizagem curricular, porque as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, ajudando-o no desenvolvimento da criatividade e da capacidade de expressão e comunicação.</i></p>	<p><i>“(...) poderia estar ainda mais integrado em todas as experiências da aprendizagem curricular, uma vez que é possível desenvolver atividades dessa natureza quando trabalhos em qualquer área curricular.”</i></p>	<p>A Educação Artística deve estar mais integrada nas várias experiências de aprendizagem curricular, sendo possível desenvolver atividades desta natureza em trabalhos de qualquer área curricular disciplinar e não disciplinar.</p> <p>As artes são elementos fulcrais para o desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, contribuindo assim, para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de expressão e comunicação.</p>
---	---	--	---

Anexo 3

Análise da entrevista distribuídas à educadora da sala dos 3/4 anos

SINOPSE DA ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE DA SALA DOS 3/4 ANOS

Problemáticas	Resposta do entrevistado	Análise
<p>A opinião acerca da educação pré-escolar e a promoção de aprendizagens no âmbito da imaginação e criação</p>	<p><i>“ (...) a educação pré-escolar deve promover aprendizagens para desenvolver a imaginação das crianças, porque isto é fundamental para que as crianças treinem a sua imaginação e aprendam a pensar”.</i></p>	<p>De acordo com as respostas da educadora podemos aferir que:</p> <p>As aprendizagens devem apelar à imaginação das crianças para que as mesmas a treinem de forma a aprender a pensar.</p>
<p>O Projeto Lúdico desenvolvido na sala e o desenvolvimento das capacidades das crianças</p>	<p><i>“(...) o grupo de crianças pôde trabalhar bastantes áreas através deste projeto como trabalhamos a arte dramática, a arte musical, arte culinária e a arte plástica. Nós proporcionámos às crianças a possibilidade de se desenvolverem nestas quatro áreas.”</i></p>	<p>Foi proporcionado ao grupo de crianças trabalhar diferentes áreas do conhecimento através do projecto lúdico desenvolvido.</p>

**Opinião acerca da
realização das atividades como
potenciadoras de aprendizagem
lúdica e inovadora**

“Pelas atividades que surgiram como projeto lúdico da sala foram muito ricas e inovadoras; porque as crianças conheceram alguns pintores; visitaram um museu; reproduziram pintura e fizeram esculturas. As crianças também tiveram oportunidade de construir fantoches; um fantocheiro e de fazer histórias. No que diz respeito à arte culinária fizeram algumas receitas e também trabalharam a matemática como peso, as medidas, etc. O mesmo se passou com a arte musical que para além de conhecerem novos instrumentos, também tiveram oportunidade de construir alguns.”

As atividades que foram promovidas com o projeto lúdico da sala foram diversificadas nas diferentes Artes desenvolvidas, nomeadamente, Arte Dramática, Arte Culinária, Arte Musical e Arte Plástica.

<p>Relação entre pedagogia ativa e elaboração das planificações das atividades</p>	<p><i>“A criatividade esteve sempre presente, isto porque todas as semanas realizávamos as “Assembleias Semanais” e as crianças conversavam sobre o que tinham feito e ainda o queriam fazer mais; as ideias partiam das crianças, por isso eu acho que demos bastante espaço às crianças para elas porem à prova a criatividade delas”.</i></p>	<p>A criatividade foi a base para planificar as atividades, as quais partiam das ideias das crianças, debatidas nas Assembleias Semanais que se realizavam.</p>
<p>Envolvimento do grupo de crianças no desenvolvimento do Projeto Lúdico</p>	<p><i>“ (...) porque o projeto foi muito rico e permitiu que trabalhássemos as quatro áreas distintas [...] e assim todas as crianças tiveram espaço para participarem no desenvolvimento do projeto lúdico.”</i></p>	<p>O trabalho desenvolvido no projeto lúdico da sala, promoveu a participação de todo o grupo, envolvendo-o nas suas aprendizagens e na aquisição de novos conhecimentos, respeitando o espaço de cada criança.</p>

Anexo 4

Análise dos dados: caracterização das famílias das crianças – Sala dos 3/4 ano

Análise dos Dados

Caracterização das famílias dos alunos – 1.º ano

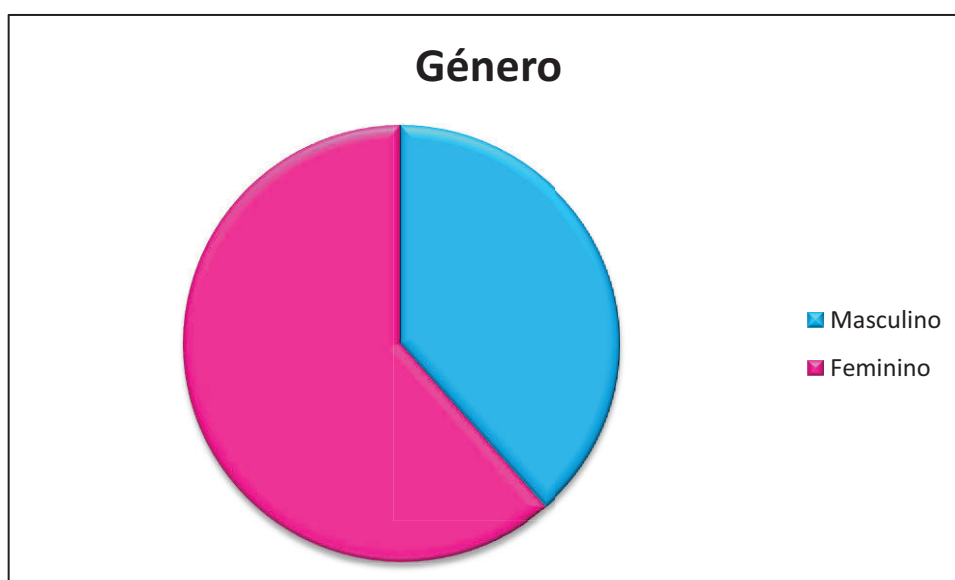
Para a elaboração do projeto Curricular de Turma, do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi necessário proceder à recolha e análise dos dados dos inquéritos por questionários, distribuídos aos pais dos alunos.

Com o tratamento de dados podemos averiguar as seguintes conclusões:

Quanto aos Alunos:

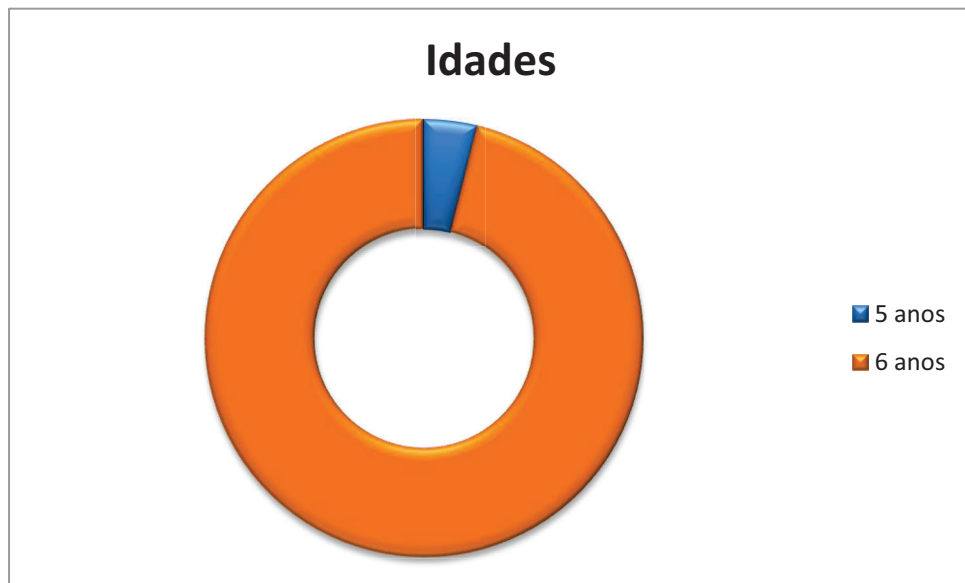
- **Género**

	Género	
	Masculino	Feminino
Número de alunos	10	16



- **Idades**

	Idades	
	5 anos	6 anos
Número de alunos	1	25



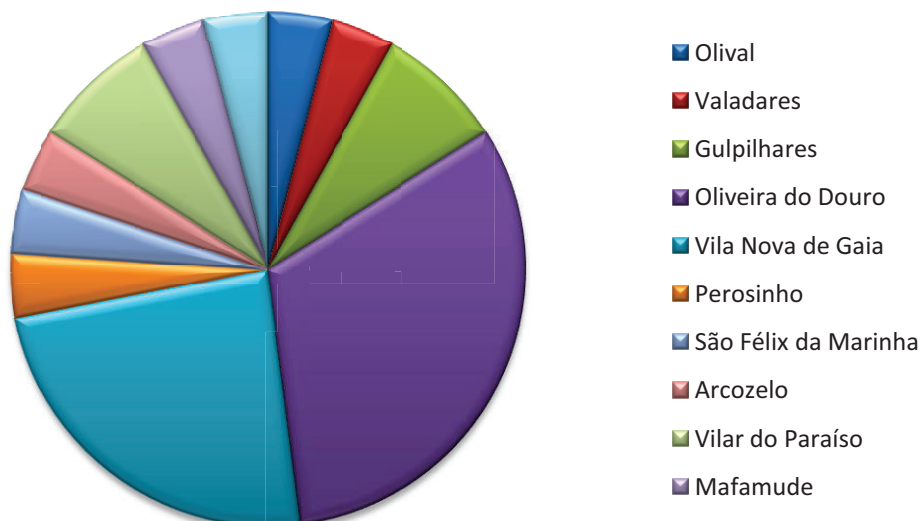
- **Refeições no colégio**

	Dias de Semana				
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Número de alunos	20	20	20	20	20

- Local de residência

Localidades de Vila Nova de Gaia	Número de alunos
Olival	1
Valadares	1
Gulpilhares	2
Oliveira do Douro	8
Vila Nova de Gaia	6
Perosinho	1
São Félix da Marinha	1
Arcozelo	1
Vilar do Paraíso	2
Mafamude	1
Avintes	1
Pedroso	1

Localidades de Vila Nova de Gaia



- **Distância de casa ao colégio**

	Distância de casa à escola			
	1 a 5 Km	6 a 10 Km	Mais de 10 Km	Sem informação
Número de alunos	12	2	6	7

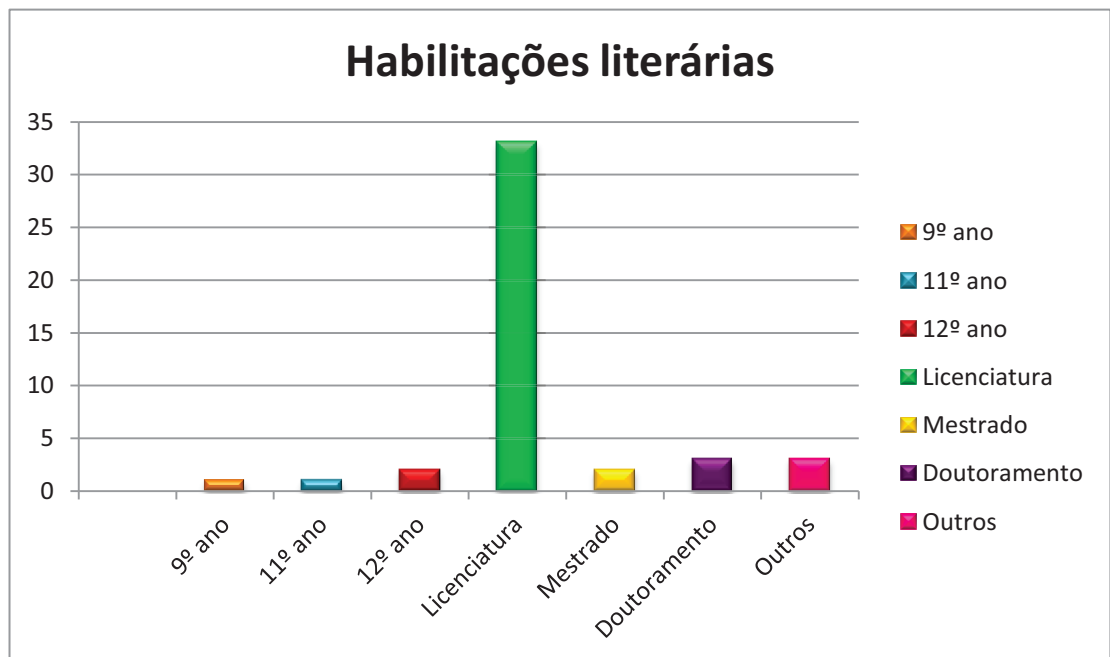
- **Problemas de saúde**

Problemas de saúde	Número de alunos
Rinite alérgica	1
Dermatite atópica - Asma	1
Alergias	1
Amigdalites	1
Convulsões febris	1

Referente aos Pais dos alunos:

- Habilitações Literárias

Habilitações Literárias	Número de pais
9º ano	1
11º ano	1
12º ano	2
Licenciatura	33
Mestrado	2
Doutoramento	3
Outros	3



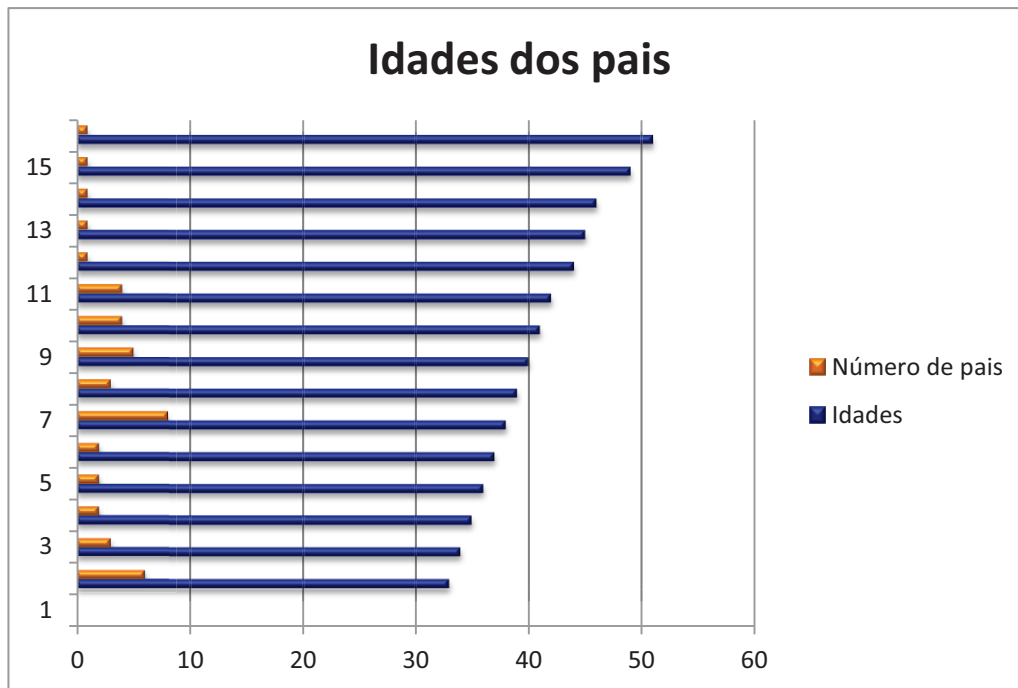
- **Profissão**

Profissão dos pais	
Profissão	Número de pais
Gestor(a)	3
Professor(a)	11
Engenheiro civil	1
Farmacêutica	1
Engenheiro(a)	3
Enfermeira	1
Economista	1
Administrativa	1
Solicitador	1
Procurador adjunto	1
Bancário	1
Advogado(a)	3
Médico dentista	1
Psicólogo clínica	1
Gerente	1
Delegado comercial	1
Responsável de exportação	1
Consultor	1
Empresário(a)	3
Delegado enfermagem	1
Técnica de saúde	1
Técnico de hardware	1
Educadora infantil	1
Dirigente/Inspetor da Segurança Social	2

Dona de casa	1
Técnica de ótica	1

- **Idade**

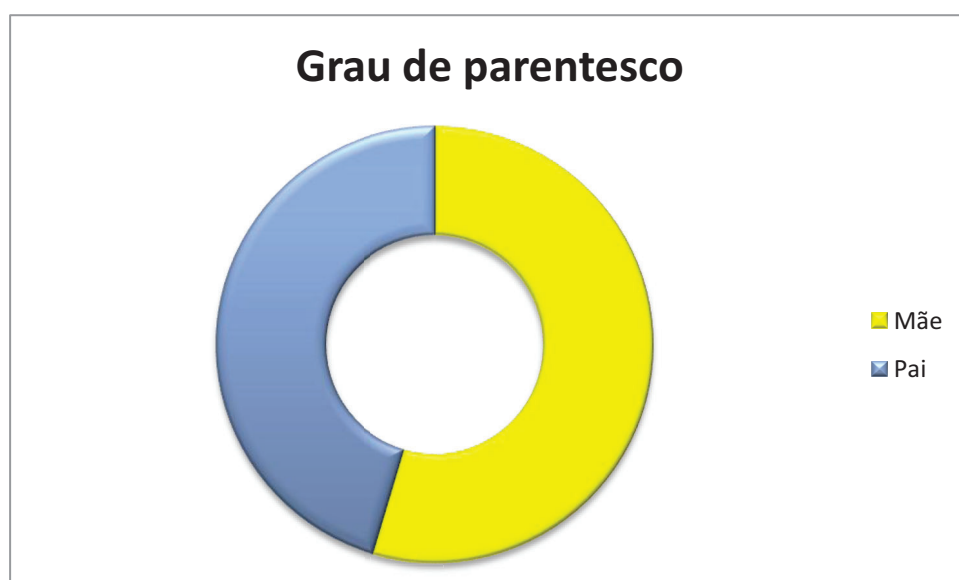
Idades	Número de pais
33	6
34	3
35	2
36	2
37	2
38	8
39	3
40	5
41	4
42	4
44	1
45	1
46	1
49	1
51	1



- Encarregados de Educação

- Grau de parentesco

Grau de parentesco	Número
Mãe	24
Pai	20



Anexo 5

Registo de Observação

Incidente crítico

Nome da criança: LL

Observadora: Estagiária

Idade: 4 anos

Data: 28-2-2011



Descrição:

Na finalização da decoração dos bonecos, a criança LL, comentou de forma graciosa a mesma dizendo:

- “A menina está mesmo giríssima e chiquíssima. Estas roupas ficam-lhe mesmo bem. Fomos nós que escolhemos as roupas, temos mesmo bom gosto.”

Comentário:

A criança LL descreve ações, relembrando atividades anteriores realizadas, partilhando com todo o grupo a informação oralmente através de frases coerentes.

Contudo, também critica construtivamente, de forma autónoma, o trabalho desenvolvido pelo grupo.

Anexo 6

Registo de Observação

Incidente crítico

Nome da criança: DD

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 21-3-2011



Descrição:

Enquanto brincavam nas áreas da sala, a criança DD dirigiu-se à área da biblioteca e pegando na história “Boris”, disse:

- “Meninos vou ler a história do Boris que a Gisela nos leu, querem ouvir?”

Algumas das crianças aceitaram a proposta, sentando-se imediatamente na manta.

-“Vou começar estejam atentos...Era um vez um monstinho que era muito meiguinho e só queria brincar. Querem ver como ele é meiguinho? (enfando a mão no fantoche, e imitando os mesmos gestos que a estagiária tinha feito anteriormente quando lhes contou a história)...entretanto o monstinho foi brincar para o parque onde andou de trotinete...mas não pode ir para o escorrega porque era muito grande...e ficou triste porque ninguém queria brincar com ele...mas nós queremos não é? (imitando os mesmos gestos, passando agora por cada criança para que as mesmas fizessem uma festinha no Boris, tal como a estagiária tinha feito). Certo dia foi sair e apareceu-lhe um cão, que lhe saltou para cima para o morder, mas o Boris só lhe queria dar beijinhos...ela dá beijinhos querem ver? (dirigiu-se aos seus colegas e com o fantoche começou a fazer de conta que era ele que estava a dar beijinhos aos seus colegas). Estão a ver...o Boris é muito nosso amigo...é como nós devemos ser uns para os outros” ”

Comentário:

Através desta improvisação realizada pela criança podemos averiguar que a mesma questiona os seus colegas com o intuito de obter informação que lhe interessa, neste caso, para o reconto de uma história já contada por mim.

De acordo com o escutou da história, anteriormente lida por mim, já é capaz de narrar a história, adaptando-a às imagens que ia observando, com uma sequência apropriada, incluindo as principais personagens (Monstrinho Boris e o cão). Também já é capaz de descrever as principais ações da história, recriando gestos que anteriormente observou, aquando a história foi lida ao grande grupo.

Anexo 7

Registo de Observação – Portefólio individual da criança

Data da situação: 21-2-2011

Data de registo: 21-2-2011

Tipo de registo: Fotográfico

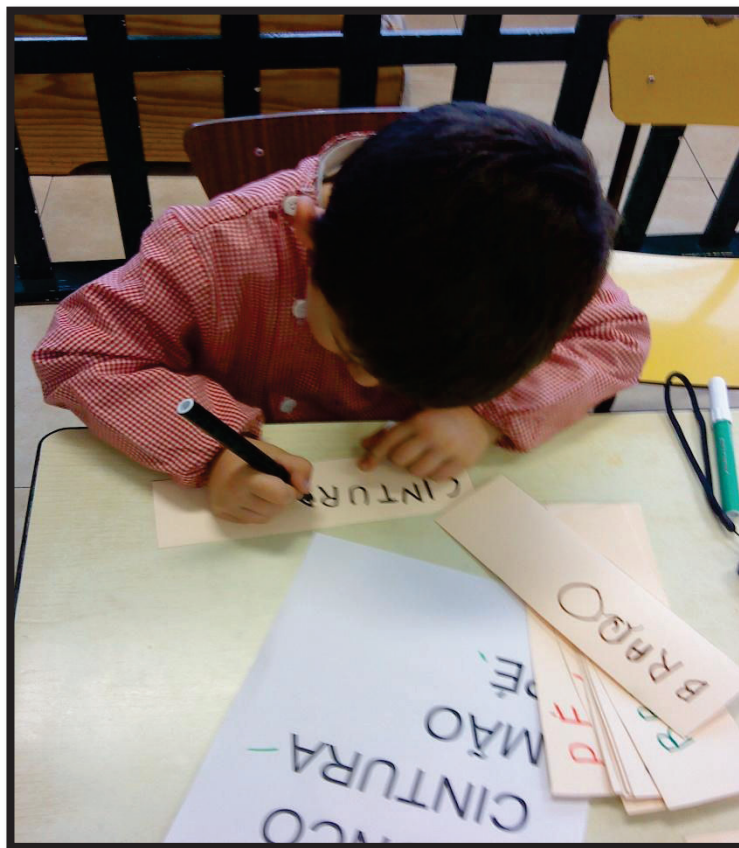
Seleção realizada por: Criança

Contexto: Atividade – Transcrição em papel do nome das partes do corpo

Área de conteúdo:  Expressão e Comunicação

 Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à escrita

 Domínio: Matemática



Comentário da estagiária:

No contexto de uma atividade, foi solicitado ao grupo de crianças a transcrição em papel dos nomes da parte do corpo.

No entanto, o Hugo, pediu voluntariamente para realizar a atividade.

No decorrer da mesma, a estagiária questionou a criança acerca da atividade que a mesma estava a realizar:

Estagiária: “Qual é a letra que estás a escrever?”

HV: “É o «U»”

Estagiária: “E a seguir, qual é a letra que tens de escrever?”

HV: “É o «R»”

Estagiária: “Muito bem!”

HV: “Eu sei quais são as letras que escrevi. Queres ver? (Indicando com o dedo) ...”É a letra C, I, M, T, U, R, A”

Estagiária: “ E quantas letras tem a palavra que escreves-te?”

HV: “(Contando uma a uma) 1,2,3,4,5,6,7... Tem sete letras.”.

Na realização da atividade, pude observar que a criança, já consegue isolar letras, transcrevendo corretamente a palavra, demonstrando que já sabe onde começa e acaba uma palavra.

De acordo com a observação, verifiquei que a criança ainda confunde a letra «N» com a letra «M».

Na contagem, o Hugo ainda indica o número de letras contando uma a uma, para formar um conjunto.

Comentário da criança:

“Aqui «tava» a escrever uma palavra para depois tu colocares nos bonecos que temos colados à parede, para dizer o nome do corpo.”

Indicadores de aprendizagem:

- Sabe onde começa e acaba uma palavra;
- Sabe isolar uma letra da outra;
- Conhece algumas letras;
- Distingue letras de números;
- Identifica algumas letras maiúsculas;
- Produz letras maiúsculas;
- Conta quantos objetos têm uma dada propriedade;
- Reconhece os números como identificação do número de um conjunto.

Anexo 8

Registo de Observação

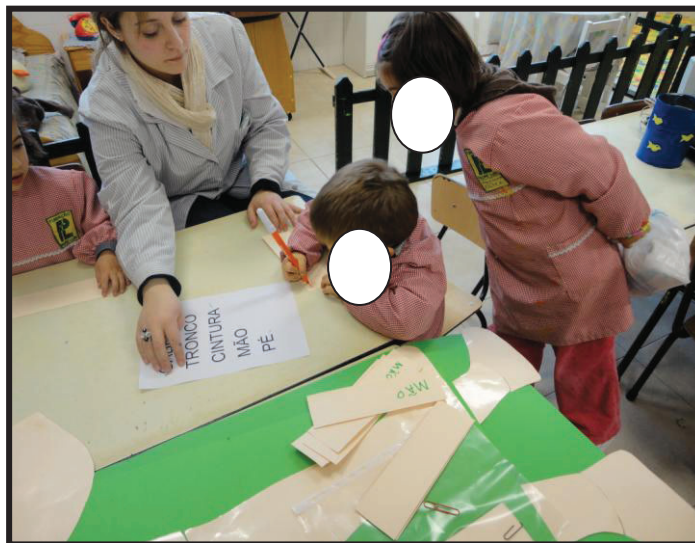
Incidente crítico

Nome da criança: MA

Observadora: Estagiária

Idade: 5 anos

Data: 21-2-2011



Descrição:

Na realização da atividade, transcrição em papel do nome das partes do corpo, enquanto a criança LL a executava, juntamente com a ajuda da estagiária, a criança MA aproximou-se e ao observar o que seu colega estava a fazer comentou:

-“A letra que ele está a escrever é um “T” e é a letra do nome do meu primo que se chama Tiago.”

Comentário:

A criança MA através da escrita já consegue identificar algumas letras, nomeadamente a letra “T”, relacionando-a com o nome de outras pessoas, neste caso de uma familiar seu, “Tiago”.

Anexo 9

Registo de Observação

Incidente crítico

Nomes das crianças: CN, IP, LM, RV

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 14-2-2011



Descrição:

Enquanto brincavam na área da casinha, as crianças CN, IP, LM e RV, interagem espontaneamente umas com as outras numa atividade de faz-de-conta, dramatizando uma situação do quotidiano, recriando experiências da vida familiar.

No decorrer da mesma, a CN em discussão com os outros definiu os papéis:

- “ O RV é o pai, eu sou a mãe, a IP e a LM são nossas filhas.”
- “Sim!” – concordaram todas.
- _ “ E agora que vamos fazer?” – questionou o Rafael

- “ Vamos fazer de conta que vamos jantar em casa, a CN que é a mãe faz a comida e tu vais trabalhar para o escritório como faz o meu pai.” – disse a LM.

- “O jantar hoje vai ser massa com carne?” – disse a CN

- “Hum, mãe que bom! Gosto muito dessa comida.” – disse a IP

-“Bem minhas filhas, vou trabalhar para o meu escritório! Tenho muita coisa que fazer. Quando to jantar estiver pronto chamem-me” – proferiu o RV

- “ Está bem marido, não te preocupes!” – disse a CN

Depois de a criança fazer de conta que ia trabalhar, a LM e a IP chamou-o:

- “Pai vamos comer, a mãe já disse que estava pronto.”

-“ Já vou!” – disse o RV

No final sentaram-se todos na mesa e fizeram de conta que estavam a jantar.

Comentário:

Tendo em conta a análise do discurso que foi utilizado pelas crianças posso constatar que as mesmas interagiram umas com outras recriando situações do quotidiano, nomeadamente, a hora de jantar (única refeição do dia que passam com os seus pais), recriando também o espaço (escritório e a cozinha) e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos.

Contudo, antes de dramatizarem a situação, inventaram por iniciativa própria personagens, discutindo a sua atribuição. Todas as crianças concordaram com a mesma, e participaram no planeamento (inventariação de tarefas e materiais) no desenvolvimento da dramatização.

Anexo 10

Registo de Observação

Incidente crítico

Nome das crianças: LM

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 25-5-2011



Descrição:

No decorrer das atividades livres, a criança LM enquanto explorava o jogo das figuras geométricas, chamou a estagiária dizendo com grande entusiasmo:

-“Gisela eu sei quais são estas figuras geométricas!”

-“Diz-me então quais são?” – proferiu a estagiária.

-“São o quadrado e o triângulo.” – disse a LM.

-“E quantos quadrados e triângulos tens aí contigo?” – questionou a estagiária.

-“Tenho dois quadrados e um triângulo.” – respondeu a criança.

Comentário:

Tendo em conta este registo, podemos averiguar que a criança LM já adquire o conceito de figuras geométricas, identificando-as corretamente, assim como, o conceito de conjunto, indicando acertadamente o número total de quadrados e triângulos que tinha na sua posse.

Anexo 11

Registo de Observação

Data de situação: 12-3-2011

Data de seleção: 12-3-2011

Tipo de registo: Incidente crítico

Intervenientes: Estagiária e criança

Contexto: Atividades livres

Área de conteúdo: Expressão e Comunicação



Descrição:

No final das atividades livres, depois de arrumarem os materiais e a sala, a criança dirigiu-se à estagiária e disse:

- “Está giro?”

- “Sim está muito giro. O que é que desenhas-te?” – perguntou a estagiária.

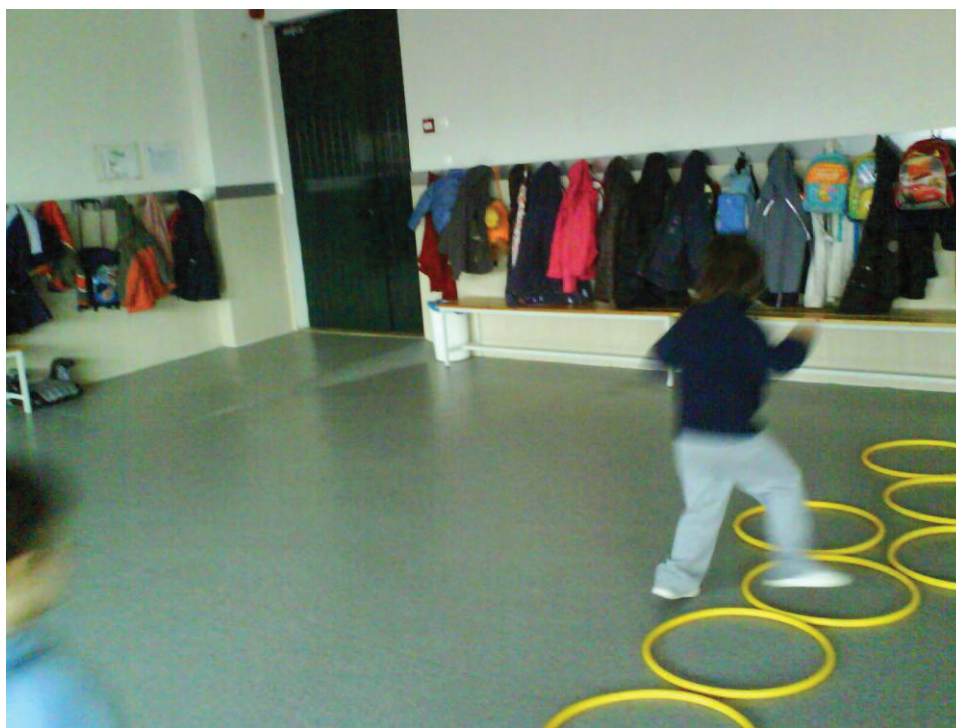
- “Desenhei o “LA”, com o cabelo em pé, como ele veio hoje...e também desenhei a casa dele e uma árvore de Natal porque nós gostamos muito do Natal”. – respondeu a criança HV.

- “Muito bem. E agora vais guardar isso na tua gaveta?” – questionou a estagiária.

- “Sim, vou...para eu depois lhe mostrar.” – proferiu o HV.

Anexo 12

Criança a realizar um exercício na sessão de movimento: Jogo da Macaca (Esquema corporal)



Anexo 13

**Criança a realizar um exercício na sessão de movimento:
Estruturação Espacial**



Anexo 14

Criança a realizar um exercício na sessão de movimento:
Lateralidade



Anexo 15

Registo de observação

Descrições Diárias

Nome da criança: CM

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 17-2-2011



Descrição:

No seguimento da atividade proposta pela estagiária, **Construção e exploração das partes do corpo humano**, ao qual consistia identificar as diferentes partes do corpo humano, nomeadamente, cabeça, tronco, braços, pernas e pés.

Quando solicitei a participação das crianças para a realização da mesma, a criança CM demonstrou entusiasmo ao querer participar, dizendo:

-“Eu sei qual é essa parte do corpo?”.









-“Diz-me então qual é CM!” – motivou a estagiária



-“ É a perna.” – respondeu a CM

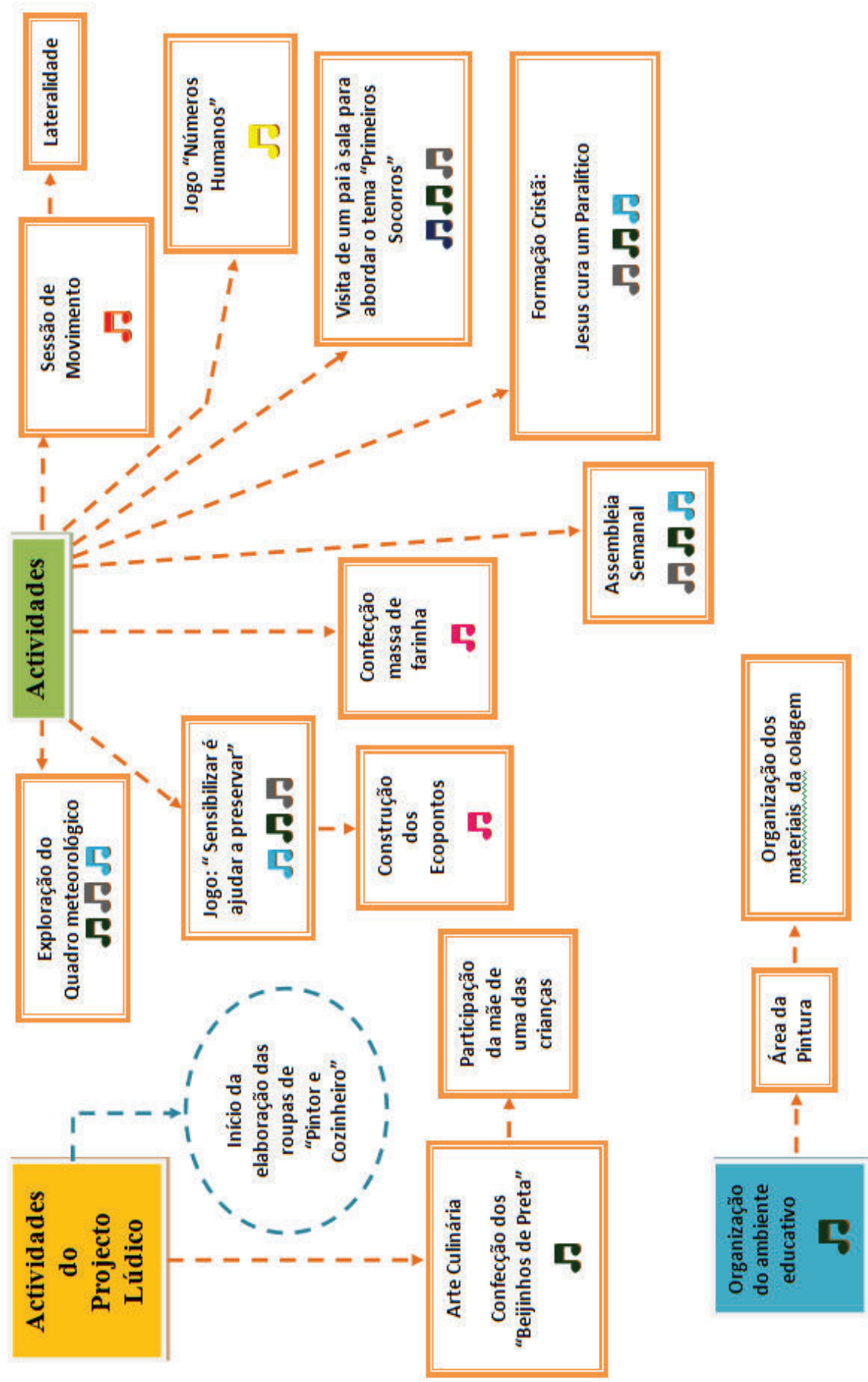
Anexo 16

Exemplo de uma planificação elaborada de acordo com os interesses e necessidades das crianças

Legenda

Áreas de Conteúdo	
	Expressão Motora
	Expressão Dramática
	Expressão Plástica
	Expressão Musical
	Domínio da linguagem Oral e abordagem à escrita
	Domínio da Matemática
	Área de Formação Pessoal e Social
	Área de Conhecimento do Mundo
	Área de Expressão e Comunicação

Actividades propostas pelas crianças	
Actividades propostas pela educadora/estagiária	



Planificação Semanal

		Semana: 28/4/2011 a 1/4/2011	
		Sala: 3/4 anos	
		Número de crianças: 20 crianças	
Intenções pedagógicas		Recursos materiais	Recursos humanos
<p>Exprimir opiniões pessoais, em situações de experimentação/criação e de fruição;</p> <p>Responder, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente;</p> <p>Questionar para obter informação sobre algo que lhe interessa;</p> <p>Relatar experiências;</p> <p>Descrever acontecimentos com sequência;</p> <p>Expressar as suas ideias, para criar e recriar atividades;</p> <p>Utilizar, de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão para recrear vivências individuais, temas, histórias, entre outro;</p> <p>Encarregar-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma.</p> <p>Demonstrar confiança em experimentar actividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar;</p>		<p>Farinha</p> <p>Quadro meteorológico</p> <p>Chocolate</p> <p>Coco</p>	<p>Educadora cooperante</p> <p>Auxiliar da Ação Educativa</p> <p>Estagiária</p> <p>Crianças</p>

<p>Conhecer e praticar normas básicas de saúde; Identificar elementos do ambiente natural (exemplos: estados de tempo; Descrever a importância da separação dos resíduos sólidos domésticos, identificando os materiais a colocar em cada um dos ecopontos; Realizar percursos que integrem várias destrezas em posições diferentes, nas principais direções e nos dois sentidos; Reconhecer a importância de viver o tempo da Quaresma.</p>		
--	--	--

Anexo 17

Exemplo de uma planificação para o 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada em conjunto com o par pedagógico.

Estagiárias: **Juliana e Gisela**

Supervisor de Estágio: Mestre Pedro Ferreira

Orientador
Cooperante:

Ano: 1º

Turma: B

Nº de alunos: 26

Data: 2 de Novembro de 2011

Tema: Halloween

Duração Total: 30
min.

Áreas Disciplinares	Conteúdos	Objetivos	Atividade/Estratégias	Recursos	Duração
Língua Portuguesa	Bloco1 – Comunicação Oral 3.Desenvolver a capacidade de	◆ Identificar intervenientes em contos orais; ◆ Identificar o tema	Orientação: Estagiárias Juliana e Gisela TEATRO DE FANTOCHES – A Bruxa Amélia Explorando as diferentes técnicas do	Humanos: ◆ Professora; ◆ Estagiárias; ◆ Alunos.	Aprox. 30 min.

	retenção da informação oral	principal de uma história, contada oralmente.	<p>teatro de fantoches, as estagiárias irão apresentar para os alunos a história “A Bruxa Amélia”, recriada pelas mesmas, com o intuito de celebrar o Halloween.</p> <p>Primeiramente, serão apresentadas novamente as regras de saber estar perante uma forma lúdica, utilizando para esse fato um fantoche, uma bruxa.</p> <p><u>Regras:</u> - Estar em silêncio; - Não sair do lugar; - Escutar com atenção; - Participar quando solicitado.</p> <p><u>Organização da Turma:</u> Os alunos são dispostos pela mediateca em “meia lua”, de forma a que consigam visionar sem quaisquer tipos de entaves, a apresentação.</p>	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Fantocheiro; ◆ Fantoches; ◆ Sons; ◆ Computador; ◆ Colunas. 	
--	-----------------------------	---	--	---	--

			<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none">◆ Apresentação das regras de comportamento recorrendo a fantoches. <p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none">◆ Representação da história, “A Bruxa Amélia”, apresentada através do teatro de fantoches, no caderno diário, em banda desenhada.	
--	--	--	---	--

Anexo 18

Exemplo de uma planificação para o 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada individualmente.

Estagiária: Gisela Glória

Supervisor de Estágio: Mestre Pedro Ferreira

Orientador
Cooperante:

Ano de Escolaridade: 1º

Turma: B

Nº de alunos: 26

Data: 3 de Dezembro de 2012

Tema: Aprender a explorar...

Duração Total: Tarde

Áreas Disciplinares	Conteúdos	Objetivos	Atividade/Estratégias/Regras/Avaliação	Recursos	Duração
Língua Portuguesa	Bloco 1 – Comunicação Oral 2.	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Interpretar a informação oral que lhe é transmitida; ◆ Escutar com atenção. 	<p><u>Relaxamento/Acolhimento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Diálogo com os alunos sobre a época natalícia que passaram com a sua família; ◆ Hora do conto: “<i>Livro com Cheiro a Caramelo</i> – <i>Cheiro a Caramelo</i>” de Alice Vieira. 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Professora; ○ Estagiárias; ○ Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ História “<i>Livro com cheiro a caramelo</i> – 	<p>Ap rox. 10 min.</p>

	Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral			<p><i>Cheiro a Caramelo</i>” de Alice Vieira, em PowerPoint;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Computador; ○ Projetor; 	
<p>Língua Portuguesa</p>	<p>Bloco 1– Comunicação Oral</p> <p>2.</p> <p>Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Ler palavras simples; ◆ Ler frases simples; ◆ Reconhecer palavras em frases simples; ◆ Experimentar diferentes tipos de escrita na concretização de atividades em curso (escrita de palavras com letras já 	<p><u>Atividade 1</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ “<i>Vamos ler com a avó da Raquel e do Samuel</i>” – PowerPoint com diversas palavras e frases para serem lidos por todos os alunos; ◆ Resolução de uma ficha de trabalho com a cópia das frases exploradas no PowerPoint “<i>Vamos ler com a avó da Raquel e do Samuel</i>”. 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Professora; ○ Estagiárias; ○ Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Power Point – “<i>Vamos ler com a avó da Raquel e do Samuel</i>”; ○ Fotografias dos alunos; ○ Saco preto; ○ Computador; ○ Projetor; ○ Ficha de trabalho; 	<p>Ap rox. 45 min</p>

	<p>Bloco 2– Comunicação Escrita</p> <p>2.Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura</p>	<p>aprendidas: “P”, “T”, “D”, “L”, “M”, “C”, “V”; vogais e ditongos).</p>			
<p>Bloco 1 – Números e Operações</p> <p>Bloco 2– Forma e</p>	<p>◆ Efetuar contagens de adição e subtração;</p> <p>◆ Decompor números em somas e subtrações;</p> <p>◆ Utilizar a respetiva</p>	<p>◆ Efetuar contagens de adição e subtração;</p> <p>◆ Decompor números em somas e subtrações;</p> <p>◆ Utilizar a respetiva</p>	<p><u>Atividade 2</u></p> <p>◆ Apresentação de um PowerPoint , intitulado por “<i>A Raquel aprendeu que...</i>” ; onde contem diferentes conteúdos já abordados anteriormente e exercícios de revisão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ Efetuar contagens de adição e subtração; ➢ Ordem crescente; ➢ Ordem decrescente; 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Professora; ○ Estagiárias; ○ Alunos. <p>Materiais:</p>	<p>Aprox. 40 min</p>

<p>Matemática</p>	<p>Espaço (Iniciação à geometria)</p>	<p>simbologia $>$, $<$, $=$;</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Escrever os números por ordem crescente e decrescente; ◆ Reconhecer figuras geométricas em diversas posições; ◆ Reconhecer as peças dos <i>Blocos Lógicos</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Utilizar a respetiva simbologia $>$, $<$, $=$, das relações entre números; ➤ Blocos Lógicos. <p>◆ Resolução de fichas de trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Power Point- “<i>A Raquel aprendeu que...</i>” sobre revisões de conteúdos já abordados; ○ Computador; ○ Projetor; ○ Fichas de trabalho; 	
<p>Estudo do Meio</p>	<p>Bloco 1– À descoberta de si mesmo 5. A Segurança do seu corpo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Conhecer normas de prevenção de acidentes domésticos; ◆ Aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos; ◆ Conhecer os cuidados a ter com objetos e produtos perigosos 	<p><u>Aktividade 3</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Recurso ao PowerPoint “<i>O Samuel avverte... Vamos tomar cuidado!</i>”: ➤ Exploração e prevenção de situações de perigo em casa (Acidentes domésticos); ➤ Exploração dos sinais de perigo (Perigo de eletrocussão; Explosivo; Inflamável; Tóxico e Nocivo); <p>◆ Jogo didático sobre os sinais que indicam</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Professora; ○ Estagiárias; ○ Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ PowerPoint - “<i>O Samuel avverte... Vamos tomar cuidado!</i>”; ○ Placar : 	<p>Ap rox. 2 horas</p>

		<p>(cortantes, contundentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos);</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Conhecer os cuidados a ter com a eletricidade; ◆ Conhecer a sinalização relativa à segurança (venenos, eletricidade...). 	<p>perigo em produtos/equipamentos;</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Resolução dos exercícios do manual de Estudo do Meio da página 29; ◆ Recurso ao PowerPoint “A Sara averte... Vamos tomar cuidado!”: <ul style="list-style-type: none"> ➢ Cuidados a ter com a eletricidade e medidas de prevenção a serem tomadas; ◆ Resolução dos exercícios do manual de Estudo do Meio das páginas 30; ◆ Entrega de um folheto informativo para cada aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Nomes dos sinais que indicam perigo de eletrocussão; Explosivo; Inflamável;; Tóxico; Nocivo/Irritant e); ✓ Símbolos; ✓ Exemplos reais de objetos; ✓ Imagens de exemplos de produtos/equipamentos do quotidiano ○ Manual de Estudo do Meio; ○ 26 folhetos informativos.
--	--	---	--	---

Descrição das atividades – Plano de Aula

Relaxamento/Acolhimento

Inicialmente, a estagiária dialoga com os alunos sobre época natalícia que passaram com a sua família, para proporcionar aos alunos um ambiente acolhedor.

Seguidamente, a estagiária refere que uma menina chamada *Raquel*, também passou o Natal com a sua família, preparando com a ajuda da sua tia os doces, sendo um deles um delicioso Pudim de caramelo. Posteriormente, apresenta ao grupo, com o recurso ao *PowerPoint*, o conto “*Cheiro a Caramelo*” de Alice Vieira, dando continuidade o que fora referido anteriormente.

A estagiária realiza a leitura do conto, com recurso ao *PowerPoint*, demonstrando as imagens do mesmo, proporcionando um bom ambiente de aula, com o intuito de motivar os alunos para as suas aprendizagens,

Estratégias:

- Preparação do ambiente da sala (meia-luz na sala; solicitar aos alunos que sobreponham a cabeça nas suas carteiras e que escutem com atenção a história);
- Posteriormente à apresentação do conto, dialogar com os alunos sobre o tema do mesmo, questionando-os.

Regras:

- Saber escutar com atenção; Saber estar em silêncio.

1ª Atividade

Dando continuidade ao relaxamento, a estagiária inicia a leitura de palavras e frases, com as letras já abordadas (“T”, “P”, “D”, “L”, “M”, “C”, “V”), intitulado como “*Vamos ler com a avó da Raquel e do Samuel*”, com recurso ao PowerPoint, da sua autoria.

Neste sentido, em sua pose, a estagiária tem um saco preto que contem as fotografias dos alunos, que vai tirando à sorte. A fotografia que sair, designa o aluno que irá ler as palavras/frases do PowerPoint. Contudo, é importante referir que as frases são de diferentes graus de dificuldade, para que as aprendizagens dos alunos sejam individualizadas, considerando as diferentes dificuldades/potencialidades de cada um.

Com o intuito de facilitar todo este processo de aprendizagem, em cada slide só surgirá uma frase completa, destinada apenas a um aluno, de forma a facilitar a sua compreensão. O objetivo desta atividade é averiguar quais os alunos que ainda revelam dificuldades na leitura das palavras com as letras já aprendidas, de forma a dar continuidade ao trabalho que fora realizado no período letivo anterior.

No decorrer desta atividade, enquanto um dos alunos realiza a leitura da frase, os outros copiam-na para uma ficha de trabalho, que fora inicialmente entregue pela estagiária.

No final desta atividade, é distribuído pelos alunos uma ficha de trabalho, onde estão presentes diversos exercícios, de forma a consolidar os conteúdos anteriormente lecionados (ditado mudo, escrita de palavras através de desenhos, escrita de frases inventadas pelos alunos) para que os alunos desenvolvam a capacidade de escrita, insistindo mais em palavras com as letras “C”/ “V”, últimas letras aprendidas.

Estratégias:

- Relembrar sempre que necessário, as regras de bem-estar na sala de aula;
- Manter contato visual com os alunos;
- Respeitar o ritmo de trabalho de cada aluno;
- Projetar a ficha de trabalho no quadro interativo, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão por todos os alunos, da sua resolução;
- Incentivar os alunos nas suas aprendizagens através do reforço positivo;

- Propor aos alunos, que acabarem primeiro os trabalhos solicitados, elaborar uma ilustração sobre o Natal que passaram com a sua família.

Avaliação:

De forma a avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, a estagiária usará como instrumento de avaliação a grelha de observação da leitura utilizada anteriormente, no 1º período letivo, de forma a consolidar algumas lacunas observadas. Neste sentido, a avaliação dos alunos será elaborada, tendo em conta a leitura das palavras iniciadas pelas letras “P”, “T”, “D”, “L”, “M”, “C”, “V”; assim como, pelo reconhecimento dos ditongos com elas formados.

A avaliação da escrita, com recurso a uma grelha de avaliação, já utilizada em avaliações anteriores, também será outra forma de avaliar as aprendizagens dos alunos, de forma a averiguar a progressão dos alunos nas suas aprendizagens.

2ª Atividade

Visto que é fulcral consolidar os conteúdos que foram abordados anteriormente, no 1º período letivo, a estagiária apresenta um PowerPoint, intitulado por “*A Raquel aprendeu que...*”; onde contem exercícios de revisão de diferentes conteúdos programáticos, nomeadamente: efetuar contagens de adição e subtração (com recurso a situações problemáticas); ordem crescente e decrescente; utilizar a respetiva simbologia $>$, $<$, $=$, das relações entre números; e *Blócos Lógicos*.

No final desta atividade, é proposto que os alunos realizem uma ficha de trabalho, contendo, exercícios de revisão.

Estratégias:

- Relembrar sempre que necessário as regras de bem-estar na sala.
- Manter um nível linguístico e cognitivo adequado ao nível de todo o grupo, para que as crianças compreendam o que lhes é proposto, tendo em consideração as características individuais de cada aluno;
- Projetar a ficha de trabalho no quadro interativo, de forma explicar a sua resolução, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão por todos

os alunos;

Avaliação:

Os alunos serão avaliados através das dificuldades/potencialidades observadas pela estagiária na resolução das fichas de trabalho e dos exercícios do livro de fichas de matemática. Também será utilizado uma grelha de observação, de forma a averiguar a progressão dos alunos.

3ª Atividade

No período da tarde, após ser proporcionado um bom ambiente de aula, a estagiária começa por apresentar, com recurso ao PowerPoint, intitulado “*O Samuel adverte... Vamos tomar cuidado*”, situações de perigo que podem ocorrer em casa. Posteriormente, em diálogo com os alunos, a estagiária explora-as consolidando medidas de prevenção que devem ser tomadas nestes casos.

Seguidamente, nomeia que em casa ou em situações do nosso quotidiano podemos encontrar produtos/equipamentos que são considerados perigosos para a nossa saúde/segurança, que são identificados com símbolos (Perigo de electrocussão; Explosivo; Inflamável; Tóxico e Nocivo/Irritante). Neste sentido, a estagiária propõe aos alunos que a ajudem a completar um quadro, “*Para a nossa segurança*”, em que consiste, que identifiquem corretamente os nomes com os sinais que indicam o seu respetivo perigo, assim como, exemplos de objetos reais e imagens que os identificam em produtos/equipamentos do nosso quotidiano (**Electrocussão**: Fio de electricidade/imagem de uma caixa de electricidade; **Explosivo**: Tubo de ensaio/imagem de foguetes; **Inflamável**: frasco de álcool/imagem das gasolneiras; **Tóxico**: Caixa de remédios/Frasco; **Nocivo ou Irritante**: lixívia/imagem produtos de limpeza).

No final desta atividade, os alunos resolvem o exercício da página 29 do manual de Estudo do Meio, para consolidar as suas aprendizagens.

Posteriormente, a estagiária ainda aborda, muito sucintamente, situações de perigo com a electricidade, com recurso ao PowerPoint, apresentando a situações de perigo que devem ser evitadas. Em diálogo com o grande grupo, comenta as mesmas, propondo medidas de prevenção a serem tomadas em caso de acidente. Seguidamente, realizam os exercícios da página 30 do manual de Estudo do Meio.

Por último, será entregue às crianças um folheto com algumas medidas de prevenção, a ser encaminhado aos pais.

Estratégias:

- Relembrar as regras da sala de aula;
- Explicar sucintamente em que consiste as atividades para que as mesmas sejam compreendidas por todo o grupo;
- Projetar os exercícios do manual de estudo do meio no quadro interativo, de forma a auxiliar os alunos na sua realização.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela resolução dos exercícios do manual de estudo do meio, assim como, pela sua participação nas diversas atividades propostas.

Anexo 19

Exemplo de uma atividade planificada, contendo estratégias de intervenção educativa, com o intuito de as colocar em prática em sala de aula.

◆ 1ª Atividade - “Hora da leitura da Mara” (Planificação – Dia 28/11/2011)

Posteriormente à “Hora do conto”, a estagiária inicia a “Hora da leitura da Mara”.

Inicialmente, a estagiária distribui a cada aluno um quadrado, sendo estes de diversas cores. Seguidamente, projeta um PowerPoint realizado por si, onde consta, em cada slide uma cor de fundo (no total vinte e seis) diferente, correspondente às que foram anteriormente distribuídas pelo grupo. Sendo assim, quando aparecer a cor de fundo igual à cor do quadrado de um aluno, o mesmo terá de ler as palavras ou as frases que lhe são apresentadas (este facto será explicado sucintamente pela estagiária a todo o grupo antes de iniciar a atividade).

As palavras e as frases são de diferentes graus de dificuldade, para que a aprendizagem dos alunos seja individualizada, considerando, de igual modo as diferentes dificuldades/potencialidades de cada aluno.

De forma a auxiliar e a facilitar o processo de leitura, primeiramente, no slide, aparecem as palavras silabadas que constituem a frase principal, através de animações. Depois, aparece a frase completa, que os alunos terão de ler. Deste modo, é possibilitado, à estagiária, averiguar e rever com os alunos as letras já aprendidas (T,P,D,L), os ditongos e a divisão silábica.

No fina desta atividade, a estagiária distribui pelos alunos uma ficha de trabalho, onde se encontram presentes algumas frases contidas no PowerPoint na “*Hora da leitura da Mara*”, para que os mesmos trabalhem a escrita das diferentes palavras e frases, insistindo

mais em palavras com a letra “L”, última letra aprendida na semana anterior. A realização desta ficha de trabalho tem também como objetivo desenvolver a escrita de palavras em imprensa para manuscrita, pois alguns alunos revelam dificuldades neste ponto.

Estratégias:

- Relembrar as regras de bem-estar já aprendidas;
- Manter contato visual com os alunos;
- Manter um nível linguístico e cognitivo adequado ao nível de todo o grupo, para que os alunos compreendam o que lhes é proposto, tendo em consideração as características individuais de cada aluno;
- Respeitar o ritmo de trabalho de cada aluno;
- Projetar a ficha de trabalho no quadro interativo, de forma a explicar a sua resolução, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão por todos os alunos;
- Ao longo da resolução da ficha de trabalho colocar música calma, de forma a envolver os alunos no seu trabalho, e a minimizar a sua agitação;
- Em caso de dúvida por parte de um aluno, na resolução da ficha de trabalho, solicitar aos alunos que coloquem o dedo no ar e aguardem no seu lugar;
- Incentivar os alunos nas suas aprendizagens através do reforço positivo;
- Propor aos alunos, que acabarem primeiro os trabalhos solicitados, que realizem a ilustração ao seu gosto sobre a história que escutaram inicialmente, “*Orelhas de Borboleta*” de Luísa Aguiar.

Anexo 20

➤ **Dinamização do trabalho em grupo, em Educação Pré-Escolar, no âmbito do Projeto Lúdico, “Museu das Artes” – Construção dos ecopontos**

Considerando importante trabalhar com os ideais da instituição, achamos pertinente construir ecopontos, que se intitulavam de “Ecopintores”, em consonância com um dos projetos a ser desenvolvido, as “ECOESCOLAS”.

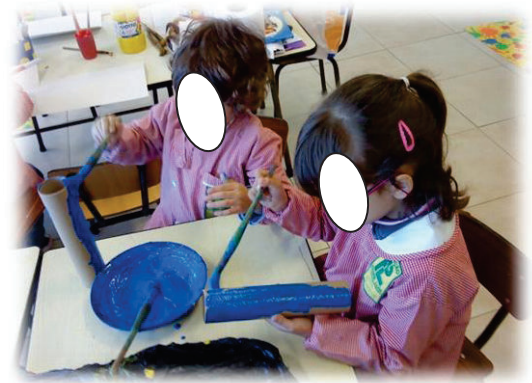
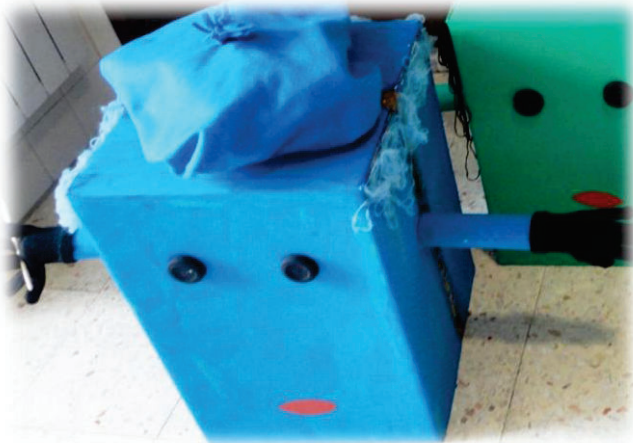
Neste sentido, e com vários materiais recicláveis (cartão, rolhas de plástico, tubos de cartão, enchimento, entre outros) elaboramos os nossos “Ecopintores”.

Construímos e decoramos, em pequenos grupos, os diferentes ecopontos, de acordo com o tema do nosso projeto lúdico, para a reciclagem dos materiais: vidro, papel, plástico e pilhas.

• • •
Ecoponto Amarelo
Metal e plástico
• • •



• • •
Ecoponto Azul
Papel e Cartão



• • •
Ecoponto Verde
Vidro



● ● ●
Ecoponto Vermelho
Pilhas
● ● ●



- **Dinamização do trabalho em grupo, no 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na pintura de bonecos, tendo em conta os conceitos, magro/alto – gordo/baixo.**



Materiais utilizados para a realização da atividade



Um grupo de alunos a pintar com esponja para a execução da atividade



Um grupo de alunos a pintar com pinceis para a execução da atividade

Anexo 21

Planificação do Ensino Experimental

- **Planificação Diária – Dia 29/11/2011**

<p>Estudo do Meio</p>	<p>Bloco 5 – A Descoberta dos Materiais e Objetos</p> <p>1. Realizar experiências com alguns materiais e objetos de uso corrente</p>	<p>◆ Comparar alguns materiais segundo propriedades simples:</p> <ul style="list-style-type: none"> - forma; - textura; <p>◆ Agrupar materiais segundo propriedades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - forma; - textura; 	<p><u>Atividade 3</u></p> <p>◆ Realização de uma experiência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Consegues ver com olhos fechados? <p>◆ Resolução dos exercícios do manual de estudo do meio.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Professora; ○ Estagiárias; ○ Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Manual do estudo do meio; ○ Duas caixas de cartão; ○ Bata; ○ Óculos; ○ 10 objetos de diferentes formas e texturas; ○ Imagens dos objetos; ○ Quadro; ○ Tesoura 	<p>Aprox. 1h45min.</p>

Fotografias da dinamização da atividade – Ensino Experimental



1.^a fase: Um dos membros de um dos grupo escolhe os objetos que se encontram no saco, e coloca-os na caixa.



2.^a fase: Um dos membros do outro grupo tenta adivinhar uma dos objetos que se encontra na caixa, através das suas características.



3.^a fase: Conclusão dos resultados, em consonância com todo o grupo de alunos.

Anexo 22

Horário escolar do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico

HORAS	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
09:00					Inglês
09:45					
10:30	INTERVALO				
11:00					Educação Físico-Motora
11:45			Inglês		
12:30	ALMOÇO				
14:00					
15:00/15:15		Educação Físico-Motora	Educação Musical	Educação Moral e Religiosa	

Anexo 23

Organização do ambiente educativo do Pré-Escola, sala 3/4 anos

- Organização do Cantinho da Sala



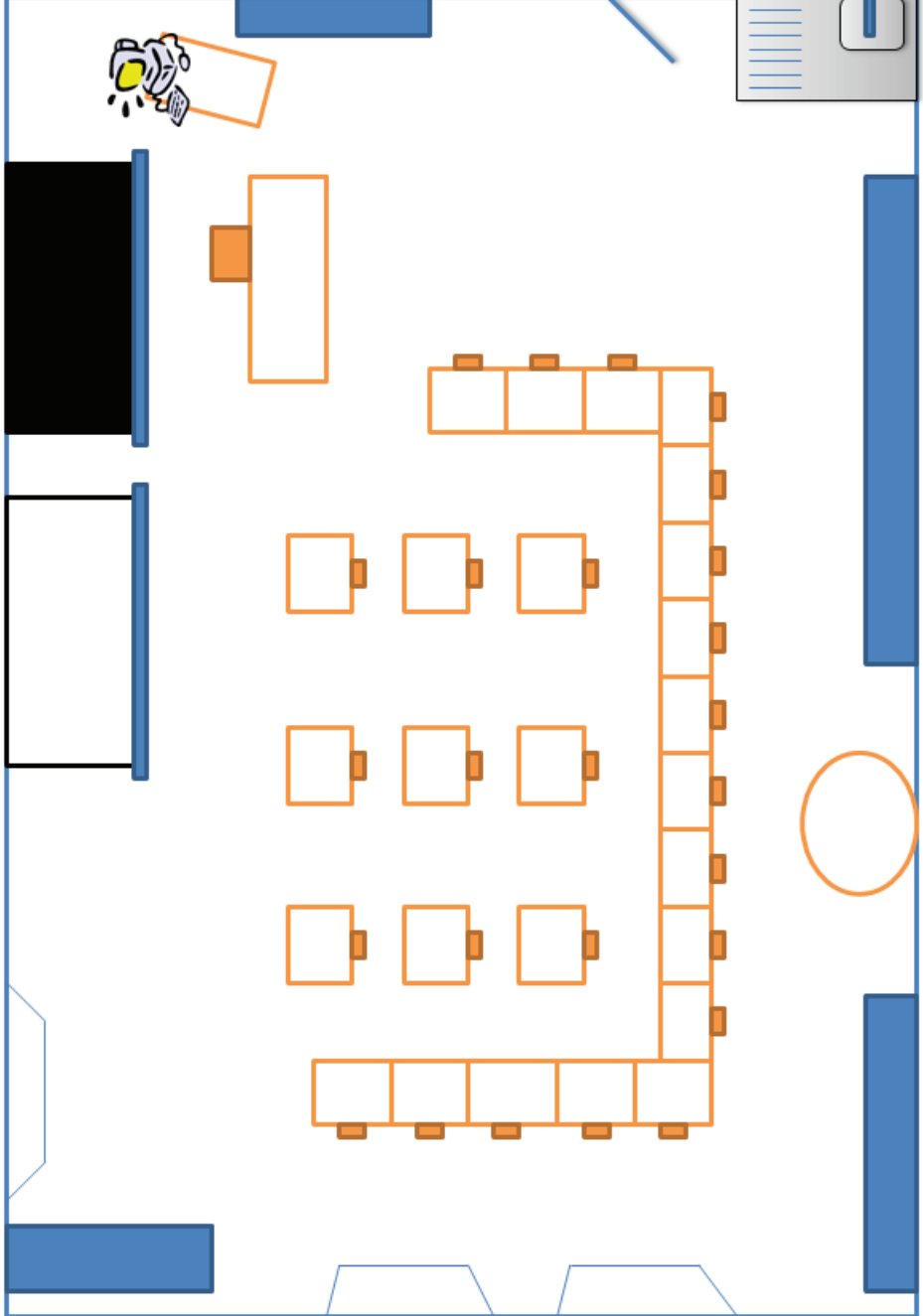
Organização do Cantinho da Sala

Organização dos materiais para a colagem



Anexo 24

Organização da sala do 1.º ano do Ensino Básico



Anexo 25

Participação das famílias dos alunos do 1.º ano do Ensino Básico



Festa de Natal na sala do 1.º
ano

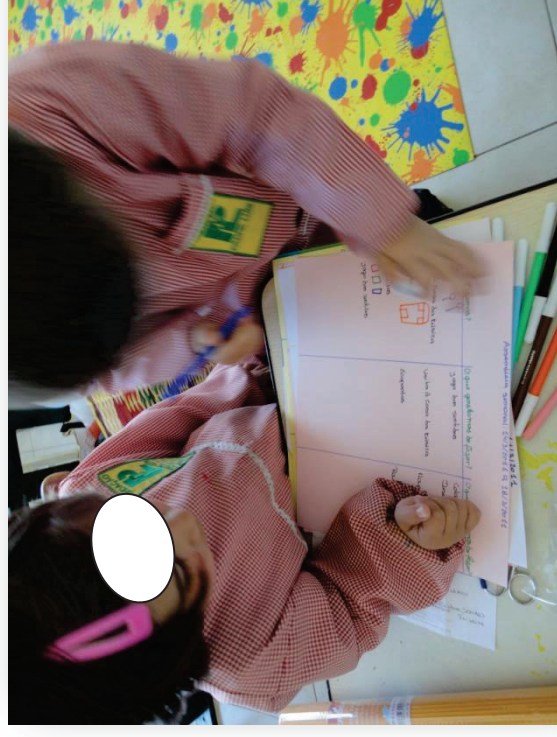
- Árvores genealógicas realizadas pelas famílias dos alunos do 1.º ano, no âmbito de uma atividade da área disciplinar curricular de Estudo do Meio



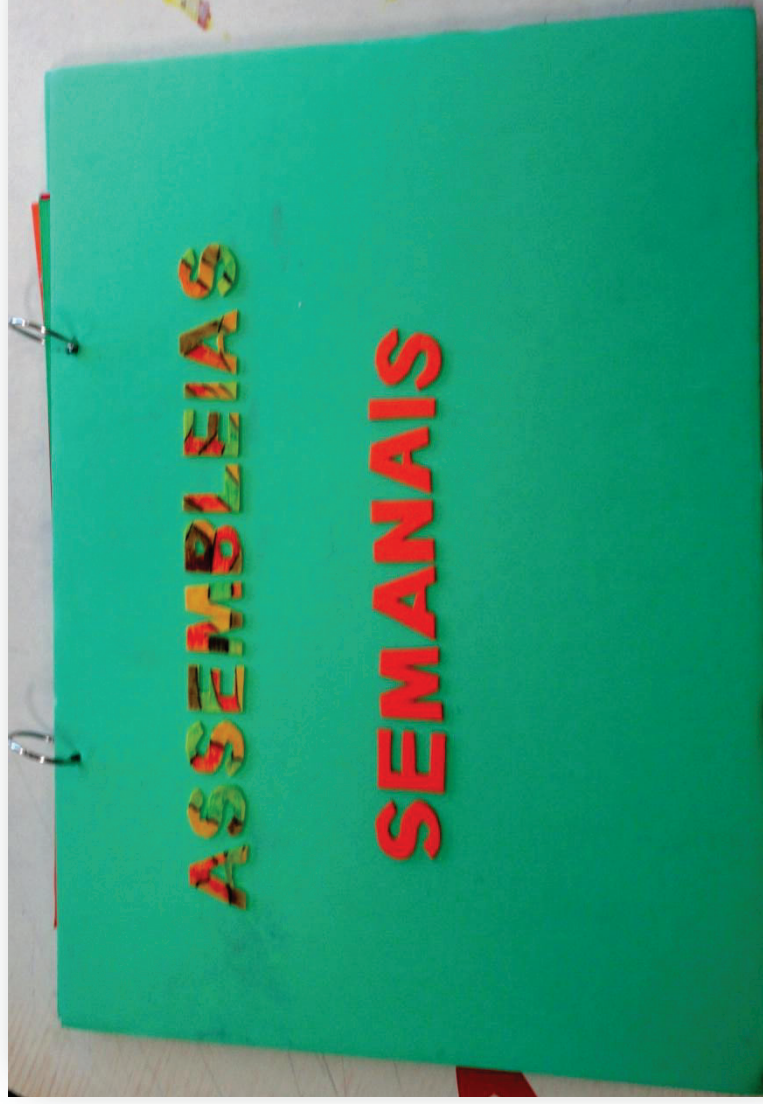
Anexo 26

Realização de Assembleias Semanais na Educação Pré-escolar, na sala dos 3/4 anos

- Registo da realização das Assembleias Semanais



- **Arquivo dos registos das Assembleias Semanais**



Anexo 27

Avaliação Semanal na Educação Pré-Escolar

Avaliação Semanal

Nesta semana foi possível assistir à aula de Música, lecionada pelo Professor Miguel, na qual pude observar que as crianças se sentem muito à vontade com o mesmo e com as suas aulas. Todas as crianças, tocaram com grande entusiasmo diversos instrumentos musicais, sugeridos pelo professor, com o intuito de acompanhar a música “*Gosto muito da minha Família*”, da qual todo o grupo sabe de cor (Registo em Vídeo 1). Visto que se aproxima o “*Dia de Carnaval*”, as mesmas aprenderam uma nova canção referente a esta época festiva (Registos em Vídeo 2 e 3).

Com a exploração musical da música “*Gosto muito da minha Família*”, realizada por mim, sugeri às crianças que fizessem o registo pictográfico de palavras da letra da canção, o que foi bem aceite pelo mesmo. Nesta atividade, todo o grupo participou com grande entusiasmo, verificando, no entanto, que algumas das crianças (AM, CM, IP), não se pronunciaram, quando lhes era questionada a palavra que faltava para completar a canção. Sendo assim, será necessário incentivar mais a sua participação desenvolvendo mais atividades direcionadas para o diálogo e interação entre o grupo.

O registo pictográfico das famílias das crianças, foi outra atividade sugerida ao grupo, pela qual foi bem aceite pelo mesmo. Neste seguimento, as crianças sugeriram que construíssemos o “*Álbum das nossas Famílias*”, e que o colocássemos no *Cantinho da Família e do Jesus*.

Com o “*Dia de S. Valentim*”, celebrado na Instituição o “*Dia da Amizade*”, foi realizada a leitura da história “*Um Amigo*”, de Leif Kristianson, com a apresentação das imagens que a ilustram. Com esta atividade pode verificar que o interesse demonstrado pelo grupo foi unânime, visto que respondiam com entusiasmo às questões que lhes eram colocadas. No decorrer desta atividade, todo o grupo decorou os restantes cartões, com a técnica de pintura com os dedos, para a elaboração do cartaz “*Um Amigo*”, que contem as imagens da história anteriormente lida.

A troca de cartões entre as crianças, Educadora cooperante, Auxiliar da Ação Educativa e estagiária, foi o momento mais marcante desta semana, pois foi algo simbólico e emotivo entre todos. Todas as crianças se sentiram com grande alegria e satisfação, aquando recebiam ou davam um cartão a um amigo da sala, juntamente com um balão.

Com o desenvolvimento do Projeto Lúdico, registado pictograficamente, foi sugerido às crianças que colorissem diversos instrumentos musicais, com a técnica de pintura de escovas de dentes. Todo o grupo participou, colorindo cada elemento, apenas um instrumento. É de salientar, que esta atividade correu bem, demonstrando o entusiasmo das crianças, visto que as mesmas evidenciam um grande gosto pelas artes plásticas (pintura, colagem, desenho...).

Foi também apresentada uma música, “*Estátua*”, referente à exploração corporal (cabeça, cintura, pés, braços, pernas, cabeça e mãos), sendo realizado assim, a construção e exploração do corpo humano. Esta atividade permitiu especular os conhecimentos das crianças, relativamente a esta área, sendo positiva a apreciação que me foi possível observar. É de salientar que a criança CM, já anteriormente referenciada, participou com grande agrado nesta atividade, pronunciando, ainda com alguma dificuldade algumas partes do corpo, aquando questionada (Registo de Observação 7).

No decorrer das atividades livres, pode observar que a Área da Casinha, é a que tem menos apetência por parte das crianças (Registo de Observação 6). Sendo assim, realizei com o grupo, a decoração de bonecos, sendo um, uma menina, e outro, um menino. Em diálogo com as crianças, fez-se o registo pictográfico da escolha das características humanas (olhos, nariz, boca e cabelo), adereços/roupas para a decoração dos mesmos.

Anexo 28

Exemplo de uma grelha de avaliação da Sessão de Movimento

A grelha é preenchida com (x) de acordo com o que foi observado pela estagiária, referente a cada criança

Escala de Graduação	
Sessão Movimento	
1 – Não consegue	
2 – Consegue com ajuda do adulto	
3 – Consegue facilmente	

Anexo 29

Exemplo da reflexão sobre a avaliação das aprendizagens para cada área curricular disciplinar, referente à planificação do dia 9/1/2012

Descrição das atividades – Plano de Aula

Relaxamento/Acolhimento

No início da aula, a estagiária dialoga com os alunos sobre o fim de semana que passaram, com o intuito de proporcionar um ambiente acolhedor aos alunos.

Seguidamente, em conjunto com os alunos, canta a canção dos “Bons dias”, contendo rimas com os nomes dos alunos.

Constando um bom ambiente de aula, a estagiária apresenta ao grupo, com recurso ao PowerPoint, o conto “*Nabo Gigante*” de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey, uma vez que será apresentada posteriormente a letra “N”, dando assim, continuidade às aprendizagens dos alunos, motivando-os.

Estratégias:

- Preparação do ambiente da sala;
- Dialogar com os alunos sobre a história que fora contada anteriormente, questionando os alunos sobre a mesma.

Regras:

- Saber escutar com atenção;
- Saber estar em silêncio.

1ª Atividade

A estagiária, dando continuidade ao relaxamento, apresenta a história do *Pais das Letras*, referente à letra “N”, com recurso ao PowerPoint.

Seguidamente, apresenta aos alunos as diferentes “roupas” da letra “N” (minúscula /maiuscula) manuscrita/imprensa, para complementar as aprendizagens com o conto de uma pequena história da autoria da estagiária.

Neste seguimento, a estagiária solicita ao grande grupo, que “desenhe” a letra ‘N’ minúscula/maiúscula manuscrita, no ar, na sebenta (utilizando lápis de cor) e no manual de Língua Portuguesa, com a realização dos exercícios das páginas 62/63.

Estratégias:

- Lembrar sempre que necessário, as regras de bem-estar na sala de aula;
- Respeitar o ritmo de trabalho de cada aluno;
- Projetar os exercícios do manual de Língua Portuguesa no quadro interativo, de forma a explicar a resolução dos mesmos, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão por todos os alunos;
- Propor aos alunos, que acabarem primeiro os trabalhos solicitados, que ilustrem na sebenta palavras que comecem pela letra “N”;
- Caso todos os alunos finalizem os exercícios do manual de Língua Portuguesa, propor que resolvam a ficha 28, do livro de Fichas de Língua Portuguesa, da página 31.

Avaliação:

A correção dos exercícios do manual de Português, e a avaliação da escrita dos alunos serão avaliadas através da grelha de avaliação, que fora já utilizada em aprendizagens anteriores dos conhecimentos adquiridos pelos alunos.

2ª Atividade

Com a resolução de exercícios propostos em aula, constatou-se que os alunos ainda revelavam alguma dificuldade em alguns conteúdos programáticos, nomeadamente, nas contagens de subtrações, na utilização correta da respetiva simbologia $>$, $<$, $=$; assim como resolução de situações problemáticas.

Neste sentido, a estagiária irá novamente realizar exercícios de revisão contendo estes conteúdos programáticos, com recurso ao PowerPoint, intitulado **“Os animais que sabem contar!”** (personagens do conto “Nabo Gigante), para que os mesmos sejam consolidados de forma sucinta a todo o grupo. Contudo, para a resolução dos exercícios a estagiária irá solicitar a participação dos alunos que revelam ainda algumas dificuldades.

No final desta atividade, é proposto que os alunos realizem exercícios do Manual de Matemática (páginas 70,71,73).

Estratégias:

- Lembrar sempre que necessário as regras de bem-estar na sala;
- Manter um nível linguístico e cognitivo adequado ao nível de todo o grupo, para que as crianças compreendam o que lhes é proposto, tendo em consideração as características individuais de cada aluno;
- Projetar os exercícios no quadro interativo, de forma explicar a sua resolução, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão por todos;
- Ter em atenção se, durante a resolução dos exercícios, existem alunos que demonstrem dificuldade, questionando-os sobre as suas dúvidas, esclarecendo-as, com recurso a outras estratégias (resolução de exercícios mais acessíveis de fácil compreensão, no quadro, recorrendo a exemplos práticos do quotidiano dos alunos).

Avaliação:

A avaliação dos alunos, com recurso a uma grelha de avaliação, já utilizada em avaliações anteriores, será a forma de avaliar os conhecimentos e a progressão dos alunos, assim como, a correção dos exercícios do manual de Matemática e do Livro de Fichas de Matemática.

3ª Atividade

No início da tarde, após ser propício um bom ambiente de aula, a estagiária solicita a seis alunos que apresentem aos colegas a “*árvore genealógica*” (que na intervenção anterior teria sido solicitada aos alunos que a construissem em casa com a ajuda dos seus pais) da sua família, realizando previamente um sorteio, com recurso ao PowerPoint com as fotografias dos alunos. Na apresentação da mesma, os alunos terão que descrever os nomes próprios e apelidos dos membros da sua família, caracterizando-os.

No final das apresentações, é sugerido que as “árvores genealógicas” dos alunos sejam afixadas numa árvore, realizada pela estagiária, e que ficará exposta no placar da sala de aula.

Neste sentido, a estagiária, com recurso ao PowerPoint, apresenta “*A família do Eurico*” (contendo na mesma as duas personagens principais da

história do “*Nabo Gigante*”, a velhinha e o velhinho, caracterizados como avós paternos do Eurico), descrevendo as relações de parentesco da mesma, nomeadamente: pai; mãe; irmã; avós paternos e maternos; tios e primos paternos e maternos. No final da apresentação da “família do Eurico”, para que sejam consolidadas as aprendizagens dos alunos, a estagiária, apresenta novamente as relações de parentesco da mesma, recorrendo agora, a um placar, onde demonstrará a “árvore genealógica” da “família do Eurico”, ao mesmo tempo que coloca questões ao grupo:

- Quem é a mãe? Como é que ela é?
- Quem é o pai?
- E os avós paternos? E os avós maternos?
- O Eurico tem irmãos? Quantos? Como se chama?
- Quantos os irmãos tem a mãe? E que relação de parentesco têm ao Eurico?
- Quem são os primos do Eurico?

Após a finalização da atividade anterior, é proposto aos alunos que resolvam os exercícios do manual de estudo do Meio, páginas 42/43/44;

Estratégias:

- o Relembrar as regras da sala de aula;
- o Explicar sucintamente em que consiste a atividade (apresentação da *árvore genealógica* dos alunos) para que a mesma seja compreendida por todo o grupo;
- o Projetar os exercícios do manual de Estudo do Meio no quadro interativo, de forma a auxiliar os alunos na sua realização.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação nas diversas atividades sugeridas, e na resolução de exercícios do manual de Estudo do Meio.

Anexo 30

Exemplo de grelhas de avaliação da área curricular disciplinar de Língua Portuguesa

➤ **Comunicação escrita**

Escala de avaliação:

1	Consegue com muita facilidade
2	Consegue com facilidade
3	Consegue com alguma dificuldade
4	Consegue com dificuldade
5	Não consegue
X	Não observado

Outras observações pertinentes

Grelha de Avaliação da Escrita – Mês de Novembro

Nome dos alunos	Correção					Apresenta uma letra cuidada	OUTRAS OBSERVAÇÕES
	Identifica as letras aprendidas	Associa a letra de imprensa à manuscrita	Associa a grafia ao fonema	Escreve respeitando a linha de base	Associa a grafia ao fonema		
AA	1	2	2	1	1	1	
AP	1	1	3	3	2	2	
AT	2	2	3	2	3	3	
CA	2	2	2	1	1	1	
CF	1	1	2	1	1	1	
CS	2	2	2	4	4	4	
FC	1	2	2	3	3	3	
GR	1	1	2	1	1	1	
HF	1	1	1	1	1	1	
JV	1	1	2	1	1	1	
MB	1	1	2	1	1	1	
MC	1	1	2	1	1	1	
MC	1	1	1	1	1	1	
MV	1	1	2	1	1	1	
MM	1	1	2	1	1	1	
MS	1	1	1	1	1	1	
PT	1	1	2	1	2	2	
RS	1	1	2	1	2	2	
RM	1	3	4	1	1	1	
RC	1	1	1	2	2	2	
RP	1	1	1	1	2	2	
TS	1	1	1	1	2	2	
TB	1	1	1	2	2	2	
VD	1	1	1	1	1	1	
VT	1	1	2	2	3	3	
VG	2	3	4	3	4	4	

➤ Comunicação oral (Leitura de frases)

Escala de avaliação:

1	Consegue com muita facilidade
2	Consegue com facilidade
3	Consegue com alguma dificuldade
4	Consegue com dificuldade
5	Não consegue
NO <small>observado</small>	Não observado

Grelha de Avaliação de Leitura – Mês de Novembro

Nome dos alunos	Correção						Intensidade				Ritmo			Expressividade	
	Identifica as letras aprendidas	Identifica os ditongos	Associa a grafia ao fonema	Lê pequenas palavras	Lê pequenas frases	Baixa	Alta	Adequada	Rápido	Lento	Adequado	Monótona	Expressiva		
AA	1	2	3	2	2			X		X		X			
AP	1	3	3	2	2	X				X		X			
AT	2	3	4	3	3			X		X		X			
CA	1	3	2	3	3	X				X		X			
CF	1	2	1	1	1	X				X		X			
CS	1	2	2	2	2			X		X		X			
FC	1	2	1	2	2	X				X		X			
GR	1	2	2	2	2			X		X		X			
HF	1	2	2	2	2	X				X		X			
JV	1	3	2	2	3	X				X		X			
MB	1	1	2	1	1			X		X		X			
MC	1	3	2	2	3			X		X		X			
MR	1	2	1	1	1	X				X		X			
MV	1	2	1	1	1			X		X		X			
MM	1	2	2	2	2	X				X		X			
MS	1	1	1	1	1			X							
PT	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	X	NO	NO	X	NO
RS	1	2	2	2	2			X		X		X			
RM	1	2	2	2	2	X				X		X			
RC	1	1	1	1	1			X		X		X			X
RP	1	1	1	1	1			X		X		X			X
TS	1	1	1	1	1		X			X		X			X
TB	1	1	1	1	1		X			X		X			X
VD	1	1	1	1	1	X				X		X			X
VT	1	3	3	2	2			X				X			
VG	3	3	4	3	3	X				X		X			

Anexo 31

Exemplo de uma grelha de avaliação da área curricular disciplinar de Matemática

Escala de avaliação:

1	Consegue com muita facilidade
2	Consegue com facilidade
3	Consegue com alguma dificuldade
4	Consegue com dificuldade
5	Não consegue
NO	Não observado

Grelha de Avaliação de Matemática – Mês de Novembro

Nomes dos alunos	Estabelecer relações de ordem entre números				Utilizar a respectiva simbologia $>$, $<$, $=$		Ordem Crescente e Decrescente				Efetuar contagens		
	Comparar quantidades	Identificar o conjunto com maior número de elementos	Identificar o conjunto com menor número de elementos	Identificar conjuntos com o mesmo número de elementos	Atividades lúdicas	Resolução de exercícios	Ler os números por ordem crescente	Ler os números por ordem decrescente	Escrever os números por ordem crescente	Escrever os números por ordem decrescente	Decompor números	Somar os números para obter o resultado correto	Escrever os números até 5 (cinco)
AA	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	3	2	1
AP	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
AT	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	2	2	1
CA	2	2	2	1	3	2	1	1	1	1	1	1	1
CF	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
FC	2	2	2	1	2	3	1	1	1	1	3	2	1
GR	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
HF	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1
JV	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1
MB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
MC	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1
MR	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
MV	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
MM	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
MS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
PT	2	2	2	1	3	2	1	1	1	1	2	1	1
RS	2	2	2	1	2	2	1	1	1	1	3	2	1
RM													
RC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
RP	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
TS	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
TB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
VD	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
VT	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
VG	2	2	2	1	3	3	1	1	2	2	2	2	1

Anexo 32

Avaliação do 1.º Período letivo, do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório

Avaliação dos alunos_1º ano_Turma B

A turma B, do 1º ano de escolaridade do Ensino Básico, do Colégio do Sardão, situado na freguesia de Oliveira do Douro, é formada por 26 (vinte e seis) alunos, sendo dez 10 (dez) do género masculino e 16 (dezasseis) feminino.

Todos os alunos deste grupo se encontram, segundo as *fases de desenvolvimento de Piaget* (CANAVARRO, PASCOAL e PEREIRA, 2001:25) , na fase Pré-operatório, que se caracteriza pelo pensamento intuitivo, no qual o aluno já é organizado no seu processo de assimilação, acomodação e adaptação.

Neste sentido, todos os alunos deste grupo já conseguem representar as suas vivências e a sua realidade, através de diversos variantes; tais como: **Jogo simbólico**, onde predomina a assimilação de conceitos/conteúdos abordados, organizando os acontecimentos com a linguagem na sua ação; e **Desenho**, onde já alguns [...] já conseguem representar de forma mais criativa e diversificada as suas ideias à sua maneira e gosto, como foi possível averiguar com a ilustração da época festiva preferida pelos mesmos, na atividade relacionada com a área curricular disciplinar de *Estudo do Meio*.

Outras características são destacáveis do grupo, como a toma de iniciativa de participação por parte de cada aluno nas diferentes atividades sugeridas; maior capacidade de compreensão (no entanto, ainda demonstram algum grau de abstração em algumas situações); discutir e enfrentar situações emocionais; aumento da concentração e de atenção e maior capacidade de participação em grandes e pequenos grupos de trabalho.

Considerando iminente o que foi descrito acima, é fulcral que seja delineado uma avaliação mais pormenorizada, em termos das áreas curriculares disciplinares de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões artísticas.

Neste sentido, e com recurso à avaliação formativa, a mesma tem como objetivo determinar a posição de cada aluno ao longo de uma unidade de ensino no sentido de identificar dificuldades futuras dando-lhes solução.

Em termos gerais, na área curricular disciplinar de Língua Portuguesa, referente à Comunicação Oral, todos os alunos conseguem identificar com muita facilidade as letras aprendidas (*vogais; ditongos; e letras “P”, “T”, “D”, “M”, “C”*); assim como, identificar os ditongos e associar a grafia ao fonema. Neste sentido, considero que a maioria dos alunos já lê com alguma proficiência pequenas palavras e frases.

Quanto à intensidade da voz na leitura das frases, os alunos situam-se equitativamente entre baixa [...]. Apenas os alunos [...] utilizam uma intensidade da voz alta na leitura.

Quanto ao ritmo, leem maioritariamente utilizando um ritmo lento, como se pode verificar nos alunos: [...]. Contudo, os alunos [...] utilizam um ritmo rápido, enquanto os alunos [...] apresentam um ritmo adequado.

Relativamente à expressividade verifica-se que, em geral, os alunos realizam a leitura num tom monótono tal como, a [...]. Contudo, poucos são os alunos que utilizam um tom expressivo na leitura[...].

Contudo, existem observações pertinentes que acho fulcral mencionar, para que os alunos progridam nas suas aprendizagens, as quais foram observáveis durante a atividade de leitura individualizada.

Sendo assim, foi possível verificar que: a aluna [...] revela alguma dificuldade na associação da grafia ao fonema, confundindo por vezes os fonemas das letras “P” e “T”, sucedendo o mesmo com o [...]; a aluna [...] para além de revelar dificuldades na identificação dos ditongos, o mesmo se pode verificar na associação da grafia ao fonema (letras “P” e “T”), demonstrando assim, algumas lacunas na leitura de pequenas frases; o aluno [...] na leitura das frases revela ainda alguma dificuldade, assim como na identificação dos ditongos já abordados, sendo o mesmo caso na aluna [...].

Analisando a grelha de avaliação de leitura, e posteriores observações que fui verificando, averigui que os alunos que demonstram mais dificuldades nesta área, são

o [...] (principalmente na associação da grafia aos fonemas, na identificação dos ditongos e na leitura de pequenas frases); a [...] (na associação da grafia ao fonema – letras “P” e “D”, e na leitura de pequenas palavras); a [...] (revela alguma dificuldade na identificação dos ditongos, na associação da grafia ao fonema – “P” e “T”, assim como na leitura de algumas palavras); o [...] (revela dificuldade na associação da grafia ao fonema das letras “L” e “T”, assim como, na identificação do ditongo “ei”, confundindo o mesmo com o ditongo “eu”); e a [...] (revela dificuldade na associação da grafia ao fonema – letras “P” e “T”, assim como, na identificação de letras, dos ditongos “ou”/“ei”, demonstrando assim, alguma hesitação na leitura de pequenas palavras e frases).

A partir da análise da grelha de observação constatasse que os alunos [...], conseguem com facilidade alcançar os parâmetros que são definidos na vertente da leitura.

Relativamente à Comunicação escrita, verifica-se que todos os alunos identificam as letras aprendidas.

De acordo com os registos de observação, pode-se constatar que: a aluna [...] revela alguma dificuldade na associação da grafia ao fonema, e na escrita das palavras respeitando a linha de base; o aluno [...] ainda tem dificuldade na associação da grafia ao fonema, assim como, na escrita de palavras respeitando a linha de base; revelando dificuldade na apresentação da letra cuidada; a aluna [...] ainda revela muita dificuldade na associação da letra de imprensa à manuscrita, assim como na escrita das palavras respeitando a linha de base e na apresentação da letra cuidada; a [...] revela apenas alguma dificuldade na escrita das palavras respeitando a linha de base e na apresentação da letra cuidada; a aluna [...] revela ainda alguma dificuldade na associação da letra de imprensa à manuscrita, assim como, na associação da grafia ao fonema, sucedendo o mesmo com a aluna [...]; e a aluna [...], revela dificuldades na associação da letra de imprensa à manuscrita, na associação da grafia ao fonema, assim como, na escrita das palavras respeitando a linha de base e na apresentação da letra cuidada.

Neste seguimento, ainda se pode aferir que os alunos [...] conseguem com facilidade alcançar os objetivos que para esta componente são determinados.

Não menos importante, há que mencionar que os alunos [...] apenas revelam dificuldade na associação da grafia ao fonema; enquanto que os alunos, [...] demonstram apenas alguma dificuldade na apresentação da letra cuidada.

Outro aspeto a referir é que alguns alunos, na realização de exercícios, demoram mais do que o tempo previsto para a sua finalização, fazendo com que por vezes não os acabem na aula, ficando na hora do recreio na sala a terminar o seu trabalho, como, o [...].

Relativamente, à área curricular disciplinar de *Matemática*, referente à unidade *Números e Operações*, no parâmetro *Estabelecer relações de ordem entre números*, todos os alunos conseguem com facilidade comparar quantidades; identificar o conjunto com maior, menor e igual número de elementos; verificando-se o mesmo no parâmetro *Ordem crescente e decrescente*, que em termos globais, os alunos conseguem com grande facilidade ler e escrever os números por ordem crescente e decrescente.

Quanto ao parâmetro *Utilizar a respetiva simbologia >, <, =*, maioritariamente os alunos conseguem alcançar este objetivo com facilidade, quer em atividades lúdicas, que posteriormente foram realizadas na mediateca, quer na resolução de exercícios. Contudo, existem ainda alguns alunos que demonstram algumas dificuldade na utilização da respetiva simbologia “>, <, =”, tal como, a aluna [...] (na realização de atividades lúdicas); a [...] (na resolução de exercícios); a [...] (na realização de atividades lúdicas) e a [...] (quer na realização das atividades lúdicas quer na resolução de exercícios).

Referentemente, ao parâmetro *Efetuar contagens*, em termos gerais, todos os alunos escrevem com grande facilidade os números até 5 (cinco) e somam com facilidade números para obter o resultado correto. No entanto, na decomposição de números, todos os alunos também o realizam com facilidade, há exceção de alguns que ainda revelam alguma dificuldade, como é o caso da [...].

No que diz respeito à área curricular disciplinar de *Estudo do Meio*, relativo à unidade *O seu corpo*, todos os alunos identificam com grande facilidade as partes constituintes do seu corpo, assim como a sua identidade sexual; e representam o seu corpo, comparando-se com os outros; na unidade *A saúde do seu corpo*, em termos gerais, verifica-se que todo o grupo, reconhece quais as normas de higiene essenciais para o corpo, da higiene alimentar, assim como, a importância de posturas corretas, do

exercício físico e do repouso para a saúde; nas unidades *O seu passado próximo e Os aspetos físicos do meio local*, descrevem com facilidade a sucessão de atos, reconhecendo o dia como unidade de tempo, e a semana como uma unidade de tempo, descrevendo também, as características e a sucessão do dia e da noite, relacionando-os com o movimento (de rotação) da Terra; e por último, nas unidades *Os seus gostos e preferências e As suas perspetivas para o futuro próximo*, todos os alunos sem exceção, descrevem com sucesso lugares, atividades, dias festivos ao longo do ano (Natal, Passagem de Ano, Dia dos Reis, Carnaval, Magusto, S.João), jogos e brincadeiras de que mais apreciam, assim como, acontecimentos que planeiam fazer no dia seguinte, no fim de semana e nas férias.

Não menos importante, há que referenciar que na unidade *À descoberta dos materiais e objetos*, aquando da realização de experiências, todos os alunos compreendem com grande facilidade a conclusão dos resultados das mesmas, revelando interesse e atenção durante a execução das mesmas.

Relativamente à área curricular de *Expressão Plástica*, quando proposto a realização de desenhos de *expressão livre* e de *atividades gráficas* sugeridas de acordo com um tema abordado, todos os alunos o realizam com grande satisfação e motivação.

Contudo, e através da observação de trabalhos realizados por alguns alunos, como, [...] averigua-se que os mesmos já demonstram mais destreza, aperfeiçoamento, e maior desenvolvimento da motricidade fina e global.

Neste sentido, estes alunos situam-se, segundo as Fases do desenho de Piaget, entre as fases do **esquematismo/realismo**, uma vez que representam esquemas representativos, começando a construir formas diferenciadas para cada categoria de objeto; utilizam a linha de base, assim como, já relacionam cor/objeto nas suas ilustrações e pintura de desenhos. Verifica-se também que já tem um conceito definido quanto à figura humana tomando uma maior consciência dos sexos, assim como, uma maior acentuação das roupas diferenciando os sexos.

Comparativamente os alunos [...], ainda revelam alguma ineficiência nestes aspetos, posicionando-se entre as fases **pré- esquematismo/esquematismo**, visto que, ainda se verifica nos seus trabalhos a relação entre desenho, pensamento e realidade, onde os elementos são dispersos e não relacionados entre si, utilizando por vezes cores que não têm relação com a realidade (dependendo, em algumas situações, do interesse

emocional dos mesmos). Outra característica que se observa é o não respeito dos contornos delimitados dos desenhos.

Quanto à área curricular de *Expressão Dramática*, todos os alunos demonstram o gosto pelos *jogos de exploração* (do corpo, do espaço e objetos); *pela linguagem verbal/não verbal e gestual* (em atividades realizadas como o teatro de fantoches – “Halloween”; e teatro de sombras).

Em suma, a avaliação que aqui é relatada deve ser entendida como objetivos de desenvolvimento que se pretende que todos os alunos os atinjam com sucesso, acompanhados por nós, estagiárias e professora, com o intuito de melhorar as suas dificuldades e aperfeiçoar as suas potencialidades.

Sendo assim, é fulcral que se defina etapas psicopedagógicas, assim como, planos de estudo de cada área curricular disciplinar relativos ao ensino-aprendizagem, correspondentes a cada aluno, onde deverá ser adequado um nível de prossecução dos objetivos aos estádios de desenvolvimento individuais, respeitando os seus ritmos de aprendizagem.

Anexo 33

Exemplos de trabalhos individuais dos alunos do 1.º ano do Ensino Básico





➤ Ficha de Língua Portuguesa sobre construção frásica

Ficha de trabalho

Nome: _____

Data: ___/___/___

1. Escreve as palavras de acordo com as imagens:

			
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>







2. Lê e copia as frases:

A tia ~~Mila~~ deu uma moeda à Mimi.

E o mapa e a lupa do pai do ~~Mito~~.

O ~~Mito~~ deitou o pião ao pé da Mila.

3. Liga os desenhos às palavras corretas.

		<input type="checkbox"/> mela o	
		<input type="checkbox"/> tomate o	
		<input type="checkbox"/> mula o	
		<input type="checkbox"/> lupa o	
		<input type="checkbox"/> limão o	
		<input type="checkbox"/> mão o	

➤ Ficha de Matemática sobre ordem crescente e decrescente; simbologia $>$, $<$, $=$.

Ficha de trabalho

Nome: _____

Data: ___/___/___



1. Completa com os sinais $>$, $<$ ou $=$.

2 $\textcircled{=}$ $1 + 1$

4 $\textcircled{\quad}$ 2

2 $\textcircled{\quad}$ 1

3 $\textcircled{\quad}$ 4

1 $\textcircled{\quad}$ 3

5 $\textcircled{\quad}$ 3

5 $\textcircled{\quad}$ $2 + 1$

4 $\textcircled{\quad}$ $2 + 2$

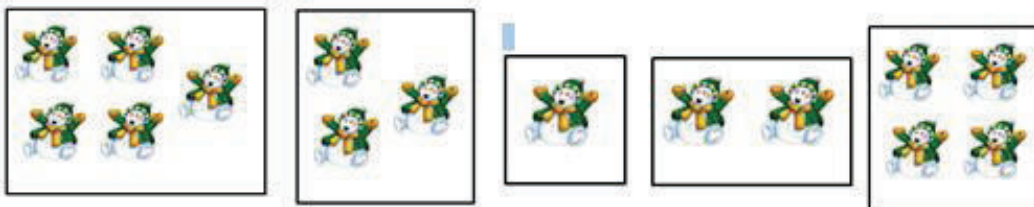
3 $\textcircled{\quad}$ $1 + 4$

2. Completa como no exemplo.

$\text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---}$ $1 + 1 = \text{---}$
 $\text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---}$ $1 + \text{---} = \text{---}$
 --- $1 + 3 = \text{---}$
 $\text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---}$ $\text{---} + 1 = \text{---}$

$\text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---} \text{---} \textcircled{\text{white}} \text{---}$ $\text{---} + \text{---} = \text{---}$
 --- $2 + \text{---} = 5$
 --- $3 + \text{---} = 4$
 $\text{---} \textcircled{\text{blue}} \text{---}$ $\text{---} + \text{---} = 5$

3. Completa por ordem decrescente.

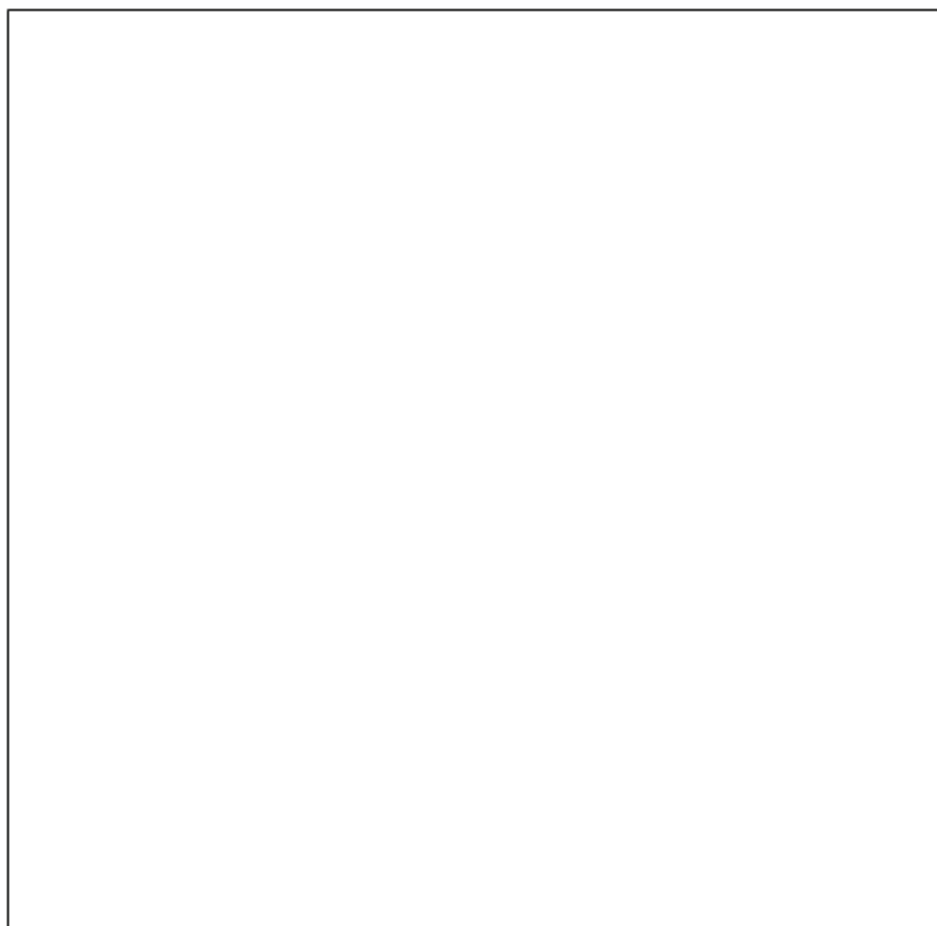


$\square > \square > \square > \square > \square$

➤ **Ficha de Estudo do Meio sobre os “Dias Festivos” do Ano**

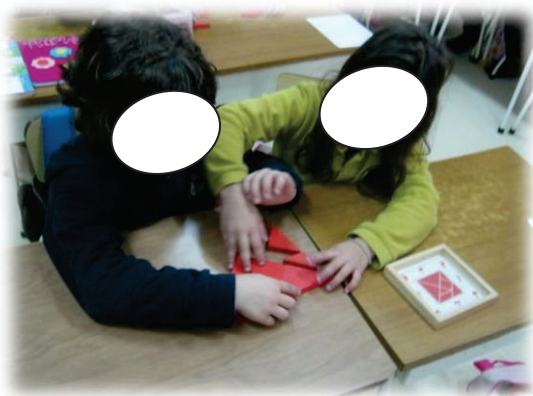
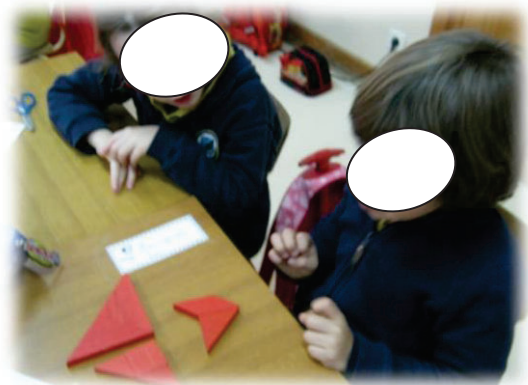
Ficha de trabalho
Nome: _____
Data: ___/___/___

Ilustra o dia festivo do ano que mais gostas



Anexo 34

Trabalho cooperativo entre pares na realização da atividade –
Construção de imagens com Tangram



Anexo 35

- **Registos de observação na prática do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Registos de Observação

Diário de Bordo

Instituição:

Nome da estagiária: Gisela Maria Almeida da Glória

Orientador Cooperante:

Data: 3 de Outubro de 2011

Ano/Turma: 1º B

Local: Sala de aula

Supervisor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Mestre Pedro Ferreira

No dia 26 de Setembro de 2011, foi o dia em que tive o primeiro contacto com o grupo de crianças do 1º ano da turma B. Apesar de ser uma realidade diferente da do Jardim-de-Infância, não senti muita discrepância, pois anteriormente tive sob minha orientação crianças que compreendiam os 4/5 anos de idade, sendo relativamente mais fácil compreender a ligação que existe entre estes dois contextos.

Contudo vários foram os aspetos fulcrais que pude observar nessa semana, e que conseguite tirar as minhas elações.

Em relação à organização da turma, e segundo informação da nossa professora cooperante, a mesma já foi disposta em várias formas, sendo a mais perfilhada, numa fase inicial, manter individualmente as crianças nas suas mesas (identificadas devidamente com os seus nomes), devido ao seu comportamento, encontrando-se todas direccionadas para a secretária da professora, que se encontra ao fundo sala.

Quanto à organização do espaço, a sala para além de ser decorada com figuras do filme “*Os 110 Dálmatas*”, comporta, comparativamente a uma do Jardim-de-Infância, o cantinho da *Biblioteca*; da *Expressão Plástica*; das *Regras da sala de aula*; dos *Aniversários*; das *Responsabilidades* (no qual encontram-se destacados dois alunos

para cada uma, tais como: recados; material; arrumação; plantas e delegadas). Tais aspectos, devem-se ao facto das crianças não sentirem um “choque” emocional da passagem do Jardim-de-Infância para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Outras disposições foram essenciais, tais como o cantinho do *Português, do Estudo do Meio e da Matemática*, onde são afixados diariamente trabalhos do grupo de crianças; assim como o cantinho da *Área de Projeto* (cujo tema é “*Exploradores da Floresta*”).

Relativamente ao método utilizado pela professora cooperante na sala de aula, o mesmo é meramente expositivo, pois para além de se basear em diversos recursos, não planifica segundo os interesses dos alunos, mas sim no programa a seguir para o Ensino Básico – 1º Ciclo, programada segundo uma rotina.

Sendo assim, um dos recursos, essencialmente utilizado é o quadro interativo, onde a maioria das atividades são realizadas no mesmo, quer pela professora (**explicação de conteúdos programáticos:** Leitura do conto “*O Espantalho*”; **visualização de vídeos** através da “*Escola Virtual*”, onde foi criado, pela professora cooperante um Blogue da turma, “*Sardõezinhos Exploradores*”, o qual os alunos também podem ter acesso fora da escola– Canção “*Bom dia*”; **Escrita das vogais i, u, e do ditongo iu;** **diálogo com os alunos através da apresentação de imagens** sobre as regras a ter na sala de aula), quer pelos alunos (*Prática da escrita das vogais i/u; e dos ditongos iu/ui*), fazendo com que os mesmos demonstrem mais atenção, curiosidade nas suas novas aprendizagens, sendo formas de despertar o interesse de todo o grupo.

No entanto, a professora também recorre muito aos livros/cadernos de fichas escolares (realização de fichas de Português e Matemática, essencialmente, assim como ao do Estudo do Meio); a fichas que são fotocopiadas e coladas, posteriormente, nos cadernos (**Matemática - Conceito de conjunto;** e **Português – prática da escrita das vogais i/u**) de cada aluno; assim como, a carimbos ilustrativos das letras do alfabeto e dos números cardinais (os quais são utilizados nos cadernos de Português e de Matemática de cada aluno). Todos estes recursos são corrigidos, posteriormente pela professora, e por nós, estagiárias, com o intuito de orientar cada uma das crianças nas suas aprendizagens.

Outro recurso que é utilizado, é a lousa escolar, um quadro onde as crianças praticam individualmente a escrita das vogais e dos ditongos que a professora vai

ensinando. Seguidamente, fazem o mesmo nos seus cadernos de português, que depois são corrigidos.

Para além destes recursos já mencionados, cada aluno ainda tem em sua posse uma sebenta (para desenharem enquanto aguardam que os seus colegas acabem os seus trabalhos); uma capa individual (para serem arquivadas as fichas sumativas que realizam); entre outros materiais (lápiz de cor, marcadores, giz, lápis de cera) que são utilizados somente na sala de aula.

Um outro aspeto que pude observar, foi o facto que cada um dos alunos comporta consigo uma pasta, onde coloca os trabalhos de casa; uma forma eficaz e estratégica de organização dos seus estudos.

De forma a programar as diferentes áreas curriculares disciplinares (Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões) as mesmas são planificadas semanalmente, descrevendo os conteúdos programáticos a desenvolver diariamente, assim como, os trabalhos de casa a recorrer para colocar em prática o que fora ensinado. Tudo o que é planificado, serve como elemento de avaliação contínua, tal como as fichas diagnóstico.

Neste âmbito, com a prática de uma atividade, pintura de folhas de Outono, através da técnica de decalque, pude ter um maior contacto com o grupo, visto que tive de andar de lugar em lugar para os auxiliar melhor no seu trabalho. No entanto, ainda sinto alguma dificuldade em quebrar a não empatia em alguns alunos, pois para além de ser um grupo muito unânime e coeso, têm um respeito e uma relação muito próxima da presente professora. Este facto, faz com que os alunos por vezes não se apercebam ainda da nossa presença, e qual o fundamento do papel que presentemente estamos a desempenhar.

Registos de Observação Diário de Bordo

Instituição:

Nome da estagiária: Gisela Maria Almeida da Glória

Orientador Cooperante:

Data: 4 de Outubro de 2011

Ano/Turma: 1º B

Local: Sala de aula

Supervisor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Mestre Pedro Ferreira

Uma das atividades que marcou este dia foi a integração do “*Quadro de Comportamento*” na sala de aula, realizado pelas estagiárias, foi discutido individualmente com cada aluno o comportamento que demonstraram na sala durante o dia. Após a sua justificação, e concordância por parte da professora cooperante e das estagiárias, os mesmos deslocavam-se ao quadro e marcavam o seu comportamento; com um círculo de vermelho (Mau comportamento), amarelo (Médio comportamento) e verde (Bom Comportamento). De uma forma geral, o grupo ainda não se habituou muito a esta ideia, esquecendo-se por vezes da sua presença. Este aspeto, na minha opinião, faz com alguns dos alunos assumam um comportamento mais correto, corrigindo-se a si mesmos, ou pedindo desculpa por alguns atos que cometam dentro ou fora da sala de aula.

A imposição do mesmo, deve-se ao facto do comportamento dos alunos por vezes não ser o mais correto, com o intuito de tomarem consciência do mesmo, e que gradualmente o melhoram, de forma a proporcionar um bom ambiente de sala de aula.

Posteriormente, foi-lhes entregue uma ficha, também realizada pelas estagiárias, que foi colada em cada caderno, com o intuito de cada aluno também marcar o seu

comportamento diariamente, para que no fim de cada mês, os seus pais tenham conhecimento do mesmo.

Uma outra atividade, foi a introdução da letra *O*, a partir da audição da história, “*O País das Letras*”, apresentada no quadro interativo, relacionada com a mesma, onde todo o grupo se manteve atento e muito participativo, aquando a professora solicitava. Seguidamente, com a introdução do grafismo da vogal *O* (na lousa, caderno diário de português e sebenta), as crianças praticaram o mesmo, com grande entusiasmo, ao mesmo tempo que algumas eram solicitadas pela professora para o fazerem no quadro interativo.

Não menos importante, há que referir, que todos os dias, a professora faz juntamente com os alunos uma consolidação dos conteúdos abordados nos dias anteriores, de forma a compreender as necessidades, interesses e dificuldades sentida pelas crianças, com o intuito de as auxiliar nas suas aprendizagens, respeitando o ritmo de cada um.

Neste seguimento, sempre que é abordado algo de novo na sala de aula, a mesma tem o cuidado e a atenção de fazer com que todo o grupo compreenda e acompanhe o conteúdo a ser dado. Este facto, faz com eu e o meu par de estágio, também estejamos atentas ao mesmo facto, fazendo com todo o grupo interaja e se sinta ainda mais seguro nas suas aprendizagens.

Registos de Observação Diário de Bordo

Instituição:

Nome da estagiária: Gisela Maria Almeida da Glória

Orientador Cooperante:

Data: 10 de Outubro de 2011

Ano/Turma: 1º B

Local: Sala de aula

Supervisor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Mestre Pedro Ferreira

Por iniciativa da professora cooperante, frequentemente, todas as segundas-feiras, a mesma realiza a leitura de um conto, recorrendo ao quadro interativo, através da *Escola Virtual*. Sendo assim, a leitura do conto “*Adivinha o quanto eu gosto de ti*”, foi explorado com todo o grupo, despertando-lhes o interesse e a curiosidade.

Como já é de rotina, todas as segundas-feiras, é revisto conteúdos programáticos, que anteriormente foram abordados na semana anterior.

Neste seguimento, a prática da grafia dos ditongos *ou/oi/ui/iu*, foi uma atividade de revisão, onde todas as crianças foram solicitadas pela professora para os escreverem no *quadro interativo*. No entanto, muitas das crianças foi possível observar que alguns dos alunos revelaram dificuldades na grafia dos mesmos, assim como, na distinção dos sons entre os ditongos *oi/ou* e dos *ui/iu*. Neste sentido, para além de praticarem a escrita destes conteúdos no seus cadernos diários, foram também realizados exercícios no *quadro interativo*, com recurso Escola Virtual (**Atividades/exercícios:** Escuta da leitura de palavras que continham os diferentes ditongos; Completar palavras com os diferentes ditongos, na escuta de frases).

Com a introdução do conceito do número 1, com recurso ao site da Escola Virtual, a sua explicitação foi compreendida por todo o grupo. No entanto, a professora cooperante ainda reforçou o conceito de quantidade, recorrendo ao ábaco, e representando uma unidade com as argolas do mesmo.

De forma a descomprimir os alunos das suas tarefas, foi solicitado aos mesmos que representassem iconicamente o conto, que anteriormente foi escutado, “*Adivinha o quanto eu gosto de ti*”, nos seus cadernos diários de português.

No âmbito da área curricular de Estudo do Meio, foi abordado o conceito de altura. De forma lúdica, e com o objetivo dos alunos compreenderem o mesmo, foi colocado pelas estagiárias um estadiometro de papel, retirado dos livros dos alunos, na porta da sala. Posteriormente, cada criança foi medida, sob o auxílio de uma das estagiárias. Cada altura fora registada em papel, e em registo fotográfico, para posteriormente serem afixados, de forma a todos os alunos terem conhecimento das diferentes alturas dos seus colegas.

Com a introdução da técnica do pontelhismo, os alunos pintaram uma ilustração dos frutos de Outono, nomeadamente, castanha, romã, pêra e uvas. Todos os alunos mostraram-se interessados. No entanto, alguns ainda demonstraram dificuldades na execução da mesma. A atividade não foi terminada visto o tempo ser reduzido.

Entre o decorrer das atividades, e devido ao comportamento que o grupo estava a ter na sala de aula, a professora cooperante, interrompeu as mesmas, fazendo uma reflexão conjunta com os alunos sobre os seus comportamentos individuais, alertando-os que os mesmos não estavam a ser os seus corretos. Posteriormente, explicou-lhes que o respeito que lhe têm, o mesmo devem tomar com as estagiárias, o que por sinal me reconfortou bastante. Seguidamente, lembrou novamente as regras de bom comportamento que os mesmos devem assumir, quer dentro ou fora da sala de aula, com a professora, colegas e toda a comunidade escolar envolvente; assim como, o contrato que fora assinado pelos mesmos e pela professora como um compromisso a ter até ao final de ano letivo.

Registos de Observação Diário de Bordo

Instituição:

Nome da estagiária: Gisela Maria Almeida da Glória

Orientador Cooperante:

Data: 11 de Outubro de 2011

Ano/Turma: 1º B

Local: Sala de aula

Supervisor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Mestre Pedro Ferreira

Tendo seguimento do dia anterior, no início da aula, cada aluno, sendo questionado pelo seu comportamento, foi marcar o mesmo (através dos símbolos) no *Quadro dos Comportamentos*.

Com a leitura da história “*Adivinha o quanto eu gosto de ti no Outono*”, foi possível a explicitação de conceitos, alguns já adquiridos pelas crianças, tais como, “*para cima*”, “*em cima*”, “*cubo*”.

Posteriormente foi introduzida a letra *A*, com a introdução da história “*País das Letras*”, com recurso ao quadro interativo. Posteriormente, todos os alunos praticaram a grafia manuscrita da mesma na lousa, sob correção da professora e das estagiárias. Seguidamente, realizaram uma ficha de português tendo em conta o mesmo objetivo, descrito já acima, posteriormente à explicação orientada pela professora.

Ao tempo que acabavam a ficha, os alunos procediam com o termino da pintura de pontelhismo da ilustração dos frutos de Outono. As mesmas, posteriormente foram afixadas nas capas individuais de cada aluno.

De forma a consolidar o conceito do número 1, foi solicitado aos alunos a realização de uma ficha de matemática, nos cadernos diários de matemática, tendo também como intuito a formação de conjuntos de um elemento.

Quanto a conteúdos do estudo do meio, e segundo a programação seguida pela professora, as crianças, com a entrega de uma ficha, pintaram as diferentes partes do corpo; cabeça, tronco, membros inferiores e exteriores; assim como as suas designações.

Na parte da tarde, de forma a ter seguimento com os conceitos apreendidos, e com recurso ao quadro interativo, foram realizados exercícios da escola virtual, pelos alunos, explorando conceitos como: partes do corpo humano diferenciando menino/menina (cabeça, tronco, membros inferiores e superiores); esquerda/direita; superiores e inferiores.

Neste seguimento, os alunos continuaram com a pintura das diferentes partes do corpo humano, recortando-as posteriormente (com o auxílio das estagiárias) e colando-as numa folha, fornecida pela professora, sendo as mesmas arquivadas nas suas capas individuais. Na realização deste trabalho, senti que as crianças necessitaram da nossa ajuda, solicitando-a, demonstrando mais confiança em nós, estagiárias, facto que me incentivou mais para a minha prática educativa. No entanto, alguns trabalhos foram anexados no *cantinho da plástica*, como forma de motivação para o grupo.

Anexo 36

Fichas individuais de comportamento dos alunos do 1.º ano do Ensino Básico

Colégio do Sardoão Quadro de Comportamento
Ano/Turma: <u>1º B</u>
Aluno: _____

+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Dia 1	<input type="radio"/>	Dia 2	<input type="radio"/>	Dia 3	<input type="radio"/>	Dia 4	<input type="radio"/>	Dia 5	<input type="radio"/>
Dia 6	<input type="radio"/>	Dia 7	<input type="radio"/>	Dia 8	<input type="radio"/>	Dia 9	<input type="radio"/>	Dia 10	<input type="radio"/>
Dia 11	<input type="radio"/>	Dia 12	<input type="radio"/>	Dia 13	<input type="radio"/>	Dia 14	<input type="radio"/>	Dia 15	<input type="radio"/>
Dia 16	<input type="radio"/>	Dia 17	<input type="radio"/>	Dia 18	<input type="radio"/>	Dia 19	<input type="radio"/>	Dia 20	<input type="radio"/>
Dia 21	<input type="radio"/>	Dia 22	<input type="radio"/>	Dia 23	<input type="radio"/>	Dia 24	<input type="radio"/>	Dia 25	<input type="radio"/>
Dia 26	<input type="radio"/>	Dia 27	<input type="radio"/>	Dia 28	<input type="radio"/>	Dia 29	<input type="radio"/>	Dia 30	<input type="radio"/>
Dia 31	<input type="radio"/>	Observações:							
Legenda:									
<input type="radio"/>	Bom comportamento	<input type="radio"/>	Médio comportamento	<input type="radio"/>	Mau comportamento				

Professora: _____

Professoras estagiárias: _____

Encarregado de Educação: _____

Anexo 37

Exemplo de um desenho de um aluno, o qual tinha características de animismo, uma vez que o educando, argumentou que “ *O Arco-íris vai devorar a casa e os meninos.*”



Anexo 38


Exemplos dos desenhos dos alunos sobre a época natalícia





Anexo 39

➤ Exemplo de uma autoavaliação tendo em conta o estágio profissionalizante desenvolvido



ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO DE
PAULA FRASSINETTI

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA

AULA	1º ano	CICLO	1º Ciclo
ESCOLA	Colégio do Sardão	LOCALIDADE	Oliveira do Douro
ALUNO	Gisela Maria Almeida da Glória	DATA AULA	14 a 16 Novembro de 2011

Em cada um dos itens abaixo proposto, assinala com uma cruz na coluna adequada, de acordo com os seguintes critérios:

- 1 e 2 são níveis negativos – a aplicar quando o aluno revela ausência ou dificuldades;
- 3, 4 e 5 são níveis positivos e gradativos;
- NO, não observado

Planificação / Preparação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	NO
Planifica correctamente e com adequação ao contexto				X		
Apresenta objectivos exequíveis e de acordo com o programa					X	
Propõe tarefas bem estruturadas e adequadas aos alunos				X		
Revela correcção científica na formalização do plano				X		
Revela correcção ortográfica na formalização do plano			X			
Propõe estratégias de avaliação adequadas			X			
Planifica actividades de diagnóstico				X		
Corrige os erros cometidos/apontados em planificações anteriores				X		

Desenvolvimento / Concretização / Implementação	1	2	3	4	5	NO
Clarifica com os alunos os objectivos a atingir			X			
Cria um clima de aula positivo, de organização, liberdade, responsabilidade e cooperação				X		
Utiliza adequadamente o espaço e o material didáctico					X	
Revela originalidade e diversifica os meios auxiliares de ensino na elaboração de estratégias					X	
Revela capacidade de adaptação a situações imprevistas ainda que tal possa inviabilizar o cumprimento do plano				X		
Realiza correctamente a programação estabelecida				X		
Constrói o ensino com base nos conhecimentos prévios dos alunos					X	
Formula questões que desenvolvem o pensamento a diferentes níveis cognitivos				X		
Formula questões diversificando os respondentes				X		
Domina a pronúncia da língua em uso				X		
Adequa a linguagem ao nível dos alunos				X		
Utiliza uma entoação de voz adequada			X			
Proporciona uma comunicação interactiva					X	
Utiliza gestos, expressões faciais, olhares e posição corporal ajustada				X		
Demonstra controlo e segurança				X		
Estimula os alunos no sentido de melhorar o seu empenhamento					X	
Utiliza técnicas e/ou instrumentos de avaliação adequadas(os)				X		
Utiliza correctamente os conhecimentos científicos			X			
Dá tempo aos alunos para pensar				X		
Explora correctamente as situações de erro			X			
Aproveita as intervenções dos alunos e dá-lhes <i>feedback</i> adequado			X			
Planifica estratégias que promovam a mudança conceptual				X		
Revela progressos em relação à(s) aula(s) anterior(s)						X

Avaliação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	NO
Faz uma autocrítica consciente e adequada à aula tendo a noção exacta do que não corresponde às expectativas e porquê			X			
Revela abertura de espírito, aceitando outros pontos de vista				X		
Utiliza argumentos correctos com calma e ponderação				X		
Perspectiva soluções para obviar as suas falhas				X		
Melhora, em aulas posteriores, a maioria dos erros apontados						X

(A preencher aquando da visita do professor orientador)

TOTAL(AIS)	PARCIAIS
	TOTAIS

O(A) Aluno(a): Gisela Maria Almeida Glória

O(A) Professor(a) Supervisor(a): [Assinatura]

2011/2012

➤ Exemplo de uma autoavaliação do par pedagógico tendo em conta a prática pedagógica desenvolvida



Departamento de
Formação em
Educação Básica
ESEPF

Grelha de acompanhamento da prática profissional

1.Insuficiente	2.Suficiente	3.Bom	4.Muito Bom	5.Excelente
0-9	10-13	14-16	17-18	19-20

Deve ser entendida como um instrumento de ajuda/apoio para o processo de aprendizagem e de reflexão sobre a prática educativa.

1- CONHECIMENTO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO

	1	2	3	4	5	NO
Domina os conteúdos que ensina				X		
Relaciona a explicação com os interesses dos alunos				X		
Apresenta analogias, comparações e exemplos				X		
Explicita, passo a passo, a sua proposta					X	
Enfatiza os pontos-chave que o aluno deve compreender e assimilar				X		
Mobiliza os saberes de forma integrada				X		

2- DESEMPENHO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO

	1	2	3	4	5	NO
Coordena adequadamente os ritmos de ensino aprendizagem na sala de aula				X		
Espera que haja silêncio para explicar					X	
Comunica de forma assertiva					X	
Motiva os alunos para a actividade					X	
Adequa a actividade aos conhecimentos prévios dos alunos				X		
Utiliza materiais didácticos adequados aos alunos					X	
Percebe quando algum aluno fica confuso e esclarece antes de avançar				X		
Expressa-se com fluência e correcção linguística					X	
Adequa o discurso à competência linguística dos alunos				X		
Revela coerência e firmeza na gestão das regras estabelecidas, na sala de aula					X	
Anima os alunos para que estes: expressem opiniões, coloquem dúvidas e perguntas					X	
Solicita aos alunos analogias e comparações com o seu dia-a-dia				X		
Utiliza adequadamente a voz					X	
Gere, adequadamente, a sua movimentação no espaço					X	
Revela flexibilidade face a situações não previstas				X		



3- FORMULAÇÃO DE QUESTÕES

	1	2	3	4	5	NO
Coloca questões para verificar se o aluno assimilou os conteúdos					X	
As questões exigem não só recordar mas também reflectir				X		
Concede ao aluno o tempo necessário para responder				X		
As questões promovem nos alunos o gosto pela pesquisa				X		
Quando a resposta de um aluno é desadequada ou incompleta oferece oportunidade para que outros alunos possam corrigir ou completar				X		

4- A INTERACÇÃO COM OS ALUNOS

	1	2	3	4	5	NO
Manifesta sentido de humor				X		
Mostra interesse por todos os alunos					X	
Procura que os mais tímidos intervenham				X		
Demonstra serenidade				X		
Escuta pacientemente e com atenção				X		
Elogia de forma apropriada					X	
Fomenta a ajuda mútua (aprendizagem cooperativa) entre os alunos					X	
Não permite que a turma ria de um aluno					X	
Ajuda o aluno a pensar e a actuar por si mesmo				X		
Entende que o erro é parte do processo de aprendizagem e por tal anima o aluno a ser curioso e criativo				X		
Sabe resolver conflitos que possam surgir					X	
Recorda oportunamente as regras estabelecidas					X	

Morada para correspondência

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Rua Gil Vicente 138 - 142 | 4000-255 Porto
T 225 573 420 | F 225 508 485 E dep.basica@esepf.pt
www.esepf.pt

Província Portuguesa do Instituto das Irmãs de Santa Doroteia
Alameda das Linhas de Torres 2, 1750-146 Lisboa
Contribuinte N.º 500 731 179
Pessoa Jurídica Canónica



Departamento de
Formação em
Educação Básica
ESEPF

5- COMPROMISSO E ATITUDE COM O ENSINO REFLEXIVO*

	1	2	3	4	5	NO
Mostra interesse e entusiasmo com a prática educativa					X	
Procura identificar os pontos fortes e fracos da sua prática educativa				X		
Demonstra preocupação em examinar criticamente os seus erros para aprender com eles				X		
Responde construtivamente ao acompanhamento				X		

Observações:

NOME DA PESSOA QUE ACOMPANHO: _____
ASSINATURA: *Giulia Maria Almeida Gomes*
Data: 21 a 23 de Novembro de 2011

* Preencher uma vez por mês

Anexo 40

Projeto Curricular de Turma, do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Projeto Curricular de Turma

1º Ano B

Ano Letivo 2011-2012

Índice

- 1) Introdução
- 2) Horário
- 3) Lista de alunos
- 4) Fotografias dos alunos
- 5) Caracterização da Turma
- 6) Competências
- 7) Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ciclo do Ensino Básico
- 8) Blogs em contexto educativo
- 9) Objetivos da área de projeto
- 10) Plano anual de atividades
- 11) Avaliação
- 12) Conclusão
- 13) Bibliografia

1. Introdução

O **Projeto Curricular de Turma** contempla uma caracterização da turma do 1º ano da turma B, do Colégio do Sardão, uma referência ao Programa Curricular; as Competências Gerais, Transversais e Específicas, tanto nas Áreas Curriculares Disciplinares, como nas Áreas Curriculares não Disciplinares do 1º ano de escolaridade.

“Os Exploradores da Floresta” é o tema do nosso projeto a desenvolver no Colégio do Sardão.

Neste documento, também será explicitado a avaliação pré-definida pelo Projeto Curricular de Escola, assim como, os instrumentos de avaliação mais adequados a desenvolver com os alunos em questão.

Por último, faremos uma apresentação do Plano Anual de Atividades e divulgaremos o horário da turma supramencionada.

2. HORÁRIO

HOR AS	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
09:00					Inglês
09:45					
10:30	INTERVALO				
11:00					Educação Físico- Motora
11:45			Inglês		
12:30	ALMOÇO				
14:00					
15:00/15:15		Ed ucação Fís ico- Motora	Educação Musical	E ducação Moral e Religios a	

Os espaços em branco correspondem às áreas de Estudo do Meio, Língua Portuguesa, Matemática, Expressão Plástica, Expressão Dramática, Formação Cívica, Estudo Acompanhado e Área de Projeto, que são trabalhadas em aula de acordo com a planificação semanal.

3. Lista de alunos

4. Fotografias dos alunos

5. Caracterização da Turma

A turma do 1.º ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, [...] situado na freguesia de Oliveira do Douro – Vila Nova de Gaia, é composta por 26 alunos, sendo dez do sexo masculino e dezasseis do sexo feminino. Segundo Piaget, as mesmas encontram-se no estágio de desenvolvimento pré-operatório, sendo capazes de organizar o seu pensamento/inteligência através de processos de assimilação, acomodação e adaptação. Grande parte dos alunos conhecem-se desde o Jardim de Infância, havendo apenas três alunos que entraram para o grupo no 1º ano de escolaridade [...].

Grande parte do grupo já é capaz de representar as suas vivências e realidades, utilizando diferentes significantes. Os mesmos podem ser “jogo simbólico”, onde predomina a assimilação, desenhos (onde a criança representa a realidade que vive, segundo os seus esquemas de ação), linguagem (ainda bastante egocêntrica, pouco socializada, ou seja, a linguagem está centrada na própria criança), imagem e pensamento (a imagem mental funciona como suporte do pensamento; possui um pensamento pré-conceptual, onde os desejos se tornam realidade).

Nesta idade as crianças recorrem deveras ao animismo, dando características humanas a seres inanimados, e isso aparece muito nos desenhos de [...].

Aos seis anos configura-se como uma idade de transição, surgindo novas expectativas, impulsos, e sentimentos na criança.

Neste sentido, e principalmente para este grupo, a forma de aprenderem não se confina a um tipo formal de ensino de conteúdos e programas do currículo da escola. É necessário dar vida a estes, associando-os a atividades criadoras e com experiências motoras/sociais.

O desenvolvimento de competências no estágio pré-operatório é fundamental, pois as crianças aprendem de forma rápida e flexível, iniciando o pensamento simbólico, em que ideias dão lugar a experiências concretas.

Neste grupo os alunos conseguem já partilhar socialmente as aprendizagens, uma vez que são bastante comunicativos e interessados pela aquisição de novos conhecimentos, questionando permanentemente professora e estagiárias.

Todavia, as suas percepções imediatas são encaradas como verdade absoluta, sem perceberem bem que podem existir outros pontos de vista, privilegiando as suas percepções subjetivas, desprezando as relações objetivas.

Possuem a necessidade de imposição de regras bem definidas de saber-estar na sala de aula, uma vez que têm um comportamento inconstante, necessitando de momentos de relaxamento para acalmarem dos períodos de transição aula/intervalo.

Contudo, a nível comportamental a turma tem vindo a melhorar, mas são bastante conversadores.

Em termos gerais os alunos possuem bom aproveitamento, participando ativamente nas atividades propostas, realizando os trabalhos de casa assiduamente, sendo maioritariamente pontuais.

Língua Portuguesa apresenta-se como a área curricular de maior dificuldade, nomeadamente a nível da leitura e escrita, uma vez que se encontram num período de iniciação.

Por sua vez, no que se concerne à Matemática e ao Estudo do Meio, os alunos não registam grandes dificuldades, sendo áreas que gostam de trabalhar.

No que diz respeito às Expressões Artísticas, as mesmas têm sido abordadas de forma a motivar os alunos para as restantes atividades das outras áreas, e os alunos mostram interesse e empenho para as mesmas.

5.1-Organização da sala de aula

O espaço físico é uma estrutura importante no processo Ensino/Aprendizagem. Terá que ser devidamente pensado, como uma dimensão a considerar, paralelamente aos conteúdos, estratégias e actividades. É uma condição que pode facilitar ou, pelo contrário, dificultar o desenvolvimento curricular.

O ambiente de aprendizagem e as dinâmicas da sala dependem, de algum modo, da forma como o espaço está organizado.

Segundo Zabalza (1998):

“O ambiente da sala (...) cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa (...) facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação, apoiando e fortalecendo, o desejo de aprender”. (p.237).

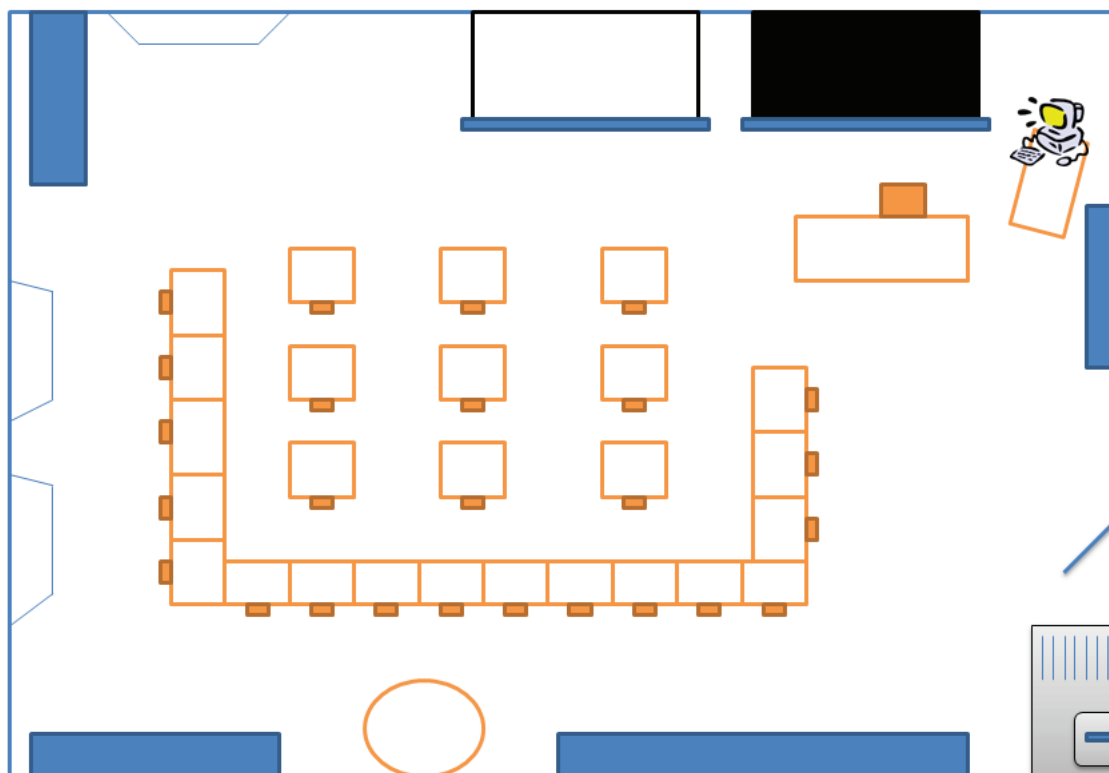
A sala do 1º ano está devidamente dividida por diferentes áreas (biblioteca, Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Religião e Moral) e “cantinhos” (cantinho dos aniversários e das responsabilidades), sendo as crianças seres ativos neste processo de gestão e organização, o que por sua vez contribui para a sua adesão e consequente interesse, tornando mais afetiva a organização. Como nos refere Silva (1997, p.19) “admitir que a criança desempenha um papel ativo na (...) aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo.”

Segundo Zabalza (1998):

“O espaço jamais é neutro. A sua estruturação, os elementos que a formam, comunicam ao indivíduo uma mensagem que pode ser coerente ou contraditório com o que o educador que fazer chegar à criança. O educador não se pode conformar com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, (...) decidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torna-lo seu, (...) fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para se desenvolver.” (pp.235,236).

A disposição da sala esteve em contínua mudança, tentando, progressivamente, que os alunos conseguissem trabalhar em pares/grupo.

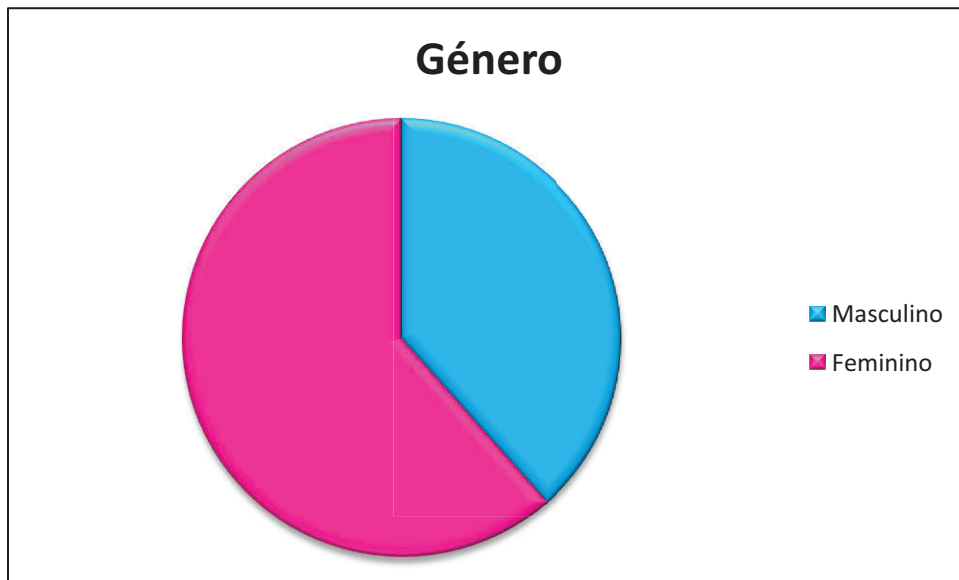
Primeiramente, os mesmos encontravam-se sozinhos por carteiras, uma vez que as regras de saber estar na sala ainda não estavam interiorizadas. Este tipo de organização não facilitava o desenrolar de certas atividades mais dinâmicas. Neste sentido, depois de vários diálogos com a turma, e várias tentativas falhadas de organizar a sala de diferentes formas, para que os alunos convivessem mais uns com os outros sem perturbar o decorrer da aula, conseguiu-se modificar a sala, colocando as carteiras em cercadura, e algumas no seu interior.



5.2- Alunos

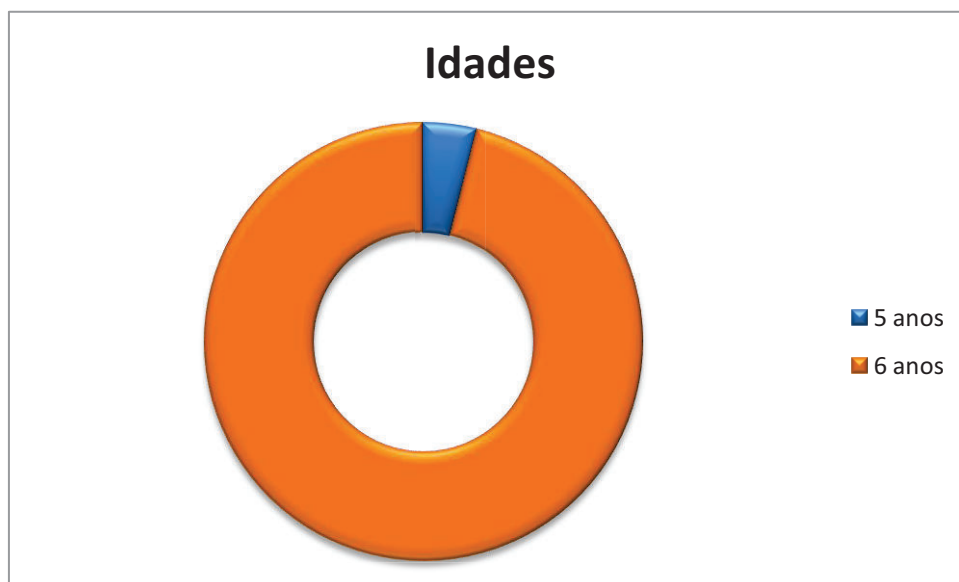
5.2.1- Género

	Género	
	Masculino	Feminino
Número de alunos	10	16



5.2.2. Idades

	Idades	
	5 anos	6 anos
Número de alunos	1	25



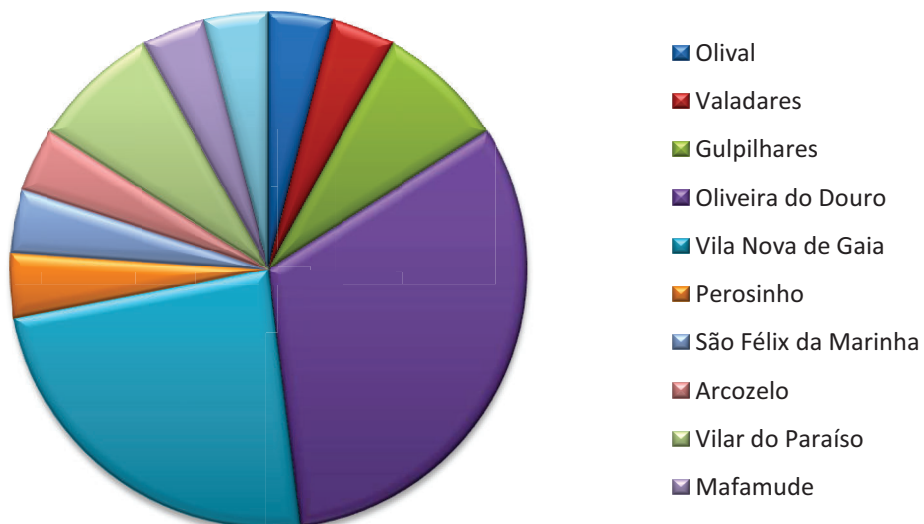
5.2.3. Refeições no colégio

	Dias de Semana				
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Número de alunos	20	20	20	20	20

5.2.4.) Local de residência

Localidades de Vila Nova de Gaia	Número de alunos
Olival	1
Valadares	1
Gulpilhares	2
Oliveira do Douro	8
Vila Nova de Gaia	6
Perosinho	1
São Félix da Marinha	1
Arcozelo	1
Vilar do Paraíso	2
Mafamude	1
Avintes	1
Pedroso	1

Localidades de Vila Nova de Gaia



5.2.5. Distância de casa ao colégio

	Distância de casa à escola			Sem informação
	1 a 5 Km	6 a 10 Km	Mais de 10 Km	
Número de alunos	12	2	6	7

5.2.6.) Atividades extra-curriculares

		Número de alunos
Atividades Extra-Curriculares	Karaté	
	Ballet	
	Natação	
	Viola	
	Catequese	

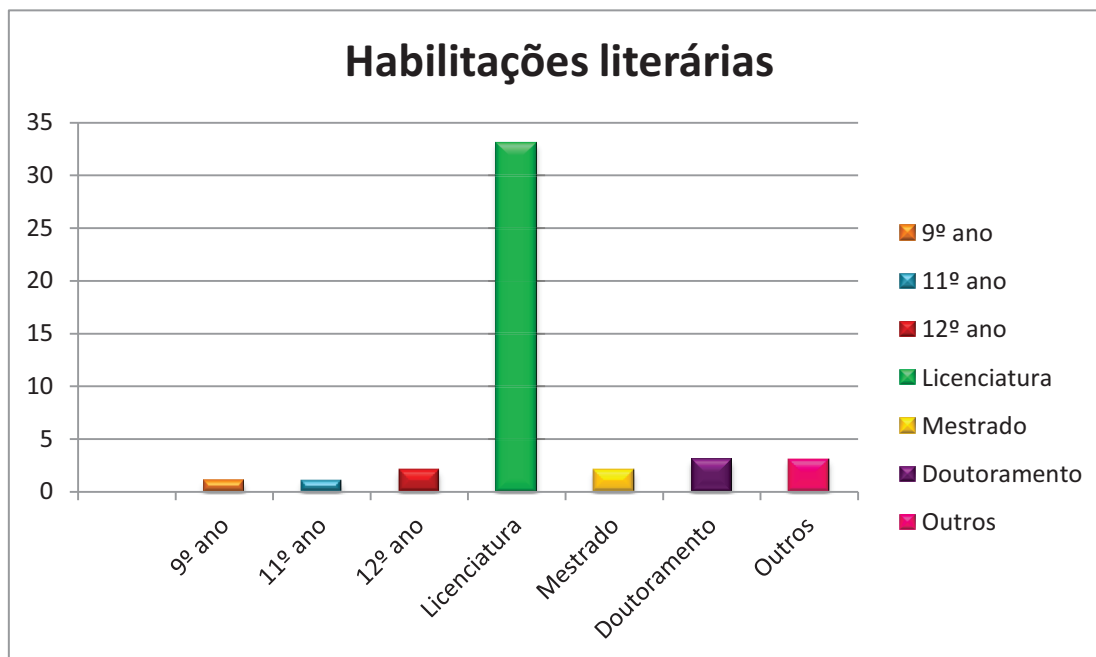
5.2.7. Problemas de saúde

Problemas de saúde	Número de alunos
Rinite alérgica	1
Dermatite atópica - Asma	1
Alergias	1
Amigdalites	1
Convulsões febris	1

5.3. Pais

5.3.1. Habilitações literárias

Habilitações Literárias	Número de pais
9º ano	1
11º ano	1
12º ano	2
Licenciatura	33
Mestrado	2
Doutoramento	3
Outros	3



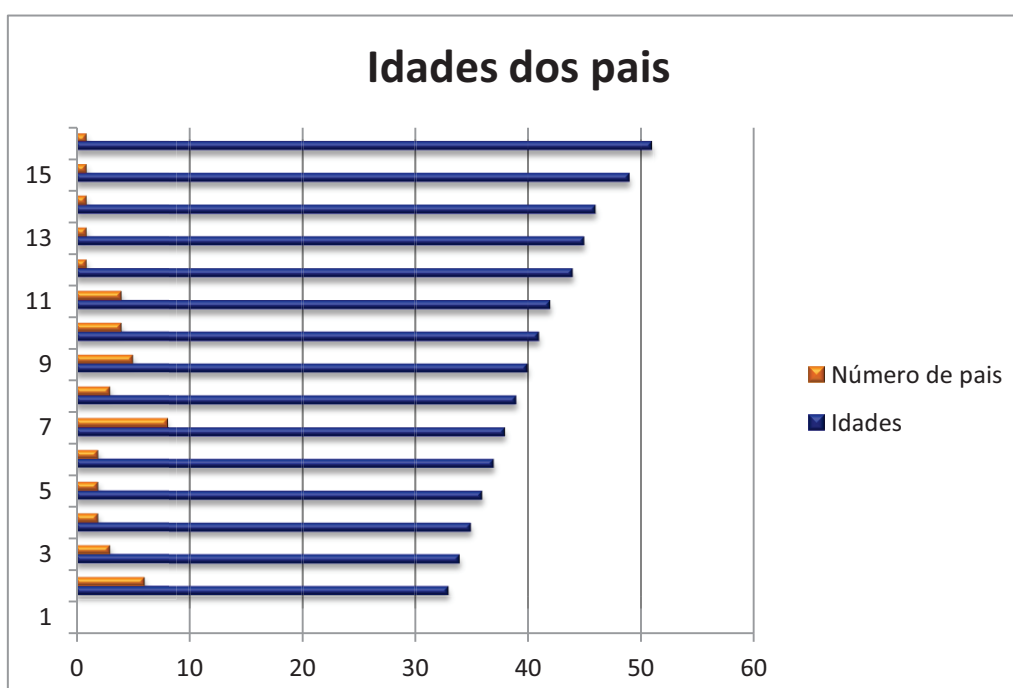
5.3.2. Profissão

Profissão dos pais	
Profissão	Número de pais
Gestor(a)	3
Professor(a)	11
Engenheiro civil	1
Farmacêutica	1
Engenheiro(a)	3
Enfermeira	1
Economista	1
Administrativa	1
Solicitador	1
Procurador adjunto	1
Bancário	1
Advogado(a)	3
Médico dentista	1

Psicólogo clínica	1
Gerente	1
Delegado comercial	1
Responsável de exportação	1
Consultor	1
Empresário(a)	3
Delegado enfermagem	1
Técnica de saúde	1
Técnico de hardware	1
Educadora infantil	1
Dirigente/Inspetor da Segurança Social	2
Dona de casa	1
Técnica de ótica	1

5.3.3. Idade

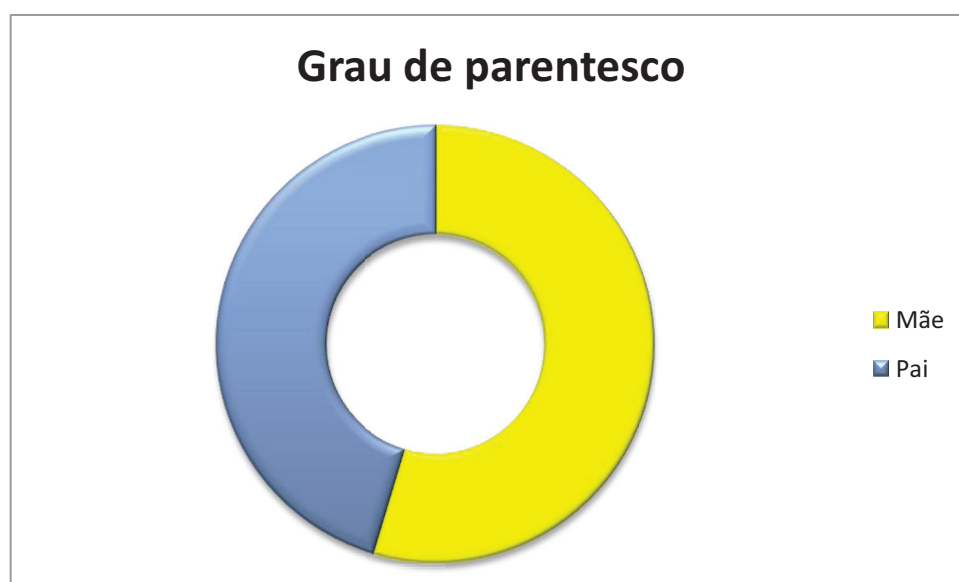
Idades	Número de pais
33	6
34	3
35	2
36	2
37	2
38	8
39	3
40	5
41	4
42	4
44	1
45	1
46	1
49	1
51	1



5.4. Encarregados de Educação

5.4.1.) Grau de parentesco

Grau de parentesco	Número
Mãe	24
Pai	20



6) Competências Gerais, Transversais e Específicas

“ A competência diz respeito ao processo de activar recursos (conhecimentos, capacidades, estratégias) em diversos tipos de situações, nomeadamente situações problemáticas. Por isso, não se pode falar de competências sem lhe associar o desenvolvimento de algum grau de autonomia em relação ao uso do saber”

Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais

“A competência não exclui, mas exige, a apropriação sólida e ampla de conteúdos, organizados numa síntese integradora, apropriada pelo sujeito, de modo a permitir-lhe «convocar» esse conhecimento face às diferentes situações e contextos. A competência implica a capacidade de ajustar os saberes a cada situação.”

Maria do Céu Roldão, 2003

6.1.) Competências gerais

- ❖ Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;
- ❖ Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- ❖ Usar corretamente a Língua Portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio;
- ❖ Usar línguas estrangeiras (Inglês) para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;
- ❖ Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem, adequadas a objetivos visados;

- ❖ Pesquisar, seleccionar e organizar informação para transformar em conhecimento mobilizável;
- ❖ Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
- ❖ Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa;
- ❖ Cooperar com os outros em tarefas e projetos comuns;
- ❖ Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

O desenvolvimento destas competências pressupõe que todas as áreas curriculares atuem em convergência.

6.2. Competências Transversais

As competências transversais estão relacionadas com a importância primordial de aprender a aprender, a fim de que os alunos sejam progressivamente mais activos e mais autónomos na sua própria aprendizagem.

Com a designação de transversais pretende-se evidenciar que estas competências atravessam todas as áreas de aprendizagem propostas pelo currículo, sendo igualmente susceptíveis de se tornarem relevantes em diversas situações da vida dos alunos.

❖ **No domínio cognitivo, da participação / cooperação, da responsabilidade, na capacidade de escuta... contribuem para:**

- Desenvolver o gosto pela língua materna;
- Desenvolver as capacidades de comunicação oral e escrita;
- Inculcar hábitos de trabalho e organização;
- Promover o respeito das regras básicas de atuação na sala de aula;
- Desenvolver o gosto pela realização de trabalhos de pesquisa;
- Promover a utilização correta do vocabulário científico;
- Capacitar os alunos para a resolução de problemas através da aplicação de conhecimentos e da seleção de estratégias adequadas;

- Desenvolver a capacidade de encadear logicamente uma ideia;
- Desenvolver a capacidade de iniciativa;
- Valorizar o Colégio / Escola como veículo de transmissão de valores, atitudes e conhecimentos (saber estar, saber ser e saber fazer).

❖ **No domínio de Atitudes e Valores:**

- Desenvolver atitudes de respeito e de obediência no cumprimento dos deveres inerentes à condição do aluno, promovendo:
 - atitudes de sociabilidade que assentem no respeito mútuo;
 - hábitos de trabalho individual ou em grupo;
 - a auto estima e confiança nas suas possibilidades;
 - o desenvolvimento equilibrado dos alunos a nível afectivo, cognitivo e psicomotor.

6.3. Competências específicas

Áreas Curriculares

6.3.1. Língua Portuguesa

❖ **Compreensão do Oral**

- Alargamento da compreensão a discursos em diferentes variedades do Português, incluindo o Português padrão;
- Capacidade de extrair e reter a informação essencial de discursos em diferentes variedades do Português padrão;
- Familiaridade com o vocabulário e as estruturas gramaticais de variedade do Português e conhecimentos de chaves linguísticas para a identificação de objetivos comunicativos;

❖ **Expressão Oral**

- Alargamento da expressão oral em Português padrão;
- Capacidade de se exprimir de forma confiante, clara e audível, com adequação ao contexto e ao objetivo comunicativo;
- Conhecimento de vocabulário diversificado e de estruturas sintáticas de complexidade crescente;

❖ **Leitura**

- Aprendizagem dos mecanismos básicos de extração de significados do material escrito;
- Conhecimento de estratégias básicas para a decifração automática de cadeias grafemáticas e para a extração de informação de material escrito;

❖ **Expressão Escrita**

- Domínio das técnicas instrumentais de escrita;
- Capacidade para produzir textos escritos;

6.3.2. Matemática

❖ **Números e Cálculo**

- A compreensão global dos números e das operações e a sua utilização flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias úteis de manipulação dos números e das operações;
- O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação dos elementos dos conjuntos numéricos, assim como das propriedades das operações desses conjuntos;
- A aptidão para efetuar cálculos mentalmente e com os algoritmos de papel e lápis;

- A sensibilidade para a ordem de grandeza de números, assim como a aptidão para estimar valores aproximados de resultados de operações e decidir a razoabilidade de resultados obtidos por qualquer processo de cálculo;
- A predisposição para procurar e explorar padrões numéricos em situações matemáticas e não matemáticas;
- A aptidão para dar sentido a problemas numéricos e para reconhecer as operações que são necessárias à sua resolução, assim como para explicar os métodos e o raciocínio que foram usados;
- A compreensão do sistema de numeração de posição;

❖ Geometria

- A compreensão do sistema de numeração de posição;
- A aptidão para realizar construções geométricas e para reconhecer/descrever as propriedades de figuras geométricas, nomeadamente recorrendo a materiais manipuláveis;
- A compreensão dos conceitos de comprimento, de capacidade/volume e de massa;
- A compreensão do processo de medição e a aptidão para fazer medições com unidades de medida, de escolha livre, em situações diversas do quotidiano;
- A predisposição para procurar e explorar padrões geométricos e o gosto por investigar propriedades e relações geométricas;
- A aptidão para formular argumentos válidos recorrendo à visualização e ao raciocínio espacial, explicitando-os em linguagem corrente;
- A sensibilidade para apreciar a geometria no mundo real e o reconhecimento e a utilização de ideias geométricas em diversas situações, nomeadamente na comunicação;

6.3.3. Estudo do Meio

❖ A localização no espaço e no tempo

- Reconhecimento e identificação de elementos espaço-temporais que se referem a acontecimentos, factos, marcas da história pessoal e familiar, da história local e nacional;
- Reconhecimento e utilização no quotidiano de unidades de referência temporal;

❖ **O conhecimento do ambiente natural e social**

- Caracterização das estações do ano, utilizando diversos indicadores resultantes da observação direta e indireta;
- Observação direta dos aspetos naturais e humanos do meio e realização de atividades práticas e trabalho de campo no meio envolvente à escola;
- Reconhecimento de semelhanças e diferenças entre lugares tendo em conta as diversas formas de ocupação e uso da superfície terrestre;
- Reconhecimento da existência de semelhanças e diferenças entre seres vivos, entre rochas e entre solos e da necessidade da sua classificação;

❖ **O dinamismo das inter-relações entre o natural e o social**

- Conhecimento das modificações que se vão operando com o crescimento e envelhecimento, relacionando-as com os principais estádios do ciclo de vida humana;
- Reconhecimento de que a sobrevivência e o bem-estar humano dependem de hábitos individuais de alimentação equilibrada, de higiene, de atividade física e de regras de segurança e de prevenção;

6.3.4. Expressão e Educação Musical*

❖ **Interpretação e Comunicação**

- Canta as suas músicas e as dos outros, utilizando diversas técnicas vocais simples;
- Apresenta publicamente peças musicais utilizando instrumentos e técnicas interpretativas simples;

❖ **Criação e experimentação**

- Seleciona e organiza diferentes tipos de materiais sonoros para expressar determinadas ideias, sentimentos e atmosferas utilizando estruturas e recursos técnico-artísticos elementares, partindo da sua experiência e imaginação;
- Explora ideias sonoras e musicais partindo de determinados estímulos e temáticas;

❖ **Percepção sonora e musical**

- Identifica e explora as qualidades dos sons;
- Identifica auditivamente mudanças rítmicas, melódicas e harmónicas;

❖ **Culturas musicais nos contextos**

- Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha;

6.3.5. Expressão e Educação Dramática

- Relacionar-se e comunicar com os outros;
- Explorar diferentes formas e atitudes corporais;
- Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento;
- Explorar diferentes tipos de emissão sonora;
- Aliar gestos e movimentos ao som;
- Orientar-se no espaço através de referências visuais, auditivas e tácteis;
- Utilizar e transformar o objeto, através da imaginação;
- Explorar o uso de máscaras, fantoches e marionetas;
- Realizar improvisações e dramatizações a partir de histórias ou situações simples;
- Participar na criação oral de histórias;
- Observar, escutar e apreciar o desempenho dos outros;

6.3.6. Expressão e Educação Motora*

- Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas da resistência geral, da velocidade de reação simples e complexa, de execução das ações motoras básicas e de deslocamento, da flexibilidade, do controle da postura, do equilíbrio dinâmico em situação de voo, de aceleração e de apoio instável e ou limitado, do controle de orientação espacial, do ritmo e da agilidade;
- Participar com empenho no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de atividades;
- Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma;
- Realizar ações motoras básicas de deslocamento no solo, encadeamento ou combinação de movimentos;
- Participar em jogos ajustando a sua iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às oportunidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações com oportunidade e correção de movimentos;
- Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais;
- Reconhece a música como parte do cotidiano e as diferentes funções que ela desempenha;
- Reconhece a música como parte do cotidiano e as diferentes funções que ela desempenha;
- Realizar um percurso na mata, bosque, com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, mantendo a percepção da direção do ponto de partida;

* Estas áreas, Expressão Musica e Motora, são desenvolvidas por professores especializados e têm um horário específico, no entanto, também são trabalhadas na sala de aula.

6.3.7. Expressão e Educação Plástica

❖ Comunicação Visual

- Interpretar narrativas visuais;
- Traduzir diferentes narrativas em imagens;
- Identificar e descodificar mensagens visuais, interpretando códigos específicos;
- Aplicar de forma funcional, diferentes códigos visuais;
- Experimentar a leitura de formas visuais em diversos contextos - pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, etc...
- Ilustrar temas e situações;
- Explorar a relação imagem – texto na construção de narrativas visuais;
- Reconhecer processos de representação gráfica convencional;

❖ Elementos da Forma

- Identificar e experimentar diferentes modos de representar a figura humana;
- Compreender as relações do seu corpo com os diferentes objectos integrados no espaço visual;
- Reconhecer diferentes formas de representar o espaço;
- Identificar os elementos integrantes da expressão visual – linha, textura e cor;
- Compreender que a forma aparente dos objectos varia com o ponto de vista;
- Contactar e experimentar representações bidimensionais e tridimensionais;
- Criar formas a partir da sua imaginação utilizando intencionalmente os elementos visuais;

6.3.8. Língua Estrangeira – Inglês

Áreas curriculares não disciplinares

Formação Cívica

“Esta área deve proporcionar um *“espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade”*.

(Decreto - Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro)

❖ Finalidades:

- Desenvolver competências necessárias ao exercício da cidadania;
- Promover o desenvolvimento da auto-estima, de regras de convivência e do respeito mútuo que contribuam para a formação de cidadãos autónomos, participativos, tolerantes e civicamente responsáveis;
- Desenvolver os valores de solidariedade e do respeito pela diferença;
- Proporcionar momentos de reflexão sobre a vida em turma, da escola e da comunidade, bem como os princípios democráticos que orientam o seu funcionamento;
- Proporcionar situações de expressão de opinião, de tomada de decisão com respeito pelos valores da liberdade e democracia;
- Adquirir conhecimentos importantes para a compreensão do funcionamento da sociedade e das suas instituições;

Estudo Acompanhado

“Esta área curricular não disciplinar visa a “aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens”.

(Decreto - Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro)

❖ Finalidades:

- Ajudar os alunos na identificação e análise de estratégias de estudo, de acordo com as suas características individuais;
- Desenvolver nos alunos a capacidade de reconhecer as suas motivações e interesses e de concretizá-los em atividades diversas;
- Desenvolver o gosto pelo trabalho e pelo estudo;
- Desenvolver a iniciativa, a persistência, a responsabilidade e a criatividade;
- Aumentar a auto-estima e a auto-confiança;
- Desenvolver competências sociais: o respeito pelos outros, a cooperação, a comunicação;
- Capacitar para uma aprendizagem cada vez mais autónoma.

Área de Projeto

“Área curricular não disciplinar que visa “a conceção, realização e avaliação de projetos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos”.

(Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro)

❖ Finalidades:

- Participar na selecção de temas;
- Levantar questões diversas;
- Responsabilizar-se nas tarefas individuais e de grupo;
- Participar na elaboração de regras;
- Confrontar ideias;
- Apresentar sugestões;
- Desenvolver as vertentes de pesquisa, promovendo a articulação dos diferentes conhecimentos disciplinares e não disciplinares;
- Desenvolver a curiosidade intelectual, o gosto pela investigação, pelo trabalho e pelo estudo;
- Desenvolver áreas de expressão (oral, escrita, artística, tecnológica...);
- Desenvolver competências sociais: a comunicação, o respeito pelos outros, a solidariedade, a cooperação, a autonomia, consciencialização que todos temos uma função na sociedade/comunidade e que todos podemos contribuir para melhorar o “mundo” que nos rodeia.

ANEXO 2

CONTEÚDOS – PROGRAMAÇÃO ANUAL PARA O 1º ANO DE ESCOLARIDADE

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO – MOTORA

Bloco 1 – Perícia e Manipulação

- Realizar ações motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da ação própria ao efeito pretendido de movimentação do aparelho.

1ºAno

❖ Em concurso individual:

- LANÇAR uma bola em precisão a um alvo fixo, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos.

- RECEBER a bola com as duas mãos, após lançamento à parede, evitando que caia ou toque outra parte do corpo.
- RODAR o arco no solo, segundo o eixo vertical, saltando para dentro dele antes que finalize a sua rotação.
- Manter uma bola de espuma no ar, de forma controlada, com TOQUES DE RAQUETE, com e sem ressalto da bola no chão.
- DRIBLAR com cada uma das mãos, em deslocamento, controlando a bola para manter a direção desejada.

1º e 2ºAnos

❖ Em concurso individual:

- LANÇAR uma bola em distância com a «mão melhor» (a mão mais forte) e com as duas mãos, para além de uma marca.
- LANÇAR para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e RECEBÊ-LA com as duas mãos acima da cabeça (o mais alto possível) e perto do solo (o mais baixo possível).
- ROLAR a bola, nos membros superiores e nos membros inferiores

(deitado) unidos e em extensão, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais.

- PONTAPEAR a bola em precisão a um alvo, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.
- PONTAPEAR a bola em distância, para além de uma zona/marca, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.
- Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de um «balão», com os membros superiores e a cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola.

❖ Em concurso a pares:

- CABECEAR um «balão» (lançado por um companheiro a «pingar»), posicionando-se num ponto de queda da bola, para a agarrar a seguir com o mínimo de deslocamento.
- PASSAR a bola a um companheiro com as duas mãos (passe «picado», a «pingar» ou de «peito»), consoante a sua posição e ou deslocamento.
- RECEBER a bola com as duas mãos, parado e em deslocamento.

- ❖ Em concurso individual ou estafeta, ROLAR O ARCO com pequenos «toques» à esquerda e à direita, controlando-o na trajetória pretendida.

Bloco 2 – Deslocamentos e Equilíbrios

- Realizar ações motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua ação para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.

1ºAno

- ❖ Em percursos que integram várias habilidades:
 - RASTEJAR deitado dorsal e ventral, em todas as direções, movimentando-se com o apoio das mãos e ou dos pés.
 - ROLAR sobre si próprio em posições diferentes, nas principais direções e nos dois sentidos.
 - Fazer CAMBALHOTA à frente (engrupada), num plano inclinado, mantendo a mesma direção durante o enrolamento.
 - SALTAR sobre obstáculos de alturas e comprimentos variados, com chamada a um pé e a «pés juntos», com receção equilibrada no solo.
 - SALTAR para um plano superior (mesa ou plinto), após chamada a pés juntos, apoiando as mãos para se sentar, ou apoiar os pés, ou os joelhos.
 - CAIR voluntariamente, no colchão e no solo, partindo de diferentes posições, rolando para amortecer a queda (sem apoiar as mãos para travar o movimento).
 - SALTAR de um plano superior com receção equilibrada no colchão.
 - SUBIR E DESCER o espaldar, percorrendo os degraus alternadamente com um e com o outro pé e com uma e outra mão.

1º e 2ºAnos

- ❖ Em concurso individual, com patins:
 - MARCHAR sobre os patins com variações de ritmo e amplitude da passada, mantendo o equilíbrio.

- RECUPERAR O EQUILÍBRIO agachando-se ou, ao desequilibrar-se totalmente, baixar-se e «fechar» para sentar ou rolar, amortecendo o impacto sem colocar as mãos ou braços no solo.
 - DESLIZAR de «cócoras», após impulso de um colega, mantendo os patins paralelos e os braços à frente, ELEVANDO-SE (sem perder o equilíbrio) e BAIXANDO-SE para se sentar antes de parar.
 - DESLIZAR sobre um patim, apoiando-o um passo à frente e deslocando o peso do corpo para esse apoio, mantendo-se em equilíbrio até se imobilizar totalmente.
 - DESLIZAR para a frente com impulso alternado de um e outro pé, colocando o peso do corpo sobre o patim de apoio, movimentando os braços em harmonia com o deslocamento.
- ❖ Em percursos que integrem várias habilidades:
- SUBIR para um plano superior (mesa ou plinto), apoiando as mãos e elevando a bacia para apoiar um dos joelhos, mantendo os braços em extensão.
 - SUSPENDER E BALANÇAR numa barra, saindo em equilíbrio.
 - DESLOCAR-SE EM SUSPENSÃO, lateralmente e frontalmente, de uma à outra extremidade da barra, com pega alternada.
 - DESLOCAR-SE para a frente, para os lados e para trás sobre superfícies reduzidas e elevadas, mantendo o equilíbrio.
 - Em concurso individual, DESLIZAR sentado e deitado (ventral), em prancha, sobre o «skate», após impulso das mãos ou dos pés, mantendo o equilíbrio.

Bloco 4 – Jogos

- Participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico-táticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos.

1º e 2ºAnos

- ❖ Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, designadamente:
- posições de equilíbrio;

- deslocamentos em corrida com «fintas» e «mudanças de direção» e de velocidade;
- combinações de apoios variados associados com corrida, marcha e voltas;
- lançamentos de precisão e à distância;
- pontapés de precisão e à distância

Bloco 6 – Atividades rítmicas expressivas (dança)

- Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.

1º, 2º, 3º e 4º Anos

❖ Em situação de exploração individual do movimento, de acordo com a marcação rítmica do professor e ou dos colegas:

- Deslocar-se em toda a área (percorrendo todas as direções, sentidos e zonas), nas diferentes formas de locomoção, no ritmo-sequência dos apoios correspondente à marcação dos diferentes compassos simples(binário, ternário e quaternário), combinando «lento-rápido», «forte-fraco» e «pausa-contínuo»:
- Combinar o andar, o correr, o saltitar, o deslizar, o saltar, o cair, o rolar, o rastejar, o rodopiar, etc., em todas as direções e sentidos definidos pela orientação corporal.
- Realizar saltos de pequena amplitude, no lugar, a andar e a correr em diferentes direções e sentidos definidos pela orientação corporal, variando os apoios (dois-dois, um-dois, dois-um, um-mesmo, um-outro).
- Utilizar combinações pessoais de movimentos locomotores e não locomotores para expressar a sua sensibilidade a temas sugeridos pelo professor (imagens, sensações, emoções, histórias, canções, etc.), que inspirem diferentes modos e qualidades de movimento.

Bloco 7 – Percursos da Natureza

- Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.

1ºe 2ºAnos

- Realizar um percurso na mata, bosque, montanha, etc., com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado.

Expressão e Educação Musical

Bloco 1 – Jogos de Exploração

❖ Voz

- Dizer rimas e lengalengas;
- Entoar rimas e lengalengas;
- Cantar canções;
- Reproduzir pequenas melodias;
- Experimentar sons vocais (todos os que a criança é capaz de produzir);

❖ Corpo

- Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas, ...;
- Acompanhar canções com gestos e percussão corporal;
- Movimentar-se livremente a partir de:
 - sons vocais e instrumentais;
 - melodias e canções;
 - gravações;

- Associar movimentos a:
 - pulsação, andamento, dinâmica;
 - acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica;
 - Fazer variações bruscas de andamento (rápido, lento) e intensidade (forte, fraco);
- Fazer variações graduais de andamento («acelerando», «retardando») e de intensidade (aumentar, diminuir);
- Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos;

❖ *Instrumentos*

- Experimentar as potencialidades sonoras de materiais e objetos;
- Utilizar instrumentos musicais.

Bloco 2 – Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical

❖ *Desenvolvimento auditivo*

- Identificar sons isolados:
 - do meio próximo;
 - da natureza;
- Identificar ambientes/texturas sonoras:
 - do meio próximo;
 - da natureza;
- Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de:
 - lengalengas, canções, melodias e danças, utilizando percussão corporal, instrumentos, voz, movimento;
- Reproduzir com a voz ou com instrumentos:

- sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias (cantadas ou tocadas, ao vivo ou de gravação);
- Dialogar sobre:
 - meio ambiente sonoro;
 - produções próprias e do grupo;
 - encontros com músicos;

❖ **Expressão e Criação Musical**

- Participar em danças.

Expressão e Educação Dramática

Bloco 1 – Jogos de exploração

Corpo

- ❖ A variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo.
- ❖ Através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento.

- Movimentar-se de forma livre e pessoal:

-sozinho;

-aos pares;

- Explorar as atitudes de:

-imobilidade-mobilidade, contração-descontração, tensão-relaxamento

- Explorar a respiração torácica e abdominal;

- Explorar o movimento global do seu corpo da menor à maior amplitude;

- Explorar os movimentos segmentares do corpo.

Voz

- ❖ Explorar as diferentes possibilidades da voz, fazendo variar a emissão sonora e, progressivamente, ir aliando ao som gestos e movimentos, é desenvolver fatores sempre presentes num jogo dramático.
- ❖ Os temas propostos deverão estar adequados à idade e experiência das crianças de molde a adquirirem maior confiança e acuidade na utilização da voz como instrumento essencial à expressão e comunicação.

- Experimentar maneiras diferentes de produzir sons;
- Explorar sons orgânicos ligados a ações quotidianas;
- Reproduzir sons do meio ambiente;
- Aliar a emissão sonora a gestos/movimentos;

Espaço

- ❖ Para adquirir, progressivamente, o domínio do espaço, a criança precisa de utilizar, adaptar e recriar.
- ❖ A partir de uma história ou de uma personagem, os jogos de orientação no espaço, utilizando diferentes níveis e direções, permitem explorar diferentes maneiras de se deslocar e utilizar o espaço circundante.
 - Explorar o espaço circundante;
 - Explorar deslocações simples seguindo trajetos diversos;
 - Explorar diferentes formas de se deslocar: de diferentes seres (reais ou imaginados) em locais com diferentes características;
 - Orientar-se no espaço a partir de referências visuais, auditivas, tácteis
 - Deslocar-se em coordenação com um par;
 - Explorar diferentes níveis (baixo, médio, alto);

Objetos

- ❖ A utilização e a transformação imaginária de um objeto são estímulos à capacidade de recriar ou inventar personagens e de desenvolver situações. Na sala de aula deve existir material diversificado para as crianças utilizarem livremente nas histórias que vão inventando.
 - Explorar as qualidades físicas dos objetos;
 - Explorar as relações possíveis do corpo com os objetos

- Deslocar-se com o apoio de um objeto: individualmente/em coordenação com um par;
- Explorar as transformações de objetos: imaginando-os com outras características/ utilizando-os em ações;
- Utilizar máscaras, fantoches;

Bloco 2 – Jogos Dramáticos

Linguagem não verbal

- ❖ Num jogo dramático estão sempre presentes os sinais exteriores do corpo no espaço, através da mímica, dos gestos, das atitudes, dos movimentos e da utilização de objetos.
- ❖ As crianças, em interação, irão explorando a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas.
 - Utilizar espontaneamente, atitudes, gestos, movimentos;
 - Reagir espontaneamente, por gestos/movimentos a:
sons/palavras/ilustrações/atitudes, gestos;
 - Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos: sonoros ou verbais/um objeto real ou imaginado/um tema.

Linguagem verbal

- ❖ Em atividades coletivas ou de pequeno grupo, as crianças vão-se sensibilizando à utilização de sons, de silêncios e de palavras.
- ❖ O professor e as crianças poderão propor improvisações a partir de palavras, imagens, objetos ou de um tema.
 - Participar na elaboração oral de uma história
 - Improvisar um diálogo ou uma pequena história: a dois/em pequeno grupo a partir de:
-uma ilustração.

Linguagem verbal e gestual

- ❖ A utilização simultânea da dimensão verbal e gestual ganha, aqui, o seu pleno significado. Em interação, as crianças irão desenvolvendo pequenas improvisações explorando, globalmente, as suas possibilidades expressivas e utilizando-as para comunicar.

• Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma ação precisa:

- em interação com o outro;
- em pequeno grupo.

Expressão e Educação Plástica

Bloco 1 – Descoberta e Organização Progressiva de Volumes

Modelagem e Escultura

- ❖ Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade:
 - terra, areia;
 - barro;
- ❖ Modelar usando apenas as mãos;

Construções

- ❖ Fazer e desmanchar construções;
- ❖ Inventar novos objetos utilizando materiais ou objetos recuperados;
- ❖ Construir:
 - brinquedos;
 - jogos;
 - máscaras;
 - adereços;

Bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies

Desenho

- ❖ ***Desenho de Expressão livre***
 - Desenhar na areia, em terra molhada;

- Desenhar no chão do recreio;
- Desenhar no quadro da sala;
- Explorar as possibilidades técnicas de:
 - dedos, paus, giz, lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis,...;
 - Utilizando suportes de:
 - diferentes tamanhos;
 - diferentes espessuras;
 - diferentes texturas;
 - diferentes cores;

Atividades Gráficas Sugeridas

- ❖ Ilustrar de forma pessoal;
- ❖ Criar frisos de cores preenchendo quadriculas;
- ❖ Contornar objetos, formas, pessoas;
- ❖ Desenhar sobre um suporte previamente preparado (com anilinas, tinta de escrever, ...);

Pintura

❖ *Pintura de Expressão Livre*

- Pintar livremente em suportes neutros;
- Explorar as possibilidades técnicas de:
 - mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aquarela, anilinas, tintas de água...;

❖ *Atividades de Pintura Sugerida*

- Fazer digitinta;

Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de expressão

❖ **Recorte, Colagem, Dobragem**

- Explorar as possibilidades de diferentes materiais:
 - elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objectos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações... rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando... procurando formas, cores, texturas, espessuras...;
- Fazer composições colando:
 - diferentes materiais rasgados, desfiados;
- Fazer dobragens;

❖ **Impressões**

- Estampar a mão, o pé, ...;
- Estampar elementos naturais;
- Fazer monotipias;
- Imprimir com carimbos (feitos em vegetais, cortiça,...);

❖ **Tecelagem e Costura**

- Utilizar, em tapeçarias, diferentes materiais:
 - tecidos, tiras de pano, lãs, botões, cordas, elementos naturais;
- Desfazer diferentes texturas:
 - tecidos, malhas, cordas, elementos naturais,...;
- Tecer em teares de cartão;

Estudo do Meio

Bloco 1 – À descoberta de si mesmo

1ºAno

❖ A SUA IDENTIFICAÇÃO

- Conhecer:
 - nome(s), próprio(s), nome de família/apelido(s);
 - sexo, idade;

— endereço.

❖ OS SEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS

- Selecionar jogos e brincadeiras, músicas, frutos, cores, animais...
- Descrever lugares, atividades e momentos passados com amigos, com familiares, nos seus tempos livres...

❖ O SEU CORPO

- Identificar características familiares (parecenças com o pai e com a mãe, cor do cabelo, dos olhos...).
- Reconhecer modificações do seu corpo (peso, altura...).
- Reconhecer a sua identidade sexual.
- Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros).
- Representar o seu corpo (desenhos, pinturas, modelagem...).
- Comparar-se com os outros:
 - com os colegas da escola (mais novo/mais velho, mais alto/mais baixo, louro/moreno...);
 - com os pais e irmãos.

❖ A SAÚDE DO SEU CORPO

- Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes...).
- Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).
- Reconhecer a importância de posturas corretas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...).
- Conhecer e aplicar normas de vigilância da sua saúde (idas periódicas ao médico, boletim individual de saúde).

❖ A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...).
- Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos:
 - cuidados a ter com objetos e produtos perigosos (cortantes, contundentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...);
 - cuidados a ter com a eletricidade;
 - sinalização relativa à segurança (venenos, eletricidade...).

❖ O SEU PASSADO PRÓXIMO

- Descrever a sucessão de atos praticados ao longo do dia, da semana...:
 - localizar no espaço;
 - localizar numa linha de tempo;
 - estabelecer relações de anterioridade, posteridade e simultaneidade (antes de, depois de, ao mesmo tempo que);
 - reconhecer unidades de tempo: dia e semana;
 - nomear os dias da semana.

❖ AS SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO PRÓXIMO

- O que irá fazer amanhã, no fim-de-semana, nas férias que estão próximas...:
 - exprimir aspirações;
 - enunciar projetos.

Bloco 2- À descoberta dos outros e das instituições

1ºAno

❖ OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA

- Conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade.
- Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).
- Representar a sua família (pinturas, desenhos...).

❖ OUTRAS PESSOAS COM QUEM MANTÉM RELAÇÕES PRÓXIMAS

- Conhecer os nomes, idades, sexo de:
 - amigos da escola e de fora da escola;
 - vizinhos;

- o(a) professor(a);
- outros elementos da escola.

❖ A SUA ESCOLA

- A sua classe:
 - conhecer o número de alunos, horários, regras de funcionamento, funções dos vários elementos da classe;
 - participar na organização do trabalho da sala (planificação, avaliação...);
 - participar na arrumação, arranjo e conservação da sala, do mobiliário e dos materiais;
 - participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma.
- O funcionamento da sua escola:
 - participar na elaboração de regras;
 - conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.

Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural

1ºAno

❖ OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola.
- Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais.
- Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida).

❖ OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- O tempo que faz (registar, de forma elementar e simbólica, as condições atmosféricas diárias).
- A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...).
- Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...).

❖ IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA

(das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...).

Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços

1ºAno

❖ A CASA

- Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...).
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua casa (desenhos, pinturas...).

❖ O ESPAÇO DA SUA ESCOLA

- Reconhecer os diferentes espaços da sua escola (salas de aula, cantina, recreio, outras dependências)
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua escola (desenhos, pinturas...).

❖ OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).
- Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

❖ LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

(perto de/longe de; em frente de/atrás de; dentro de/fora de; entre; ao lado de; à esquerda de/à direita de...).

Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos

1ºAno

- ❖ REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objetos variados...)
- Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...).
- Agrupar materiais segundo essas propriedades.

❖ REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

- Realizar experiências que conduzem à conservação da capacidade/volume, independentemente da forma do objeto.
- Identificar algumas propriedades físicas da água (incolor, inodora, insípida).
- Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam.
- Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, dissolver, tornar moldável...).

❖ REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

- Identificar sons do seu ambiente imediato.
- Produzir sons (percutindo, soprando, abanando objetos e utilizando instrumentos musicais simples).

❖ MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, martelo, sacho, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

Língua Portuguesa

Bloco 1 – Comunicação Oral

1. *Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza*

❖ Expressar-se por iniciativa própria:

- em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos);
- em pequeno ou em grande grupo:
 - para organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - na realização de projetos ou de atividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).

❖ Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos;

❖ Descrever desenhos e pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, locais ;

❖ Comunicar, oralmente, descobertas realizadas pelo aluno;

- ❖ Contar histórias.
- ❖ Participar, em grupo, na elaboração de histórias e de relatos;
- ❖ Contar histórias inventadas;
- ❖ Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces de histórias);
- ❖ Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, desenhos, pinturas...);
- ❖ Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos...);
- ❖ Regular a participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros);

2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- ❖ Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (uma ordem, um pedido, duas ordens seguidas, um recado);
- ❖ Identificar intervenientes (em contos orais);
- ❖ Reter informações a partir de um enunciado oral (um recado, um aviso);
- ❖ Formular perguntas e respostas;
- ❖ Responder a questionários;
- ❖ Dramatizar cenas do quotidiano, situações vividas ou imaginadas;
- ❖ Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonoras...) e vice-versa;
- ❖ Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de uma frase, dizendo-a como quem ri, como quem chora, como quem pede, como quem manda, como quem pergunta);

3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

- ❖ Recolher produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares);
- ❖ Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava línguas, lengalengas, rimas, cantares);

- ❖ Reconhecer elementos sonoros comuns e diferentes (em rimas, lengalengas, trava-línguas).
- ❖ Construir rimas, cantilenas...;

Bloco 2 – Comunicação Escrita

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- ❖ Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...);
- ❖ Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela Língua escrita (atividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes);
- ❖ Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos;
- ❖ Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias;
- ❖ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir das suas ilustrações;
- ❖ Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouve ler);
- ❖ Localizar, em jornais, notícias, a partir de imagens;
- ❖ Comparar, em diferentes jornais, as mesmas notícias e as imagens que as ilustram;
- ❖ Localizar, em jornais, as páginas que indicam programas de televisão..., programas infantis...;
- ❖ Descobrir e localizar, em jornais e revistas, e através das imagens, um programa de televisão de que gosta;
- ❖ Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção de escrita (recados, avisos, descobertas realizadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, bibliotecas, museus...);

2. Desenvolver as competências da Escrita e da Leitura

- ❖ Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, correspondência...);
- ❖ Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de atividades e de projetos em curso (escrita do nome próprio, nome completo, nomes dos companheiros, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, etiquetas, avisos, recados, convites, correspondência, relatos de visitas de estudo);
- ❖ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (cada aluno ter um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, garatujar, escrever como souber, o que quiser, quando quiser);
- ❖ Relacionar produções orais dos alunos com a sua forma escrita (discursos do quotidiano, histórias);
- ❖ Experimentar múltiplas situações de descoberta, de análise e de síntese, a partir de textos, de frases, de palavras.
- ❖ Reconstruir o texto com expressões ou com palavras recortadas, e presença do modelo, sem a presença do modelo, no quadro de pregas, no flanelógrafo, nos cadernos;
- ❖ Descobrir expressões iguais ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções;
- ❖ Reconhecer expressões ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções;
- ❖ Colecionar as palavras descobertas e reconhecidas;
- ❖ Construir novos textos com expressões ou palavras já recortadas;
- ❖ Comparar textos, expressões e palavras, a fim de descobrir semelhanças e diferenças nos aspetos gráfico e sonoro;
- ❖ Descobrir elementos comuns a várias palavras;
- ❖ Construir palavras por combinatória de elementos conhecidos;
- ❖ Construir listas de palavras que contenham elementos conhecidos (a mesma sílaba, inicial... média, ou final...);
- ❖ Construir rimas ou cantilenas a partir de palavras conhecidas;

- ❖ Realizar jogos de substituição de letras ou de sílabas para formar outras palavras (com letras móveis, sem letras móveis);
- ❖ Realizar jogos de comutação de letras para formar outras palavras;
- ❖ Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, discursos do quotidiano, de carácter utilitário, a partir de palavras ou de imagens);
- ❖ Praticar o aperfeiçoamento de textos, em grupo, com o professor, e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar...);
- ❖ Ler textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- ❖ Ler textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para o professor, para um grupo, para um companheiro);
- ❖ Relacionar textos lidos com as suas vivências escolares e extra-escolares;
- ❖ Ler livros ou textos adequados à sua idade e nível de competência de leitura;
- ❖ Identificar personagens e ações;
- ❖ Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias);

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- ❖ Recolher documentação (gravuras, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos...);
- ❖ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...);
- ❖ Construir um dicionário ilustrado (imagem/palavra), organizando-o segundo critérios combinados (por temas, por ordem alfabética...);
- ❖ Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversificados;
- ❖ Consultar ficheiros de imagens;
- ❖ Consultar o dicionário ilustrado;

Matemática

Bloco 1 – Números e operações

1ºAno

- Realizar manipulações que apelem à apreensão da noção de invariância da quantidade.
- Quantificar agrupamentos.
- Descobrir, progressivamente, os números (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Ler e escrever números.
- Efetuar contagens.
- Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a respetiva simbologia $>$, $<$, $=$.
- Ordenar números.
- Colocar números numa reta graduada e orientada.
- Ler e escrever os números por ordem crescente e decrescente.
- Efetuar contagens 2 a 2, 3 a 3, etc.
- Explorar situações que conduzam à descoberta da adição e subtração.
- Calcular somas e diferenças (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Compor e decompor números em somas e diferenças.
- Utilizar os sinais «+» e «-» na representação de somas e diferenças (representação horizontal $a + b$, $a - c$).
- Representar relações que envolvam adições e subtrações através de diagramas de setas.
- Praticar o cálculo mental com números pequenos.
- Procurar estratégias diferentes para efetuar um cálculo.

Bloco 2 – Formas e espaço (iniciação à geometria)

1ºAno

- Manipular objetos.
- Situar-se no espaço em relação aos outros e aos objetos.
- Reconhecer o interior, o exterior de um domínio limitado por uma linha ou por uma superfície fechadas.

- Estabelecer relações entre objetos segundo a sua posição no espaço.
- Conhecer e utilizar o vocabulário: em cima, atrás, à frente, entre, dentro, fora, à esquerda, à direita, sobre, antes, depois,...
- Comparar objetos segundo algumas das suas propriedades.
- Fazer e desfazer objetos utilizando materiais moldáveis.
- Transformar e cortar objetos de materiais moldáveis.
- Fazer e desfazer construções com objetos (tubos, caixas, bolas, tacos, paus, materiais de encaixe, etc.).
- Reconhecer em objetos vários e em modelos geométricos, superfícies planas e não planas.
- Reconhecer e nomear, nos sólidos geométricos, figuras planas: quadrado, retângulo, triângulo e círculo.
- Desenhar figuras contornando superfícies planas de sólidos geométricos.
- Fazer composições com figuras geométricas (utilizando diferentes meios e instrumentos: recorte e colagem, dobragem, geoplano, tangram, «puzzles»).
- Desenhar em papel quadriculado:
 - livremente;
 - seguindo regras simples (por ex.: no de quadrículas);
 - reproduzindo figuras simples.
- Reconhecer figuras geométricas em diversas posições.
- Representar figuras geométricas planas utilizando materiais diversificados.
- Explorar simetrias utilizando livremente espelhos.
- Construir figuras simétricas através de dobragens e recortes.
- Deslocar-se num espaço determinado e representar o seu percurso.
- Deslocar-se segundo algumas regras.
- Traçar itinerários no chão.
- Traçar itinerários entre dois pontos:
 - numa grelha desenhada no chão;
 - numa grelha desenhada no quadro;
 - em papel quadriculado.

- Comparar itinerários.

Bloco 3 – Grandezas e Medidas

1ºAno

- Estabelecer relações de grandeza entre objetos.
- Conhecer e utilizar o vocabulário corrente, utilizando nestas relações (alto/baixo, comprido/curto, largo/estrito, pesado/leve...).
- Fazer experiências que conduzam à noção de invariância das seguintes grandezas:
 - Comprimento independente da disposição dos objetos, da matéria.
 - Capacidade-volume, independente da forma do objeto e do conteúdo (água e diferentes líquidos, areia, grãos...).
 - Massa, independente do volume e do número de objetos.
- Fazer experiências utilizando diferentes materiais e objetos que conduzam à comparação:
 - de comprimentos;
 - de capacidade e volumes;
 - de massas.
- Ordenar objetos segundo um critério que envolva a noção de.
 - comprimento;
 - capacidade;
 - massa.
- Efetuar medições com unidades de medida, de escolha livre.
- Estabelecer relações entre factos e acções que levem à distinção de noções temporais:
 - antes/entre/depois;
 - ontem/hoje/amanhã;
 - agora/já;
 - muito tempo/pouco tempo;
 - ao mesmo tempo.
- Relacionar dia/semana.
- Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos e atividades (noite/dia, refeições, dias da semana...).
- Conhecer as moedas em uso.

7) Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ciclo do Ensino Básico

A articulação entre as várias etapas do percurso educativo implica uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada etapa a função de completar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspetiva de continuidade e unidade global de educação/ensino.

Aos educadores de infância e professores do 1.º ciclo compete ter uma atitude proactiva na procura desta continuidade/sequencialidade, não deixando de afirmar a especificidade de cada etapa, porém criando condições para uma articulação co-construída escutando os pais, os profissionais, as crianças e as suas perspetivas.

A transição das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) ainda que relativamente uniforme em termos de idade, revela grande diferença quanto ao número de anos de frequência da Educação Pré-Escolar e quanto à situação em que cada uma se encontra. A planificação conjunta da transição das crianças é condição determinante para o sucesso da sua integração na escolaridade obrigatória.

Cabe ao educador, em conjunto com o professor do 1º CEB, proporcionar à criança uma situação de transição facilitadora da continuidade educativa. Esta transição envolve estratégias de articulação que passam não só pela valorização das aquisições feitas pela criança no Jardim-de-infância, como pela familiarização com as aprendizagens escolares formais.

O Processo Individual da Criança que a acompanha na mudança da Educação Pré-Escolar para o 1º CEB assume particular relevância, enquanto elemento facilitador da continuidade educativa.

Nessa perspetiva, executam-se no Colégio algumas estratégias facilitadoras de articulação, organizadas e realizadas conjuntamente pelo Jardim-de-infância e pela Escola do 1º CEB:

- Momentos de diálogo/reuniões envolvendo docentes, encarregados de educação e crianças para troca de informações sobre como se faz e aprende no Jardim-de-infância e na Escola do 1º CEB;
- Planificação e desenvolvimento de projetos/atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos educadores, professores do 1º CEB e respetivos grupos de crianças;
- Organização de visitas guiadas às salas do 1º CEB e ao Jardim de Infância de docentes e crianças como meio de colaboração e conhecimento mútuo;
- Intercâmbio entre as salas dos professores do 1º Ciclo e dos educadores do Jardim-de-Infância;

- Troca de experiências entre os educadores com os diferentes grupos de crianças;

No final do ano letivo, o educador e o professor do 1º ano do 1º CEB, articulam estratégias no sentido de promover a integração da criança e o acompanhamento do seu percurso escolar:

- Organizando visitas guiadas às salas do 1º CEB para pais e crianças que vão frequentar o 1º ano, para conhecimento da dinâmica e do funcionamento da escola;

- Realizando reuniões entre o educador e o professor para:

❖ Troca de informação sobre o trabalho desenvolvido no Jardim-de-infância, de modo a que, o professor, ao construir o seu Projeto Curricular de Grupo/ Turma possa assegurar a continuidade e sequencialidade do percurso escolar das crianças;

- Troca de informações sobre a criança, o seu desenvolvimento e as aprendizagens realizadas;

- Partilha de informações sobre o decorrer do 1º ano na escolaridade das crianças que transitaram do Jardim-de-infância para o 1º CEB, de modo a que ao acompanhar o seu percurso, o educador possa continuar a articular com o professor tendo em vista o sucesso escolar da criança.

8) Blog em contexto educativo

Este ano todas as nossas turmas continuam a ter um blog, mas afinal o que significa a palavra blog? Não é mais do que uma abreviatura das palavras inglesas Web (rede) e de log (diário de bordo), será assim então uma espécie de diário de turma, onde estes serão atualizados frequentemente.

Foi a partir de uma reflexão pessoal/coletiva e profissional, que se começou a rebater sobre a mudança de práticas educativas mais tradicionais, para praticas educativas mais inovadoras e colaborativas. Para que desse modo, pudessem incentivar ainda mais a imaginação, a leitura, a escrita criativa, reforçar o uso de novas tecnologias, favorecer a iniciativa, a reflexão, a espontaneidade, a interrogação, de maneira a promover e vivenciar a cooperação, o diálogo, o sentido de partilha e de solidariedade entre todos.

Com os blogs de turmas, pretendemos apresentar as várias etapas de um projeto desenvolvido no nosso colégio, na sala de aula, em grupo ou mesmo de um trabalho individual. Queremos divulgar as diversas atividades letivas que irão decorrer ao longo do ano letivo. Difundir ao mesmo tempo, as atividades e trabalhos dos alunos nas diferentes áreas do conhecimento. Aspiramos desenvolver nos alunos um espírito mais crítico, mais justo e tolerante perante o Outro. Aumentar a curiosidade tecnológica dos nossos alunos. Desejamos ajudar a comunidade educativa com esclarecimentos e informações elaboradas pelos próprios alunos ou pelos professores. Ambicionamos desenvolver habilidades e

competências nas diferentes áreas de conhecimento, relevar a importância da interdisciplinaridade e aplicar os conteúdos estabelecidos no currículo. Trabalhar com imagens/desenhos criados ou registados pelos próprios alunos, ampliando as suas habilidades cognitivas na área da criação. Almejamos aproximar os pais/encarregados de educação do colégio. Ansiamos trocar experiências, ampliar a aula e a visão de mundo. E finalmente fomentar ainda mais, experiências interculturais e ambientais com outras realidades nacionais e internacionais.

Deste modo, o professor será uma espécie de mediador neste processo, onde deverá levar os alunos a alcançar uma maior autonomia necessária para aquisição de aprendizagens significativas e possibilitar uma maior reflexão crítica e reinterpretação de conceitos e práticas educativas. Irá no nosso ponto de vista provocar uma maior motivação nos alunos, e por fim aprofundará as relações entre toda a comunidade educativa.

São assim do nosso ponto de vista inúmeras as vantagens da utilização dos blogs de turma. Por isso esperamos que apreciem.

9) Objetivos da Área de Projeto

TEMA AGLUTINADOR - “Ser Relação em espírito de família ...abraçando a floresta”.

Em ordem ao desenvolvimento e concretização do Projeto **“Ser Relação em espírito de família ...abraçando a floresta”**.–foram definidos os seguintes objetivos:

- Promover atitudes por parte da comunidade educativa em direção ao desenvolvimento de um meio ambiente Sustentável;
- Fomentar atitudes de respeito pela Vida e pela Natureza;
- Promover a interdisciplinaridade das diferentes áreas curriculares, que conduzam à criação de valores, atitudes e práticas que adaptem os alunos ao desempenho de funções socialmente responsáveis;
- Orientar os alunos na tomada de consciência da necessidade de preservar a “Nossa Quinta” e o meio ambiente em geral;
- Realizar atividades que conduzam à identificação de alguns fenómenos de poluição ambiental;
- Dar continuidade ao grupo de proteção do ambiente (ecco-warriors);
- Desenvolver espaços de agricultura biológica na nossa quinta;
- Continuar a divulgar os resultados obtidos de modo a alertar a comunidade educativa e as entidades responsáveis do concelho para problemas ambientais;
- Agitar o universo estético de toda a comunidade educativa;
- Promover a Paz pela via da oração e da interioridade em espírito de família;

- Envolver a “família” em momentos de partilha, valorizando a Relação, a proximidade, a Tolerância e a Liberdade;

Saber Ser, Estar e Fazer na Família Doroteia.

Tema da Congregação - “Ser Relação em espírito de família”

ACOLHER

- *Auto conhecimento/ Conhecimento dos outros*
- *Segundo a pedagogia de Santa Paula (1834), todos aqueles que estão ligados à sua obra, são tratados pelo seu nome, sentem-se bem e em família.*

Sub-tema - “Exploradores da floresta”

Objetivos do projeto:

Aferir a “saúde” do nosso planeta.

- *Refletir sobre as mudanças urgentes.*
- *Dinamizar uma horta biológica.*
- *Pesquisar alguma biodiversidade do planeta.*
- *Expor trabalhos realizados pelos alunos.*
- *Vivenciar experiências relacionadas com a floresta.*
- *Atuar de forma responsável e sustentável.*

10) PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES 2011/2012

1º ANO

Tema: “ Ser Relação em espírito de família...”

Sub - tema: Exploradores da Floresta

Atividades	Objetivos	Dinamizadores	Destinatários	Calendário
Reunião de Pais/ Enc. de Educação	Apresentar as competências do 1º Ano para o 1º Período. - Dar a conhecer o Projeto do Ano 2011/2012.	Direção Docentes	Enc. de Educação	2011 /09/
Receção aos alunos/ Enc. de Educação	- Proporcionar momentos de descontração/ envolvimento entre os diferentes elementos da comunidade escolar.	Docentes	Alunos Enc. de Educação	2011 /09/
Assembleia de Escola	- Apresentar os novos Eco-Guerreiros do ambiente no projeto Eco-Escola	Direção Docentes	Alunos	2011 /09/28
Início da Horta Pedagógica	- Sensibilizar para a educação ambiental	Docentes	Alunos	1ª semana de Outubro
Desfolhada	- Contactar com uma tradição	Docentes	Alunos	2ª

					semana de Outubro
Confeção de Marmelada	-Identificar os frutos de Outono; -Praticar as regras de conservação da Natureza	Docentes	Alunos		2011 /10/25
Visita de estudo à Escola de Educação Rodoviária de Santa Maria da Feira	-Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...).	Monitores	Alunos		3ª semana de Outubro
Entrega do formulário de adesão ao projeto Eco-Escola	- Formalizar o processo de candidatura ao projecto Eco-Escola	Direção Docentes	Comunidade e Escolar		Até dia 30 de Outubro
Magusto	- Celebrar o S. Martinho.	Docentes	Alunos		2011 /11/11
Dia Internacional da Paz - Vigília	- Demonstrar o poder de oração e de outras práticas espirituais para promover a paz e evitar os conflitos violentos	Direção Docentes	Comunidade e Escolar		2011 /11/11
Visita de Estudo à Terra dos Sonhos	- Vivenciar experiências relacionadas com o imaginário infantil, histórias, fábulas, lendas e o encanto de Natal	Docentes	Alunos		2ª semana de Dezembro
Atividade de Natal com os encarregados de educação	- Utilizar materiais reciclados e construir objetos.	Docentes	Alunos/ encarregados de		3ª semana de

				educação	Dezembro
Reunião intercalar	<p>- Entrega das avaliações do 1º Período;</p> <p>- Avaliação do 1º período;</p> <p>- Reunião de apresentação das competências do 2º período.</p>	Docentes	Enc. De Educação	De 2011 /12/	
Atividade com encarregados de educação: “Árvore Genealógica”	<p>- Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).</p> <p>- Representar a sua família</p>	Docentes	Alunos	2ª semana de Janeiro	
Dia do Aluno Comemoração dos 132 anos do Colégio	<p>- Proporcionar momentos de convívio e alegria.</p>	Docentes	Alunos	2012 /01/19	
Semana Cultural	<p>- Conviver;</p> <p>- Proporcionar momentos culturais.</p>	Docentes	Alunos	De 16 e 20 de Janeiro	
Festa de Carnaval	<p>- Festejar o Carnaval;</p> <p>- Proporcionar momentos de convívio e alegria.</p>	Docentes	Alunos	2012 /02/17	
Semana de Santa Paula Frassinetti	<p>- Dar a conhecer a fundadora da congregação.</p>	Docentes	Alunos	De 5 a 10 de Março	

Celebração dos Ramos	- Fazer festa a Jesus, o grande amigo da humanidade	Professores Irmãs	Comunidade e Educativa	2012 /03
Dia da Floresta / Dia da Poesia	-Sensibilizar para a importância da preservação das florestas - Relacionar a poesia ao meio ambiente	Docentes	Alunos	2012 /03/21
Reunião intercalar	- Entrega das avaliações do 2º Período; - Avaliação do 2º período; - Apresentação das competências do 3º período.	Docentes	Enc. de Educação	2012 /03/
Dia Eco-Escola	- Sensibilizar para a criação de comunidades sustentáveis e projectadas na não interferência com a inerente habilidade da natureza para sustentar a vida	Direção Docentes	Alunos	2012 /04/13
Visita de estudo ao Museu do Papel	- Conhecer a História do Papel	Docentes	Alunos	3ª semana de Abril
Visita de estudo a Serralves	- Ver, experimentar, criar, brincar, passear, descansar, descontrair, em percursos de exploração, em oficinas e exposições, em conversas e piqueniques, à	Monitores/ Docentes	Alunos	2ª semana de Maio

	descoberta da arte e dos artistas, mas também do ambiente, da biodiversidade e da paisagem.				
Passeio anual	- Conviver com colegas, professores e encarregados de educação.	Docentes	Alunos	3 ^a semana de Maio	
Dia Mundial da Criança	- Proporcionar momentos de descontração e diversão.	Docentes	Alunos	2012 /06/01	
Apresentação dos trabalhos do Projeto Curricular de Ano	- Dar a conhecer os trabalhos de grupo realizados no âmbito da Área de Projeto.	Docentes Alunos	Enc. de Educação	2 ^a semana de Junho	
Vinda dos Encarregados de Educação ao Colégio	- Entrega das avaliações do 3 ^o Período.	Docentes	Enc. de Educação	2012 /06	

11) AVALIAÇÃO

A avaliação é um importante recurso na melhoria do processo Ensino/Aprendizagem, abarcando todos os elementos deste processo (alunos, professor, objetivos, estratégias e metodologias).

A avaliação inicial é fundamental, pois é a partir dela que se podem conhecer as competências e atitudes do grupo. Igualmente importante é a avaliação ao longo do processo para verificar se os objetivos estão bem definidos, se a metodologia é adequada e se as atividades despertam o interesse dos alunos. A avaliação final deverá acontecer no fim de uma unidade temática ou de um determinado período de tempo.

“A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”.

Despacho Normativo n.º 1/2005

A avaliação visa apoiar o processo educativo, permitindo o reajustamento dos projetos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à seleção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos. Esta pretende, ainda, certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa.

Desta forma, devemos entender a avaliação como um *“processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno”.*

Decreto-Lei nº. 6/2001

11.1.) Modalidades de avaliação dos alunos

A avaliação dos alunos, num momento inicial será feita através da **avaliação diagnóstica** que conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno e apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.

Outra forma de avaliar o trabalho desenvolvido pelos alunos é a **avaliação formativa** que é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assumindo um carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem. Esta gere medidas de diferenciação pedagógica adequadas às características dos alunos e às aprendizagens e competências a desenvolver.

Deste modo, a avaliação dos alunos baseia-se numa **avaliação contínua** (direta e indireta) que obriga, os alunos, a acompanhar a matéria que vai sendo dada. Este tipo de avaliação reflete a permanente interação entre docentes e alunos. Também incide sobre diferentes tipos de trabalhos, escritos e orais, e sobre a participação dos alunos nas atividades letivas.

11.2.) Avaliação do aluno

Os instrumentos de avaliação definidos no Projeto Curricular de Escola são os instrumentos utilizados pelo professor titular da turma, sendo a sua execução realizada ao longo de todo o ano letivo. Deste modo, assinalam-se os seguintes parâmetros:

- ❖ Trabalhos diários do aluno/ individuais e de grupo;
- ❖ Registos de observações;
- ❖ Registos de auto e Hetero - avaliação;
- ❖ Registos estruturados de avaliação;
- ❖ Todos os demais que o professor considere pertinentes, como sejam:
 - Organização do caderno diário;
 - Participação e cooperação nas atividades da aula;
 - Responsabilidade;
 - Autonomia;
 - Sociabilidade;
 - Interesse;
 - Comportamento;
 - Pontualidade/assiduidade.

12) CONCLUSÃO

13) BIBLIOGRAFIA

- ❖ Despacho Normativo n.º 1/2005;
- ❖ Site do ministério de Educação www.min-edu.pt;
- ❖ Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais;
- ❖ Organização Curricular e Programas;
- ❖ Maria do Céu Roldão, 2003;
- ❖ Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro.

ANEXO 41

Visita à Terra dos Sonhos, em Santa Maria da Feira

